



Carolina Isabel Dias Machado Costa

# O diálogo entre as coleções etnográficas e as documentais (Museu da Ciência e Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida): proposta de exposição e divulgação

Dissertação de Mestrado em Património Cultural e Museologia, no percurso de Museologia, orientada pelo Professor Doutor Pedro Júlio Enrech Casaleiro e coorientada pela Professora Doutora Liliana Isabel Esteves Gomes, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



## Faculdade de Letras

# O diálogo entre as coleções etnográficas e as documentais (Museu da Ciência e Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida): proposta de exposição e divulgação

### Ficha Técnica:

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Dissertação de Mestrado</b>
<b>Título</b>	<b>O diálogo entre as coleções etnográficas e as documentais (Museu da Ciência e Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida): proposta de exposição e divulgação</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Carolina Isabel Dias Machado Costa</b>
<b>Orientador/a</b>	<b>Professor Doutor Pedro Júlio Enrech Casaleiro</b>
<b>Coorientador/a</b>	<b>Professora Doutora Liliana Isabel Esteves Gomes</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Professor Doutor João Paulo Cabral Almeida Avelãs Nunes</b>
	<b>Vogais:</b>
	<b>1. Professor Doutor Pedro Júlio Enrech Casaleiro</b>
	<b>2. Professora Doutora Ana Luísa da Conceição dos Santos</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Património Cultural e Museologia</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Museologia</b>
<b>Data</b>	<b>23-07-2018</b>
<b>Classificação</b>	<b>17 valores</b>
<b>Fotografia da capa</b>	<b>Tirada pela mestranda</b>









“Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, isto é,  
iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por  
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,  
isto é, estar por ela ou ser por ela. (...).”

António Cicero, 1996.

“The more I looked at them, the more I studied them, the more I appreciated their beauty over and above the information about their context. They were beautiful! The more I described them and handled them, the more emotionally attached to them I became ... My eyes opened”.

Dr. Ekpo Eyo, cit. por Dudley, 2010, p. 1.





## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e ao meu Anjo da Guarda, por me terem acompanhado neste importante período da minha vida.

Ao Professor Doutor Pedro Casaleiro e à Professora Doutora Liliana Gomes que, enquanto meus orientadores, demonstraram, permanentemente, disponibilidade para conversar e orientar o meu percurso científico.

Ao Professor Doutor Jorge Canhoto que, na qualidade de Diretor da Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, me permitiu que a presente dissertação fosse desenvolvida, nesta instituição.

Ao Professor Doutor Luís Quintais e à Professora Doutora Andrea Gaspar pela disponibilidade e prontidão que demonstraram em colaborar, nesta investigação.

Aos funcionários da Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida, nomeadamente, à Dra. Sofia Gomes, à D.<sup>a</sup> Adelina Santos, à D.<sup>a</sup> Teresa Matias, à D.<sup>a</sup> Lina Alves e ao Sr. Amílcar Coutinho, pela facilidade que me concederam no acesso ao Depósito de Antropologia, bem como os recursos e condições de investigação que me foram por eles disponibilizados.

Aos meus Pais, Mizé e Eurico, pela educação e formação, pela união que, incessantemente, tivemos (os três) e temos (os seis) e, em especial, um agradecimento à Mizé, por, para além de minha mãe, ter sido minha companheira, colega e amiga.

À Mãe que, mais do que minha avó, foi como uma mãe que me transmitiu muito do que sei hoje e, por continuar a estar, do meu lado, sempre que preciso.

Ao meu marido, Filipe, por todo o amor, paciência interminável e dedicação, ao longo desta fase da minha vida, e por, acima de tudo, não me deixar desistir dos meus sonhos.

À Titi que, mais do que minha tia, é a minha irmã mais velha, por estar, sempre, pronta para me ajudar e fazer superar os obstáculos do meu caminho.

Ao Padrinho Luisinho, por todas as ajudas que me tem dado, como também, nos momentos mais difíceis da minha vida.

A todas as meninas e ao menino, que fazem parte da minha vida, Mimi, Alexandrina, Constança, Leninha, Mané, Helena e Miguel, pelos momentos de brincadeira e de felicidade que me proporcionam.

Aos meus queridos Professores, colegas e amigos do Mestrado em História, especialização em Museologia, com quem tanto aprendi e que, constantemente, me incentivaram e apoiaram, durante a elaboração desta dissertação.

Quero, ainda, deixar um agradecimento, à colaboração de alguns Museus, que fizeram parte integrante da minha investigação, como é o caso de: The Field Museum, Palestine Museum of Natural History, Natural History Museum LA County, Eromanga Natural History Museum, Instituto de Investigação Científica Tropical/Museu Nacional da História Natural e da Ciência de Lisboa (nas pessoas da Dra. Marta Lourenço, da Dra. Ana Godinho e da Dra. Bianca Moriés), Museu Nacional de Etnologia de Lisboa (na pessoa da Dra. Ana Botas), Museu Regional Carlos Machado, Museu Etnográfico da Madeira, Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, Museu Nacional da História Natural e da Ciência do Porto, Museu Municipal Santos Rocha e Museu Etnográfico da Praia de Mira.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, possibilitaram a concretização deste trabalho, o meu sincero agradecimento.

Carolina Machado Costa

## RESUMO

O diálogo existente entre as coleções etnográficas e documentais é uma temática premente no que concerne à sua exposição/divulgação.

Propõe-se a análise das coleções etnográficas e bibliográficas do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC) e da Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida (DCV) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), com vista à concretização de uma proposta de exposição.

Optou-se por uma abordagem qualitativa de natureza exploratória: revisão da literatura e estudo de caso. No estudo de caso concretiza-se a contextualização histórica das instituições supramencionadas, descrevem-se os acervos e explicitam-se os critérios de seleção dos objetos/livros, para uma posterior colocação em contexto expositivo.

Esta investigação, com uma forte componente prática aplicada, permitiu o estudo de objetos etnográficos de Angola e Moçambique (do MCUC) e da Guiné e de livros (particularmente o Livro Antigo) da Biblioteca do DCV, acompanhada pela elaboração de um guião fotográfico, de ilustrações alusivas, textos complementares e tabelas representativas dos objetos/livros selecionados. Concretizou-se ainda a elaboração de uma proposta de exposição e divulgação.

Reconhece-se que o diálogo entre acervos é profícuo e deve ser incrementado, em contexto expositivo, partindo de um basilar conhecimento das coleções, alicerçado na sua adequada investigação. No estudo de caso considerado para o presente trabalho, este diálogo revela-se fundamental para a divulgação das coleções etnográficas e bibliográficas do MCUC e da Biblioteca do DCV da FCTUC.

**Palavras-chave:** Etnografia, Livro Antigo, Exposição, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida da FCTUC

## **ABSTRACT**

The dialogue between ethnographic and bibliographical collections is an imperative theme when preparing their exposition/disclosure.

We propose the analysis of the ethnographic and bibliographical collections of the Science Museum of the University of Coimbra (MCUC) and the Life Sciences Department Library (DCV) of the Faculty of Science and Technology of Coimbra (FCTUC), with the aim of making an exposition proposal.

We have chosen a qualitative approach of an exploratory nature: a literature review and a case study. In the case study, it is made the background history of the institutions mentioned above, with the description of their collections. The objects/books selection criteria is explained for a subsequent placing in an exhibition context.

This research, with a strong practical component application, allowed the study of Angola and Mozambique (from MCUC) and Guinea's ethnographic objects and books (particularly the Old Book) of DCV's library, followed by the elaboration of a photographic guide, allusive illustrations, complementary texts and representative tables of the selected objects/books. We also made the elaboration of an exposition and disclosure proposal.

We recognize that the dialogue between collections is fruitful and should be promoted in an exhibition context. This dialogue starts with a primary knowledge of the collections and is based in an appropriate research. In the case study for this specific thesis, this dialogue is imperative for the disclosure of the ethnographic and bibliographical collections of the Science Museum of the University of Coimbra (MCUC) and the Life Sciences Department Library (DCV).

**Keywords:** Ethnography, Old Book, Exhibition, Science Museum of the University of Coimbra, Life Sciences Department Library of FCTUC

## LISTA DE SIGLAS, ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

AAEC	Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra
ABRACOR	Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais
AIC	American Institute for Conservation
ALA	American Library Association
art.º	artigo
CI	Ciência da Informação
cit.	citado
CPBA	Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos
DCV	Departamento de Ciências da Vida
DGPC	Direção Geral do Património Cultural
FCTUC	Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
FLUC	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
ICOM	International Council of Museums
IICT	Instituto de Investigação Científica Tropical
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
ISBD	International Standard Bibliographic Description
IPPC	Instituto Português do Património Cultural
LAA	Livro Antigo de Antropologia
MCUC	Museu da Ciência da Universidade de Coimbra
MUHNAC	Museu Nacional de História Natural e da Ciência
MLAUC	Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra
n.º	número
NP	Norma Portuguesa
ODLIS	Online Dictionary of Library and Information Science
OPAC	Online Public Access Catalog
p.	página
pp.	páginas
RMMR	Roteiro dos Museus e Espaços Museológicos da Região Centro
RPC	Regras Portuguesas de Catalogação

RPM	Rede Portuguesa de Museus
séc.	século
SIBUC	Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra
UC	Universidade de Coimbra
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization / Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UC	Universidade de Coimbra
v.	volume

# SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>V</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>VII</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>VIII</b>
<b>LISTA DE SIGLAS, ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS</b> .....	<b>IX</b>
<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>XI</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>5</b>
<b>PARTE I - QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL</b> .....	<b>9</b>
<b>1 – CONCEITOS OPERATÓRIOS E DOMÍNIO CIENTÍFICO DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1 – COLEÇÃO, ETNOGRAFIA, LIVRO ANTIGO, EXPOSIÇÃO: ANÁLISE CONCEPTUAL.....	11
1.2 – O OBJETO ETNOGRÁFICO COMO DOCUMENTO E VEÍCULO DE INFORMAÇÃO.....	26
1.3 – PATRIMÓNIO, MUSEOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: PONTES E RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES ...	29
<b>2 – MUSEUS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL E ETNOGRÁFICAS</b> .....	<b>34</b>
2.1 – MUSEUS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL ESTRANGEIROS.....	35
2.2 – MUSEUS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL / ETNOGRÁFICAS NACIONAIS.....	40
2.2.1 – <i>Portugal Continental - Distritos</i> .....	45
2.2.2 – <i>Arquipélagos atlânticos</i> .....	56
<b>PARTE II – ESTUDO DE CASO: O DIÁLOGO ENTRE COLEÇÕES</b> .....	<b>59</b>
<b>3 – AS COLEÇÕES CIENTÍFICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA</b> .....	<b>61</b>
3.1 – AS COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS DO MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.....	68
3.2 – A COLEÇÃO BIBLIOGRÁFICA DA BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA DA FCTUC ...	72
3.3 – PONTES E RELAÇÕES ENTRE COLEÇÕES.....	76
3.3.1 – <i>Seleção da amostra</i> .....	76
3.3.2 – <i>Discussão de resultados</i> .....	80
<b>4 – PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO E DIVULGAÇÃO</b> .....	<b>83</b>
4.1 – ENQUADRAMENTO EXPOSITIVO: JUSTIFICAÇÃO DA TEMÁTICA .....	83
4.2 – FUNDAMENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO DE OBJETOS SELECIONADOS .....	91
4.3 – O PROCESSO EXPOSITIVO: DO GUIÃO À AVALIAÇÃO SUMATIVA.....	92
4.3.1 - <i>Proposta de exposição com descrição dos suportes expositivos</i> .....	93
4.3.2 - <i>Programa de Avaliação</i> .....	95
4.4 – PROPOSTA DE DIVULGAÇÃO E COMUNICAÇÃO DA INFORMAÇÃO .....	96
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>103</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b> .....	<b>115</b>
<b>ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	<b>117</b>
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS</b> .....	<b>119</b>
<b>ÍNDICE DE TABELAS</b> .....	<b>121</b>

<b>APÊNDICES.....</b>	<b>123</b>
APÊNDICE I – MUSEUS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL ESTRANGEIROS.....	125
APÊNDICE II – QUESTIONÁRIOS PARA OS MUSEUS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL E ETNOGRÁFICAS ESTRANGEIROS .....	159
APÊNDICE III – QUESTIONÁRIOS PARA OS MUSEUS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL E ETNOGRÁFICAS NACIONAIS.....	165
APÊNDICE IV – OBJETOS ETNOGRÁFICOS DE RITUAL DO MCUC, DO ESTUDO DE CASO .....	167
APÊNDICE V – OBJETOS ETNOGRÁFICOS DO IICT/MUHNAC, DO ESTUDO DE CASO.....	173
APÊNDICE VI – COLEÇÕES SELECIONADAS PARA O ESTUDO DE CASO .....	181
APÊNDICE VII - APLICAÇÃO DO MODELO DO McCLUNG FLEMING AO OBJETO <i>Nkisi Kozo</i> .....	187
APÊNDICE VIII – CONTEXTO DE EXPOSIÇÃO DO OBJETO Nkisi Kozo.....	193
APÊNDICE IX – ESQUEMAS REPRESENTATIVOS DE ACESSO AO DEPÓSITO DE ANTROPOLOGIA (LIVRO ANTIGO E COLEÇÕES ESPECIAIS).....	195
APÊNDICE X – ESQUEMA ILUSTRATIVO DA ESTRUTURA DA SALA DO DEPÓSITO DE ANTROPOLOGIA, ONDE SE ENCONTRA A COLEÇÃO DE LIVRO ANTIGO .....	198
APÊNDICE XI – COMPOSIÇÃO TEMÁTICA DA COLEÇÃO DE LIVRO ANTIGO E COLEÇÃO ESPECIAL DA DIAMANG .....	200
APÊNDICE XII – ESQUEMA ILUSTRATIVO DAS BIBLIOTECAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA .....	204
<b>ANEXOS.....</b>	<b>206</b>
ANEXO I – ESQUEMA DO MODELO McCLUNG FLEMING .....	208



## INTRODUÇÃO

A presente dissertação teve subjacente a escolha de um objeto de estudo cuja investigação permitisse fazer uma ponte de ligação entre os conhecimentos adquiridos na licenciatura em Ciência da Informação e na pós-graduação em História, especialização em Museologia (concluída em 2015).

No decurso desta última formação académica desenvolvemos trabalhos de pesquisa sobre alguns objetos da Coleção Etnográfica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC), e, em 2017, no Mestrado em Património Cultural e Museologia no percurso de Conservação e Reabilitação, verificámos que a Coleção de Livro Antigo de Antropologia, para além de nunca ter sido anteriormente estudada, complementava estes mesmos objetos, através de ilustrações alusivas.

A problemática de investigação que emergiu e se foi objetivando, progressivamente, evidenciava um horizonte singular e, concomitantemente vasto, como se pode constatar pela quantidade de informação produzida e recebida, num curto espaço de tempo, para os dois casos que foram selecionados para a nossa investigação, o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra e a Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida (DCV) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC).

Os objetivos desta dissertação são os seguintes:

- Identificar as áreas/disciplinas, que se inter-relacionam com o objeto de estudo selecionado;
- Analisar os conceitos fulcrais da pesquisa;
- Identificar os Museus com coleções de História Natural e Etnográficas;
- Analisar as coleções etnográficas e documentais (do MCUC e da Biblioteca do DCV da FCTUC);
- Apresentar uma proposta de exposição e divulgação.

A metodologia qualitativa de investigação compreendeu a identificação, análise e seleção da produção científica / bibliográfica sobre o tema em estudo, tendo-se recorrido, sobretudo, à pesquisa em obras monográficas, artigos publicados em revistas especializadas, dissertações de mestrado, dicionários, enciclopédias e normas específicas, relacionados com esta mesma temática.

Complementarmente foi utilizado um questionário, que implicou a recolha, o tratamento e a análise de dados, respeitantes a Museus com coleções de História Natural e Etnográficas, estrangeiros e nacionais, por forma a tornar-se possível compreender as origens e tratamento das respetivas coleções, bem como, a sua manutenção, armazenamento e utilização.

Com a definição e análise de um caso de aplicação singular – coleções etnográficas do MCUC e Livro Antigo da Biblioteca do DCV, respetivamente – procurou-se perceber com detalhe a sua realidade, compreendendo as seguintes fases: recolha de dados, apresentação e descrição dos mesmos e sua análise. No que respeita à recolha de dados foi adotado a observação direta, com o auxílio do Livro de Registos e do Catálogo de Assuntos (ideográfico) da Diamang, pertencentes à Biblioteca, e, no caso dos objetos, estes foram selecionados com o recurso à base de dados do MCUC e, posteriormente, da visita às Reservas Etnográficas.

A estrutura da dissertação está dividida em duas partes: uma de natureza teórica e outra de índole prática, num total de quatro capítulos. Na parte teórica apresentamos o quadro teórico e concetual que serviu de fundamento à investigação.

No capítulo 1, desenvolvemos a estrutura argumentativa que contextualiza e alicerça o objeto de estudo, através da clarificação de conceitos fulcrais associados a esta temática, tais como Coleção, Etnografia, Livro Antigo e Exposição. A revisão da literatura efetuada permitiu fazer uma seleção dos conceitos, com origem em diferentes áreas/ramos científicos, tais como a Arquivística e a Biblioteconomia (Ciência da Informação) e a Museologia.

No capítulo 2, são abordados, os Museus com coleções de História Natural e Etnográficas, estrangeiros e nacionais, tendo como objetivo principal a recolha de informação sobre o tratamento das coleções dos objetos museológicos e documentais e sobre a forma como estes são colocados em contexto expositivo. A identificação, análise, recolha e tratamento de informação destes Museus será apresentada através de tabelas, gráficos e mapas, nos quais constarão os dados obtidos dos Museus inqueridos. No caso dos Museus Estrangeiros, apresentamos, ainda, em apêndice, uma tabela onde figura o nome da instituição, o continente/país (cidade) e um breve historial.

No capítulo 3, explicitamos os motivos e o critério de seleção dos objetos e dos livros para um contexto expositivo no MCUC, tendo por base os livros, em suporte papel, que possam “dialogar” com os objetos selecionados. Para tal, foram consideradas ilustrações, fotografias elucidativas e, ainda, textos complementares sobre: a) rituais, símbolos e costumes; b) crenças, magia e medicina; c) arte e escultura africana.

O capítulo 4 incide sobre a parte prática da dissertação: “Uma proposta de exposição e divulgação para as coleções etnográficas e documentais (MCUC e Biblioteca do DCV)”. Após a contextualização histórica destas duas instituições, fazemos uma breve descrição dos respetivos acervos. O quadro metodológico a utilizar baseou-se na seleção de objetos e documentos e que partilhem um alicerce comum, o ritual, que se subdivide em adivinhação, caça, casamento, cerimónia, comércio, culto e magia-religiosa. Complementarmente, seguir-se-á um guião fotográfico expositivo do estudo de caso.

A temática proposta para uma exposição temporária intitula-se: “Na presença de rituais: história, simbolismo e materialidade”.

Por último, apresentam-se conclusões e reflexões finais relativas ao trabalho desenvolvido e perspetivas de desenvolvimento futuro. É igualmente apresentada a bibliografia, assim como os apêndices e anexos, nos quais consta o resultado da investigação realizada sobre os diferentes Museus (nacionais e estrangeiros), os questionários que lhes foram enviados, o estudo de objetos, livros e respetivos acervos, os esquemas ilustrativos das suas localizações (Reservas Etnográficas e Depósito de Antropologia) e o exemplo de aplicação de um modelo de estudo (McClung Fleming).



## **METODOLOGIA**

O desenho metodológico do presente estudo baseou-se numa abordagem qualitativa com suporte num estudo exploratório. Na Parte I, de acordo com a estrutura do trabalho, procedeu-se a uma revisão bibliográfica que teve como objetivo contextualizar o objeto de estudo e sustentar a parte empírica, no que respeita à compreensão dos resultados obtidos e à sistematização das conclusões. Na parte II, apresentou-se o estudo de caso eleito.

O labor compreendeu a preparação do enquadramento epistemológico, teórico-metodológico e trabalho empírico. Para tal, foi essencial a identificação, análise e seleção da produção científica e bibliográfica sobre o tema em estudo, tendo-se recorrido, sobretudo, à pesquisa em obras monográficas, artigos publicados em revistas especializadas, dissertações de mestrado, dicionários, enciclopédias e normas específicas, de acordo com esta mesma temática.

A primeira parte deste trabalho, teve como enfoque o desenvolvimento de uma estrutura argumentativa que contextualiza e alicerça o objeto de estudo, através da clarificação de conceitos fulcrais associados a esta temática, tais como Coleção, Etnografia, Livro Antigo e Exposição. Concomitantemente, é feito um enquadramento teórico do estudo dos Museus com Coleções de História Natural no estrangeiro (situados em todos os continentes) e de História Natural e Etnográficos (situados em Portugal e que fazem parte da Rede Portuguesa de Museus e do Roteiro dos Museus e Espaços Museológicos da Região Centro), os quais consideramos de particular relevância para uma adequada contextualização da investigação.

Ainda no âmbito do enquadramento teórico, desenvolvemos um questionário para ser respondido por cada um dos Museus, centrando a análise nos seguintes pontos:

- 1 – Breve história do Museu;
- 2 – Objetos e tipologia das coleções existentes no Museu;
- 3 – Critério de organização e disposição das coleções;
- 4 – Manutenção e renovação das coleções;
- 5 – Divulgação e comunicação de iniciativas e exposições;
- 6 – Dificuldades encontradas na disposição das coleções;
- 7 – Tipo de visitantes;

- 8 – Existência de núcleo bibliográfico no Museu;
- 9 – Diálogo entre objetos e livros num contexto expositivo;
- 10 – Missão e papel dos objetos numa exposição.

Os questionários foram norteadores para a compreensão das origens das coleções e respetivo tratamento, bem como, da sua manutenção, armazenamento e utilização em Museus. Estes foram respondidos em diversos contextos, sendo que alguns deles, foram previamente agendados, como foi o caso dos Museus situados em Lisboa.

Após este trabalho de natureza teórica, iniciámos a segunda parte da investigação, elegendo um estudo de caso.

Yin (2014, p. 4) define o estudo de caso como um instrumento didático que tem como finalidade a aplicação de uma pesquisa teórico-prática, num contexto empírico concreto e pré-definido, que investiga um fenómeno contemporâneo, dentro do seu contexto real e valida uma visão holística das circunstâncias, em que o fenómeno a observar decorre, como podemos constatar, na citação seguinte:

“As a research method, the case study is used in many situations, to contribute to our knowledge of individual, group, organizational, social, political, and related phenomena. (...) the distinctive need for case study research arises out of the desire to understand, complex social phenomena. In brief, a case study allows investigators to focus on a “case” and retain a holistic and real-world perspective – such as in studying life cycles, small group behavior, organizational and managerial processes (...)” (2014, p. 4).

Com a definição e análise de um caso de estudo de aplicação singular e complementar – o Museu da Ciência da UC e a Biblioteca do DCV – procurou-se perceber com detalhe a sua realidade, compreendendo as fases: de recolha de dados, de apresentação e de descrição dos mesmos e da sua análise.

Procedemos, em primeiro lugar, à contextualização histórica e, em segundo, à descrição dos acervos, o que nos permitiu chegar ao desenvolvimento da parte prática, através da seleção da amostra. Esta última, no que concerne aos livros, só foi possível realizar através do auxílio do Livro de Registos e do Catálogo de Assuntos (ideográfico) da Diamang. No caso dos objetos, estes foram primeiramente selecionados com o recurso à base de dados do MCUC e, posteriormente, dentro

das Reservas Etnográficas. Quer os livros quer os objetos etnográficos foram abordados numa perspectiva museológica, tanto teórica, como prática, sendo ambas as coleções retratadas com um carácter ilustrativo e complementar.

Para a obtenção dos dados fundamentais para efetuar a análise e discussão de resultados, elaboraram-se os seguintes instrumentos de recolha:

- Numa primeira parte, foi feito o registo dos elementos que permitam identificar cada objeto do MCUC e do Instituto de Investigação Científica Tropical, que faz parte do Museu Nacional da História Natural e da Ciência de Lisboa (IICT/MUHNAC), que integram o estudo de caso (nome/nº de inventário, fotografia, descrição e função/uso);

- Numa segunda fase, caracterizaram-se internamente as coleções de Livro Antigo, da Diamang e de Marie-Louise Bastin, através da descrição da sua cota, autor/data/título e respetivos assuntos da amostra selecionada do estudo de caso.

Os resultados obtidos foram analisados e comparados à literatura revista, a fim de se identificarem semelhanças ou diferenças ou quaisquer relações teórico-práticas. Todos estes procedimentos foram registados em tabelas com as respetivas imagens fotográficas.

Com o desenvolvimento da parte prática, foi possível chegar à elaboração de um guia para uma proposta de exposição intitulada “Na presença de rituais: história, simbolismo e materialidade”, e para uma posterior divulgação e comunicação da informação.

Em suma, para a concretização desta investigação optou-se por uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, tendo-se procedido a uma revisão da literatura e à criação de um estudo de caso.





## **PARTE I - QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL**



# **1 – Conceitos operatórios e domínio científico de investigação**

## **1.1 – Coleção, Etnografia, Livro Antigo, Exposição: análise concetual**

A complexidade e as diversas interpretações que se podem obter na análise destes conceitos, levam-nos a proceder à sua interpretação concetual detalhada, crucial para que estes sejam entendidos e enquadrados dentro do âmbito da problemática em estudo.

Qualquer coleção, independentemente da sua raiz museológica ou bibliográfica, abrange, invariavelmente, objetos, artefactos, documentos raros, documentos antigos, com valores culturais e históricos ímpares, que se estabelecem e relacionam reciprocamente, proporcionando, no seu papel de mediadores, não só um diálogo entre si, como também uma permanente interação com o próprio público, constituindo assim uma triangulação perfeita.

A uma coleção, em geral, é dada permanente atenção e cuidados especiais, quer na sua disposição ao público, quer no seu processo de armazenamento, pelo que todos os procedimentos relacionados com as coleções são revestidos de singular importância e pormenorização, dignas da sua própria beleza e relevância. Tal como refere Pomian (1984, p. 53), uma coleção é:

“(…) qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público (...) os livros são tratados enquanto objectos, isto é, (...) as belas encadernações, as obras ilustradas, etc.”

A descrição de coleções bibliográficas, obedece, invariavelmente, ao critério universal, mundialmente implementado, pelas regras da International Standard Bibliographic Description, mais concretamente, à ISBD Consolidada.

A classificação de coleções por data, contexto, raridade, relevância histórico-cultural e valor patrimonial, de um acervo de índole antigo está intimamente relacionada com a sua escassez, data e momento de impressão, propriedades físicas e estéticas, associações aos proprietários e assunto.

No momento que antecede a exposição ao público dos objetos, os espaços onde estes irão ser expostos, são montados e organizados de modo a que as

coleções sobressaiam, se relacionem entre si e maravilhem os visitantes/utilizadores com a sua imponência e riqueza histórico-culturais. Logo, os objetos antes de serem colocados em exposição, percorrem um processo de transformação e representação do seu contexto “natural”, em que lhes é atribuído um determinado simbolismo, de um mundo novo pronto a ser descoberto, passando a ser nomeados de curiosidades (Dudley, 2010; Lopes, 2010).

Após a revisão da literatura, tornou-se possível identificar e definir os conceitos indicados na ilustração 1.

Quanto ao conceito de coleção Fouché (2002, p. 569) refere que:

“La collection n’est en effet pas un fonds mort, elle prend son sens par les services qu’ elle suscite et qui l’ animent. Une collection s’ adapte à son public, est gérée et régénérée au service de publics toujours changeants. Aujourd’ hui, chaque collection de bibliothèque peut être considérée non comme les strates accumulées du passé, mais comme une mémoire active et vivante, qui elimine et se reconstitue, qui est un gisement d’exploitation inépuisable parce que toujours renouvelé”.

O conceito de etnografia, de acordo com Lévi Strauss (2008, p. 14) consiste na:

“observação e análise de grupos humanos considerados na sua especificidade (...) e pretende a restituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles enquanto a etnologia utiliza de forma comparativa (...) os documentos apresentados pelo etnógrafo”.

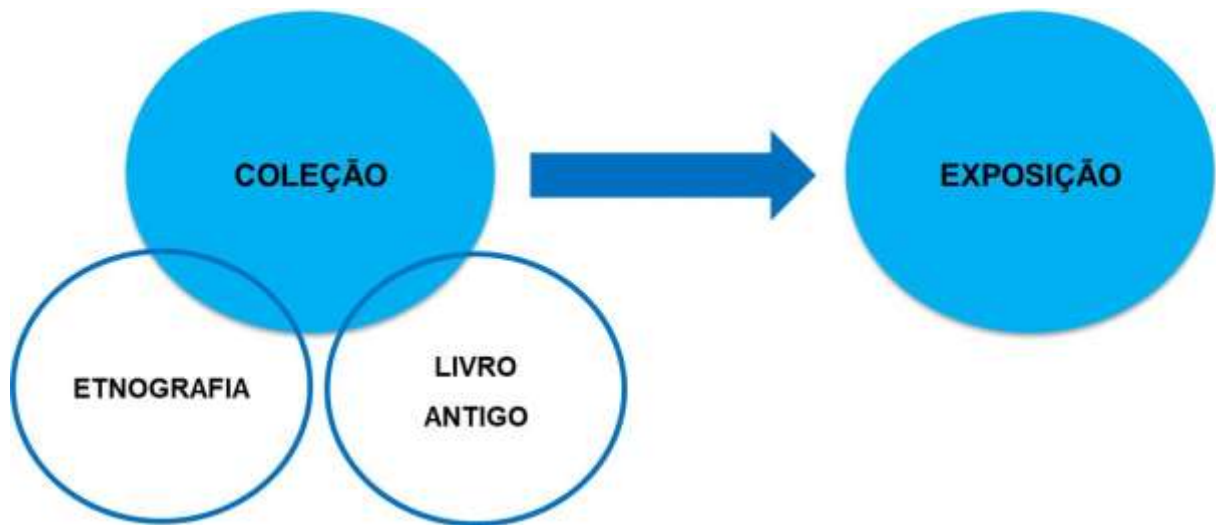
Para Faria & Pericão (2008, p.764) o conceito de Livro Antigo é:

“Designação atribuída aos livros que foram produzidos desde a invenção da imprensa até ao início do século XIX (...) abrange as obras impressas desde 1501 até 1800 inclusive (...)”.

Relativamente ao conceito de exposição, segundo Burcaw (1978, p. 6), esta é:

“An assemblage of objects of artistic, historical, scientific, or technological nature, through which visitors move from unit to unit a sequence designed to be meaningful instructionally and/or aesthetically. Accompanying labels and/or graphics (drawings, diagrams, etc.) are planned to interpret, explain, and to direct the viewer’s attention. Usually, an exhibition covers a goodly amount of floor space, consists of several

separate exhibits or large objects, and deals with a broad, rather than a narrow, subject”.



**Ilustração 1: Tratamento e Exposição de coleções em Museus**

A gestão das coleções de um Museu ou Biblioteca está, deliberadamente, ligada à sua missão, ao seu espaço, ao seu ambiente e aos recursos e estratégias inerentes, tais como o acondicionamento, o armazenamento, o manuseamento, a conservação e restauro, o transporte, e a exposição destas.

Por forma a conhecermos uma coleção e a realizar a sua gestão eficientemente, é necessário ter-se uma grande sensibilidade, saber como dispor os objetos, consoante os múltiplos contextos subjacentes à sua exposição. Assim, após este processo de assimilação de valores, dar-se-á a construção de um discurso, um diálogo que relacione os objetos entre si, interligando-os, revelando quer as características próprias de cada um e os factos histórico-culturais que estes suportam. Este diálogo deverá despertar, também, no público, uma sensação de ligação, um fim único e comum entre todos os objetos presentes na exposição, sendo que o observador comum depreenderá que não haverá um conjunto de objetos espalhados por uma sala, mas sim um conjunto de obras dispostas em cadeia, obedecendo a princípios que tornam coerente a sua coexistência naquele determinado espaço.



**Ilustração 2: A gestão de coleções**

Nas tabelas seguintes, emancipámo-nos a apresentar uma síntese esquemática e ilustrativa (no entanto, longe de exaustiva) das diferentes posições tomadas por vários autores/instituições, acerca dos conceitos fulcrais nesta investigação: Coleção, Etnografia, Livro Antigo e Exposição. A revisão da literatura efetuada permitiu-nos fazer uma seleção dos mesmos, com origem em diferentes áreas/ramos científicos, tais como a Arquivística, a Biblioteconomia e a Museologia.

## ARQUIVÍSTICA

COLEÇÃO	ETNOGRAFIA	LIVRO ANTIGO	EXPOSIÇÃO
<p>“Conjunto de documentos reunidos artificialmente em função de qualquer característica comum, independentemente da sua proveniência. Não confundir com fundo. Podem existir coleções a diferentes níveis de descrição, nomeadamente a nível do fundo e da série” (DGARQ, 2011, p. 354).</p>			<p>“Apresentação temporária ou permanente de documentos ou das suas reproduções, organizada por um arquivo a partir do seu próprio acervo documental ou de empréstimos para fins educativos e culturais” (<i>Dicionário de Terminologia Arquivística</i>, 1993, p. 45).</p>
<p>“Conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente” (<i>Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística</i>, 2005, p. 52).</p>			

<p>“1) Conjunto de documentos de arquivo reunidos artificialmente em função de qualquer característica comum, nomeadamente o modo de aquisição, o assunto, o suporte, a tipologia documental ou o colecionador. Nesta acepção opõe-se a fundo ou núcleo.</p> <p>2) Unidade arquivística constituída por um conjunto de documentos do mesmo arquivo, organizada para efeitos de referência (...) para servir de modelo à produção de documentos com a mesma finalidade ou de acordo com critérios de arquivagem” (<i>Dicionário de Terminologia Arquivística</i>, 1993, p. 22).</p>			
<p>“1) An artificial accumulation of documents of any provenience brought together on the basis of some common characteristic, e.g. way of acquisition, subject language, médium, type of document, name of</p>			



<p>collection.</p> <p>2) A body of documents comprising a record/archive group with other related materials of different provenance" (<i>Dictionary of Archival Terminology</i>, 1988, p. 40).</p>			
<p>"Uma coleção é uma série de documentos selecionados individualmente. Um fundo é uma coleção ou série de coleções que obtem em poder de uma instituição ou uma pessoa, ou um fundo ou conjunto de documentos, ou uma série de documentos que obra em poder de um arquivo. Estas instituições podem ser bibliotecas, arquivos, organizações de tipo educativo, religioso e histórico, museus, organismos oficiais e centros culturais" (Edmondson, 2002, p. 16).</p>			
<p>"Unidade arquivística constituída por um conjunto de documentos do</p>			

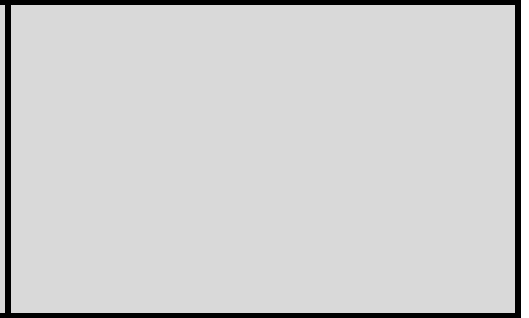
<p>mesmo arquivo, organizada para efeitos de referência (...), para servir de modelo à produção de documentos com a mesma finalidade (...), ou de acordo com critérios de arquivagem (...)" (NP 4041, 2005, p. 5).</p>			
<p>"Conjunto de documentos ou de dossiers reagrupados em função do acaso, de uma escolha temática ou outra. A colecção constitui a antítese de fundo" (Rosseau, 1998, p. 286).</p>			

## BIBLIOTECONOMIA

COLEÇÃO	ETNOGRAFIA	LIVRO ANTIGO	EXPOSIÇÃO
		<p>“(…) autodefine-se pelas propriedades distintas e diferenciadoras de outros tipos de livro, tais como: características bibliográficas (datas de publicação, impressor, local de impressão, paginação e presença de licenças ou privilégios de impressão); características materiais (encadernação, tipo de papel, cadernos, páginas, texto e margens, ilustrações, gravuras, caracteres especiais e marcas tipográficas); características intrínsecas (falhas de paginação, anotações manuscritas, marcas de propriedade, assinaturas, carimbos, ex-libris e cotas antigas)” (Gomes, 2012 cit. por Costa, 2017, p. 26).</p>	<p>“A physical object placed on display in a museum, gallery, or other public place, usually because of its historical, cultural, or scientific importance, or its aesthetic qualities, extraordinary characteristics, or monetary value. Libraries typically exhibit, rare and valuable books, manuscripts, personal papers, and memorabilia associated with authorship, publishing, book history, and Reading (...)” (ODLIS, 2004, p. 247).</p>
“Conjunto de publicações distintas,			“Apresentação pública de livros,

<p>ligadas entre si por um título comum. Cada uma das publicações pode ser numerada. Este termo exclui as obras singulares, em vários volumes numerados” (Gusmão, 2000, p. 108).</p>			<p>publicações periódicas, ou outros documentos que apresentem interesse particular permanente ou passageiro, levado a cabo em expositores ou vitrinas, armários ou prateleiras” (Faria &amp; Pericão, 2008, p. 525).</p>
<p>“Conjunto de publicações distintas cada uma com o seu título próprio, relacionadas entre elas por um título colectivo. Esse título colectivo é o título próprio da colecção. Cada publicação pode ser ou não numerada” (IFLA, 2005, p.8).</p>		<p>“Os livros são considerados antigos antes e inclusive à data de 1900, atendendo ao facto de serem raros e valiosos, devido à sua escassez, data e momento de impressão, propriedades físicas e estéticas, associações aos proprietários e assunto” (Nathanson &amp; Vogt O’ Connor, cit. por Costa, 2017, p. 27).</p>	
<p>“In library cataloging, three or more independent works or long excerpts from works by the <i>same</i> author, or two or more independent works or excerpts from works by <i>different</i> authors, not written for the same publication or occasion, published in a single volume or uniform set of volumes (...)” (ODLIS, 2004, p. 150).</p>		<p>“A collection of leaves of paper, parchment, vellum, cloth, or other material (written, printed, or blank) fastened together along one edge, with or without a protective case or cover” (ODLIS, 2004, p. 83).</p>	
<p>“Conjunto de obras independentes,</p>			

com numeración o sin ella, cuya relación, que puede ser temática, con más frecuencia se limita a igualdad de características y a un título colectivo que se repite en cada una de ellas, además del suyo propio (...)" (*Diccionario de Bibliología*, 1989, p. 150).



## MUSEOLOGIA

COLEÇÃO	ETNOGRAFIA	LIVRO ANTIGO	EXPOSIÇÃO
<p>“(…) is a set of objects that forms some kind of meaningful though not necessarily (yet) complete "whole". (… “collecting” (….) serves to identify a distinctive type of object-oriented activity in which items are selected in order to become part of what is seen as a specific series of things, rather than for their particular use-values or individualized symbolic purposes” (Macdonald, 2015, p. 82).</p>	<p>“No interior da etnologia, a etnografia é a pesquisa no terreno para estabelecimento de uma monografia. É a partir destas monografias que a etnologia – disciplina essencial comparativa – tenta elaborar sínteses. O etnógrafo pretende ser de algum modo o “biógrafo de uma única sociedade”. Escolhe uma sociedade de pequena dimensão, o que lhe permite a construção de um estudo exaustivo (…)” (<i>Dicionário de Antropologia</i>, 1983, p. 175).</p>	<p>“Os livros são considerados antigos antes e inclusive à data de 1900, atendendo ao facto de serem raros e valiosos, devido à sua escassez, data e momento de impressão, propriedades físicas e estéticas, associações aos proprietários e assunto” (Nathanson &amp; Vogt O’ Connor cit. por Costa, 2017, p. 27).</p>	<p>“A physical object placed on display in a museum, gallery, or other public place, usually because of its historical, cultural, or scientific importance, or its aesthetic qualities, extraordinary characteristics, or monetary value. Libraries typically exhibit rare and valuable books, manuscripts, personal papers, and memorabilia associated with authorship, publishing, book history, and reading. Exhibits may be permanent or rotated periodically, depending on the availability of materials suitable for display and the policy of the library. Also refers to the event during which such objects are displayed” (ODLIS, 2004, p. 247).</p>

<p>“Conjunto de objetos classificados, reunidos por gosto, curiosidade, utilidade, etc. Há coleções oficiais e particulares organizadas por profissionais e amadores. São exemplo de grandes coleções, os museus, as galerias de arte, as bibliotecas e os arquivos, mas o objeto do colecionador abrange campos muitos diversos (...)” (<i>Moderna Enciclopédia Universal</i>, v. 5, 1984, p. 219).</p>	<p>“Observação no campo, descrição e análise de grupos humanos (suficientemente pequenos para serem estudados por um número restrito de investigadores e segundo métodos geralmente não estatísticos) que visam a reconstituição, tão fiel quanto possível (...) dos diversos aspectos da vida desses grupos (aspecto ecológico, tecnológico, económico, político, jurídico, religioso, familiar, etc.) (...)” (Dicionário de Etnologia, 1973, p. 68).</p>	<p>“A collection of leaves of paper, parchment, vellum, cloth, or other material (written, printed, or blank) fastened together along one edge, with or without a protective case or cover. Also refers to a literary work or one of its volumes” (ODLIS, 2004, p. 83).</p>	<p>“A exposição, quando entendida como o conjunto de coisas expostas, compreende, assim, tanto as musealia, objetos de museu ou “objetos autênticos”, quanto os substitutos (...), o material expográfico acessório (...), os suportes de informação (...), como a sinalização utilitária. A exposição, nessa perspectiva, funciona como um sistema de comunicação particular (...). Em tal contexto, não se trata, com efeito, de reconstituir a realidade, que não pode ser transferida a um museu (um “objeto autêntico”, em um museu, já é um substituto da realidade e uma exposição tem a função de abrir e propor imagens análogas a essa realidade), mas de comunicá-la por esse dispositivo” (Desvallées &amp; Mairesse, 2013, p.44).</p>
<p>“(...) une collection peut être définie comme un ensemble d’objets matériels ou immatériels (œuvres, artefacts, mentefacts, spécimens, documents d’archives, témoignages,</p>	<p>“Ciência que estuda e descreve os costumes e tradições próprios dos povos menos evoluídos técnica e economicamente. Proporciona à etnologia a base para as suas</p>		<p>“Exhibitions are one of the principal ways that a museum or institution communicates with its public: exhibitions are often how people find out the mission and mandate of a museum, the</p>

<p>etc.) qu' un individu ou un établissement a pris soin de rassembler, de classer, de selectionner, de conserver dans un contexte sécurisé et le plus souvent de communiquer à un public plus ou moins large, selon qu' elle est publique ou privée. Pour constituer une véritable collection, il faut par ailleurs que ces regroupements d' objets forment un ensemble (relativement) cohérent et signifiant" (ICOM, 2009, p. 26).</p>	<p>construções teóricas. Modernamente vai-se esbatendo essa limitação e a etnografia (como a etnologia) tende a interessar-se por todos os povos sem preconceitos quanto ao desenvolvimento técnico e económico" (<i>Moderna Enciclopédia Universal</i>, v. 8, 1984, p. 40).</p>		<p>kinds of research and services the institution is working on, and the collection of the museum (...) are the most important ways that museums establish their relationship to different communities" (Dexter &amp; Lord, 2001, p. 156).</p>
	<p>"(...) estudo das raças, designação que chegou a fazer escola entre os antropólogos do fim do séc. XIX. (...) Saintyves considerou-o ainda como o estudo da cultura material. (...) Muhlmann restringe-o ao simples recolher do material de estudo (...). A designada escola antropológica considera a E. como um estudo descritivo de culturas individuais , não a considerando uma disciplina, mas, sim, um aspecto inerente a qualquer estudo</p>		



	<p>de antropologia cultural. De qualquer forma, é uma ciência apenas descritiva que se limita a descrever usos e costumes (...)" (<i>Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura</i>, 1985, p. 257).</p>		
	<p>"Ciência que estuda os povos no ponto de vista dos seus costumes, da sua mentalidade, do seu modo de vida, da sua cultura. (...) a Etnografia é (...) o estudo dos grupos étnicos (povos, nações e tribos), sob o aspecto psicocultural. (...) a palavra Etnografia começou a ser usada no princípio do século XIX, tendo sido empregada pela primeira vez pelo historiador dinamarquês Niebuhr (...)" (<i>Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira</i>, v. 10, 1943, p.606).</p>		

Nas tabelas anteriores, verificámos a existência de múltiplas definições para cada um dos conceitos, que variam consoante as instituições, autores e regiões territoriais. No geral, todas ilustram os aspetos nucleares e essenciais dos conceitos em análise. Estes traços comuns correspondem a características partilhadas pelo conjunto das fontes citadas.

## **1.2 – O objeto etnográfico como documento e veículo de informação**

A questão norteadora deste subcapítulo é analisar o objeto etnográfico como fonte de informação, sob a ótica da Museologia. Trata-se de um estudo conceitual, de carácter interdisciplinar, suscetível de evidenciar a relação existente entre as disciplinas, nos procedimentos práticos e na organização da informação que as rege.

Assim, iremos desconstruir e analisar cada conceito, começando pelo do objeto etnográfico, que deve ser considerado caso-a-caso, inserido num contexto<sup>1</sup> específico e referindo-se à sociedade que em particular retrata, constituindo este:

“(…) o documento de uma vivência cultural, assim como testemunha<sup>2</sup> a respeito de técnicas manufactureiras, de modalidades económicas<sup>3</sup>, de formas de organização comunitária ou familiar, de atividades sociais ou rituais, de formas de pensar o mundo e estruturar cosmologias” (Velthem, 2004, p.123).

Nesta perspetiva, o documento é compreendido como algo que é explicitado e definido através do uso da informação, sendo desta forma, os objetos classificados como veículos “(…) portadores de informações intrínsecas e extrínsecas que nos falam de que são feitos, para que foram feitos, quem os fez, quando e onde, como foram usados, que significado tinham, quem os usou, a quem pertenceram” (Ferrez, 2004, p. 229). Assim sendo, tal como sublinha Thomas (1991, p. 4), “os objetos não são propriamente aquilo para o qual foram feitos, mas sim aquilo em que se tornaram”.

---

<sup>1</sup> Quando os objetos são retirados do seu contexto original, para compor coleções etnográficas, descontextualiza-se o objeto, sofrendo uma rutura com os sistemas socioculturais nos quais foram produzidos.

<sup>2</sup> O objeto etnográfico ao ser inserido num acervo museológico passa a representar aquilo que é conhecido na antropologia como o “objeto testemunho” ou “objeto documento”.

<sup>3</sup> “Uma biografia económica culturalmente informada de um objeto examinaria isso como uma entidade culturalmente construída, dotada de significados culturalmente específicos, e classificada e reclassificada em categorias culturalmente constituídas” (Kopytoff, 1986, p. 68).

As Coleções Etnográficas existentes nos Museus e Universidades são artefactos que revelam e testemunham um conjunto de expressões materiais e imateriais desenvolvidas e produzidas por um determinado grupo. Estas coleções, muitas das vezes preservadas em Reservas Técnicas, são o produto de uma história, refletem valores, costumes e tradições, que permitem a transmissão do conhecimento, dos modos de vida das sociedades e da forma como os próprios eram utilizados (Athias, 2010).

Tal como afirma Clifford (1988) acerca deste tipo de coleções:

“(...) são frequentemente compreendidas como “coisas fora de vida” e, nesse contexto as reservas técnicas são encaradas como cemitérios de objetos ou, em hipóteses mais alentadoras, como cavernas que guardam tesouros resplandecentes” (p. 231).

Os Museus, a partir do século XIX, passaram a assumir um novo estatuto, o de Museu Científico, deixando de ser considerados como meros depósitos de objetos etnográficos, para se transformarem em instituições onde os artefactos se tornam os meios a partir dos quais os investigadores tentam decifrar os sentidos e significados dos grupos sociais neles representados.

Os Museus Etnográficos da Europa procuraram aprimorar e completar as suas coleções compostas por objetos de nativos de continentes colonizados, de modo a representar, da forma mais fiel possível, a cultura material destes povos (Gordon & Silva, 2005; Hernández, 1998; Ribeiro & Velthem 1992).

Uma Coleção Etnográfica representa sempre um foco de interesse e fonte de consulta importantes para um vasto leque de estudos interpretativos das Ciências Humanas ou Sociais, através de uma ação interdisciplinar, na medida em que se estabelece um diálogo entre Etnologia, Antropologia, História e Museologia, sendo estas as disciplinas mais relacionadas com este tipo de coleção (Lima, 2003; Lopes, 2010).

Ao realizarmos o estudo de uma Coleção Etnográfica, podemos adotar a estratégia de considerar os objetos desta coleção enquanto documentos, mais especificamente documentos materiais. Ao fazê-lo, imaginamos uma, série de possíveis interações entre objetos, primeiro no seu percurso até ao Museu e, de seguida, já como parte da coleção. São relações de objetos entre si, de objetos com

peças e entre as próprias peças (Alberti, 2005; Kirshenblatt-Gimblett, 1998; Lopes, 2010; Menezes, 1983).

Com o decorrer do tempo, o vocábulo documento, ampliou o seu significado, o que permitiu a caracterização de vários tipos de objetos, de entre os quais se contam os museológicos. Estes eram recolhidos, com a sua função original de uso, e tornaram-se num instrumento de reflexão, observação e estudo, inserido num novo contexto, com um novo significado. Os Museus assumem o papel e a responsabilidade de os preservar, estudar e exibir (Gurian, 2001; Savary, 1989).



**Ilustração 3: Ciclo de vida de um objeto**

Um documento é considerado um testemunho escrito, uma representação da história intrínseca associada a um determinado objeto, e segundo Foucault (1995) este:

“(…) não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstruir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações<sup>4</sup>” (p. 7).

O princípio documental de qualquer instituição, seja ela maioritariamente arquivística, biblioteconómica ou museológica, deve ser a organização e a classificação do acervo. De acordo com Otlet (1934), cada documento é constituído por um conjunto de ideias apresentadas sob a forma de texto ou imagem e ordenada segundo uma classificação ou plano de acordo com um dado objetivo.

Tal como afirma Kirshenblatt-Gimblett (1998) “(…) objects would to be read like books: (…) the museum as a consultative library of objects” (p. 31).

<sup>4</sup> “Objects are also in context by means of other objects, often in relation to a classification or schematic arrangement of some kind, based on typologies of form or proposed historical relationships” (Kirshenblatt-Gimblett, 1998, p.21).

A palavra informação é o termo mais utilizado em questões de polissemia em estudo, logo o seu significado deve ser bem explicitado de modo a não originar confusão. Assim, a informação, que circula em Museus, é difundida correta e devidamente nos seus vários espaços, em diversos contextos e através de várias formas tais como: exposições, bibliotecas, arquivos, centros de documentação, entre outros (Lima, 2003; Lopes, 2010).

A informação existente em Museus é um elo que ajuda a interligar a Ciência da Informação, a Biblioteconomia e a Museologia entre si (Araújo, 2014; Lima, 2003, Silva, 2007), uma vez que, através da documentação museológica e da disseminação da informação dos seus acervos, se estabelece um panorama de diálogo entre disciplinas (Costa, 2017, p. 27).

### **1.3 – Património, Museologia e Ciência da Informação: pontes e relações interdisciplinares**

Neste subcapítulo, pretendemos demonstrar o inter-relacionamento que existe entre as áreas de Património, Museologia e Ciência da Informação e apresentar os motivos que nos levaram a escolher esta temática de investigação, atendendo, sobretudo, à nossa área de Mestrado.

O facto de possuímos conhecimentos académicos na área da Ciência da Informação e seus ramos/disciplinas aplicadas, a Arquivística e a Biblioteconomia, acrescidos pela nossa aprendizagem científica em Património Cultural e Museologia (correspondendo estes, respetivamente, à nossa licenciatura e ao nosso mestrado), permitiu-nos explorar não só a parte teórica da investigação, como, também, a sua vertente prática, através da seleção de objetos etnográficos passíveis de permitirem que o seu estudo seja complementado com livros que contenham ilustrações alusivas a estes mesmos objetos.

Inserido no mapa do Ensino Superior em Portugal, o nosso Mestrado incorpora, na sua estrutura curricular, dois dos domínios mais importantes da sociedade atual, o do Património e o da Museologia estando estes relacionados, em simultâneo, com a área da Ciência da Informação, uma vez que esta é:

“(…) uma ciência social trans e interdisciplinar, uma disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional e os meios de processamento da informação para a otimização do

acesso e uso. Está relacionada com um corpo de conhecimento que abrange a origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação” (Silva, 2007, pp. 140-141).

Como refere Gomes (2016, p. 73):

“No campo científico unitário da CI confluem disciplinas aplicadas: a Arquivística, a Biblioteconomia, a Documentação, a Organização e Métodos e, possivelmente, a Museologia<sup>5</sup>. A CI interage ativa e proximamente com a interdisciplina Ciências da Comunicação (Silva, 2006a, pp. 107-109) e com um universo interdisciplinar, rico e variado, de Ciências Sociais e Humanas, e naturais (...), sendo uma das várias ciências que integram o campo intercientífico dos *Sistemas de Informação* (disciplina de base tecnológica) ”.



**Ilustração 4: Diagrama do campo da Ciência da Informação**

Fonte: Silva, 2007, p. 28.

No esquema apresentado, é ilustrada a trans e interdisciplinaridade<sup>6</sup> entre a Ciência da Informação e outras ciências, estabelecendo-se uma ponte de ligação entre as diferentes áreas, sobretudo em questões de património histórico-cultural.

<sup>5</sup> Ver Silva, 2007, pp. 28 e 156.

<sup>6</sup> “No âmbito do paradigma científico-informacional, regista-se a posição em favor de uma CI assumida como um campo de saber uno e transdisciplinar, o qual congrega e dá suporte teórico a diversas disciplinas aplicadas, desde a Arquivística e a Biblioteconomia/Documentação aos Sistemas Tecnológicos de Informação (Silva & Ribeiro, 2002, p. 80 cit. por Gomes, 2016, p. 83); A CI assumida como um campo de saber (...) inscrito na vasta área das ciências sociais e humanas, evidencia uma clara dimensão transdisciplinar e, em simultâneo, as

O art.º 2.º da Lei nº 107/2001<sup>7</sup> esclarece que o conceito de património engloba “todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização”. E o art.º 85º, da mesma Lei, adita que o património bibliográfico engloba “espécies, colecções e fundos bibliográficos que se encontrem, a qualquer título, na posse de pessoas colectivas públicas, independentemente da data em que foram produzidos ou reunidos, bem como as colecções e espólios literários”.

No entanto, Guillaume (2003), apresenta-nos uma perspetiva diferente no que concerne à definição de património, defendendo que este:

“ (...) tem tendência para se generalizar à realidade toda, do inerte ao vivo, do passado ao presente, do material ao imaterial, (...) tem por vocação homogeneizar (enquadrar os elementos mais heterogéneos num todo homogéneo, arquivístico-conservatório). A sua única ineficácia é acumular-se indefinidamente” (pp. 24-25).

A análise do património histórico-cultural, dentro da área do Património, requer uma técnica de estudo mais exaustiva, e, de certa forma, diferente da que se verifica na área da Conservação, pois esta exige conhecimento e reconhecimento de uma memória coletiva comum, através da interação e valorização de diferentes lugares de memória, independentemente de estarem em causa museus, monumentos, bibliotecas ou arquivos.

De acordo com Belloto (2002):

“Os documentos de biblioteca são o resultado de uma criação individual ou coletiva, espontânea, de natureza científica, técnica, artística, (...) como resultado de manifestação, pesquisa ou reflexão realizadas com a finalidade de informar, instruir, ensinar, entreter ou divulgar, geralmente registadas em suportes tradicionais ou eletrónicos, sob a forma de livros (...). São acumulações seletivas, formando, portanto, colecções” (p. 156).

---

relações interdisciplinares da CI com outras áreas do conhecimento (Silva, 2006a, p. 28, cit. por Gomes, 2016, p. 83)”.

<sup>7</sup> Esta Lei estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural.

Para Silva (2007, p. 159), Património:

“Compreende todos os bens materiais e imateriais, identificadores de uma cultura, de uma comunidade, de um povo e essenciais à coesão ideológica do Estado-Nação. É um conceito que foi ganhando ao longo do tempo forte densidade e impacto ideológicos, o que não ajuda, antes complica, a sua inscrição num registo científico e epistemológico. (...) Património subsiste vinculado à necessidade descritiva, ínsita à Modernidade, agregar objectos diversos, humanos e naturais, remetendo para díspares fenomenalidades, cujas características comuns são convencionais (valorizar o antigo, o raro, o artesanal e pré-industrial são disposições mentais e afetivas que surgem e mudam com a evolução do processo histórico)”.

Na perspetiva da Ciência da Informação:

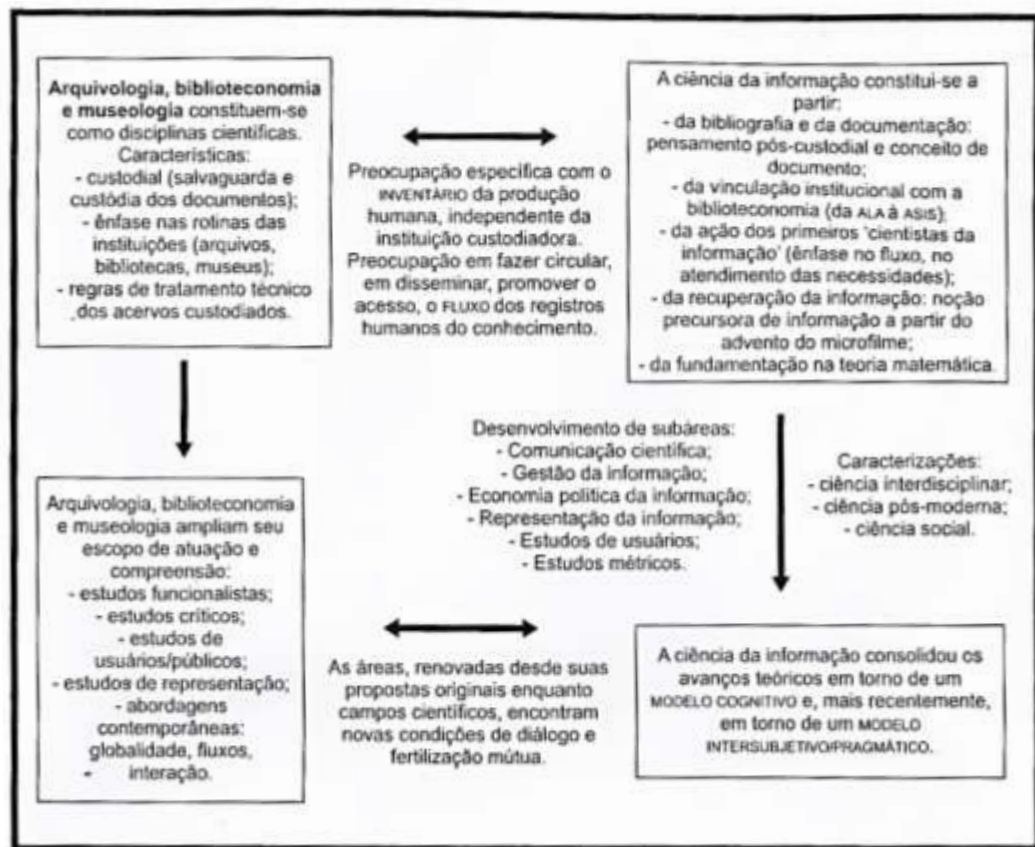
“preservação implica três planos distintos a conservação e o restauro do suporte, sendo este plano dominado pelo contributo das Ciências Naturais com as suas técnicas e procedimentos testados e padronizados, gerando-se potenciais estratégias interdisciplinares; a adoção de medidas de gestão (políticas públicas) através de legislação e de organismos regulamentadores e fiscalizadores; e a intencionalidade orgânica de preservar para usar face a necessidades e imperativos orgânico-funcionais vários. Só este terceiro plano entra no objecto de estudo próprio ou exclusivo da Ciência da Informação e liga-se a outros tópicos fundamentais como a Memória orgânica, a Organicidade e o Sistema de Informação” (Silva, 2007, p. 159).

Assim, verifica-se que, na atualidade, os estudos e pesquisas interdisciplinares aproximam as disciplinas científicas (História, Ciência da Informação, Ciências e Técnicas do Património<sup>8</sup>), o que através dos seus contributos e reciprocidade, enriquece e potencia a criação de conhecimento.

---

<sup>8</sup> Ver Silva, 2007, pp. 141-142.





**Ilustração 5: Conjunto de factos históricos e avanços teóricos da Arquivística, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da informação**

Fonte: Araújo, 2014, p. 162.

No esquema apresentado anteriormente, Araújo (2014), evidencia a importância que tem a criação de um diálogo institucional entre Arquivos, Bibliotecas e Museus, que tanto tem vindo a contribuir para uma melhor formação interdisciplinar de equipas. O autor apresenta factos históricos, teóricos, institucionais e profissionais, através da análise de pontos comuns, interfaces e possibilidades de cooperação entre estas áreas.

Servindo-se de um esquema representativo, procurou sistematizar a sua linha de pensamento e argumentação, com relatos do passado e da forma como, agora e no futuro, se podem vir a dar as relações entre os campos de conhecimento da Ciência da Informação com a Arquivística, a Biblioteconomia e a Museologia, tentando ressaltar que a interdisciplinaridade existe não só numa perspectiva de diálogo, facto já há muito adquirido, mas, também, porque na Ciência da Informação existem diversas áreas de conhecimento, com distintos níveis de proximidade entre si.

## 2 – Museus com coleções de História Natural e Etnográficas

Os Museus<sup>9</sup> são instituições de carácter permanente “sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, preservam, pesquisam, comunicam e expõem, para fins de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais e imateriais dos povos e seus ambientes” (ICOM, 2009, p. 18).

Considerando que o Museu é como um espaço aberto a todos, que tem como traço característico a permanência, este adota internamente, uma política de aquisição que segue um particular conjunto de normas, até integrar os objetos no depósito (Kopytoff, 1986). Em relação a estes objetos o autor Kopytoff (1986), considera:

“(…) o museu é um depósito de tudo aquilo que de perto ou de longe está ligado à história nacional, os objectos que aí se encontram devem ser acessíveis a todos; e pela mesma razão, devem ser preservados. Saídos do invisível, é para lá que devem voltar. Mas o invisível ao qual estão destinados não é o mesmo de onde são originários. Situa-se algures no tempo. Opõe-se ao passado, ao escondido e ao longínquo que não pode ser representado por objecto algum. Este invisível que não se deixa atingir senão na e através da linguagem é o futuro. Ao colocar objectos nos museus expõem-se ao olhar não só do presente mas também das gerações futuras, como dantes se expunham outros ao dos deuses” (p. 84).

O Museu pode ser compreendido como um “lugar de memória”, que constitui uma das formas, pela qual se estabelece uma relação específica entre o público e a realidade, sendo os objetos considerados como elementos de informação (Desvallées & Mairesse, 2013).

Os Museus, espaços histórico-culturais de relevo, têm passado por várias mudanças ao longo dos anos. Outrora espaços de grandeza, riqueza, luxo e exotismo, ao serviço de uma elite de massas e pessoas poderosas, apresentam, nos dias de hoje, uma nova vertente, dedicando parte da sua atividade ao ensino e à

---

<sup>9</sup> “1 - Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:

a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos;

b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade” (Lei nº 47/2004, de 19 de Agosto, art.º 3.º, Lei Quadro dos Museus Portugueses).

aprendizagem, sendo espaços onde frequentemente se realizam visitas, quer de alunos, quer de grupos, quer mesmo no âmbito de ações formativas. Deveremos considerar os Museus<sup>10</sup> como espaços multidisciplinares, atendendo a que estes não se centram numa única ciência, mas sim em várias, como por exemplo, a História Natural, a Etnologia, a História, entre outras.

No que concerne aos Museus de História Natural, estes são apresentados como “espaços de prática científica onde se procede à ordenação das coleções Científicas e a partir daí servirem de centros de divulgação de informação, de forma a explicar e a tornar as coleções públicas e úteis” (Jorge, 1943, p. 6), que pretendem ser o “elo de ligação científica, política, natural, administrativa e real entre os territórios da Metrópole e os das Colónias, com coleções que devem ser organizadas e estudadas, divulgadas, difundidas, viajadas, sentidas” (Nunes, 2016, p. 280).

Os Museus de História Natural ou Etnográficos, constituem aquilo a que os antropólogos denominam pólos de cultura material, referindo-se à documentação que faz parte integrante deste tipo de instituições.

Desta forma, assiste-se a um movimento crescente de Museus que se especializam em determinadas áreas do conhecimento e que incentivam a pesquisa científica, com o objetivo de conhecer melhor as suas coleções, aprofundar o estudo dos objetos que dela fazem parte e proceder à sua divulgação em exposições temáticas.

## **2.1 – Museus com coleções de História Natural Estrangeiros**

Este subcapítulo teve como principal objetivo a recolha de informação, sobre o tratamento das coleções de objetos museológicos e documentais e sobre a forma como estes são inseridos num contexto expositivo.

O universo inquirido totalizou 70 Museus com coleções de História Natural. Tratando-se de um trabalho extenso de identificação, análise, recolha e tratamento de informação, optámos por apresentar a totalidade dos dados numa tabela, que se

---

<sup>10</sup> “Consideram-se museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na presente lei para o museu, ainda que o respectivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais, assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico” (Lei nº 47/2004, de 19 de Agosto, art.º 3.º, Lei Quadro dos Museus Portugueses).

encontra no Apêndice I, onde se indicam o nome das instituições, a sua localização – continente/país (cidade) – e um breve historial.

A metodologia aplicada, nesta parte da investigação, baseou-se, essencialmente, numa recolha de dados e no tratamento e análise dos mesmos, através da utilização de um questionário (ver apêndice II e III), ao qual responderam 5 Museus, centrando a nossa investigação nos seguintes pontos:

- 1 – Data de criação do Museu;
- 2 – Objetos e tipologia das coleções existentes em cada Museu;
- 3 – Critério de organização e disposição das coleções;
- 4 – Manutenção e renovação das coleções;
- 5 – Divulgação e comunicação de exposições e iniciativas;
- 6 – Dificuldades observadas na disposição das coleções;
- 7 – Tipologia de visitantes;
- 8 – Existência de núcleo bibliográfico no Museu;
- 9 – Diálogo entre objetos e livros inseridos num contexto expositivo;
- 10 – Missão e papel dos objetos num contexto de exposição.

Apesar de o nosso trabalho se ter circunscrito a uma amostra reduzida (obtivemos, apenas, a resposta de cerca de 7% do total das instituições contactadas), denotámos uma elevada receptividade por parte das instituições integrantes do universo inquirido e grande vontade de colaboração (embora, por vezes, demorada ou imprecisa).

Na tabela subsequente, encontram-se registadas as informações respeitantes ao ano em que os Museus em estudo foram criados e outras notas complementares.

Nome do Museu	Ano formal de criação	Notas
<b>The Field Museum, E.U.A. (Chicago)</b>	1893	A coleção bibliográfica começou a formar-se em 1894.
<b>Palestine Museum of Natural History, E.U.A. (Beltsville)</b>	2017	Entre 1960 e 1980 foram recolhidas as primeiras coleções, principalmente de mamíferos.
<b>Natural History Museum La County, E.U.A. (Los Angeles)</b>	1913	
<b>Eromanga Natural History Museum (Austrália)</b>	2008	
<b>Muséum d'Histoire Naturelle de Marseille</b>	1819	

Tabela 1: Ano de criação dos Museus Estrangeiros

As coleções dos Museus em análise são organizadas e analisadas segundo as diversas vertentes de Arte, Antropologia, Botânica, Etnografia, Geologia, Paleontologia e Zoologia, estando estes dados visíveis na tabela seguinte.

	The Field Museum	Palestine Museum of Natural History	Natural History Museum LA County	Eromanga Natural History Museum	Museum d'histoire naturelle de Marseille
Arte	-	-	Sim	-	-
Antropologia	Sim	-	Sim	-	-
Botânica	Sim	Sim	-	-	Sim
Etnografia	-	-	-	-	Sim
Geologia	Sim	-	-	-	-
Paleontologia	Sim	Sim	-	Sim	Sim
Zoologia	Sim	Sim	-	-	Sim

**Tabela 2: Tipologia das coleções estrangeiras em análise**

Ainda dentro da mesma questão, averiguámos se ocorreram transformações ou mudanças nas coleções, tendo constatado que o **Natural History Museum LA County**, o único Museu de Ciências, História e Arte em Los Angeles, pelo facto de a maioria das suas exposições se centrarem em coleções de Antropologia, transferiu tudo o que consideradou Arte para o Museu de Arte do Condado de Los Angeles (LACMA), recentemente inaugurado. Adicionalmente, destacamos o caso do **Muséum d'histoire naturelle de Marseille**, que sofreu mudanças nas suas coleções, adquirindo novos exemplares, com o objetivo de as enriquecer.

Quanto ao critério organizacional de disposição de coleções, salientamos o caso do **Palestine Museum of Natural History**, que tem como principal objetivo a apresentação das suas coleções, aos visitantes, de um modo itinerante, através da exibição de amostras etnográficas, geológicas, paleontológicas, zoológicas e, ainda, de Livro Antigo. No cômputo geral, os Museus responderam a esta questão, segundo uma perspetiva de categorização e não de organização e disposição de coleções.

Relativamente à manutenção e renovação das coleções, realçamos o exemplo do **Palestine Museum of Natural History**, cuja temática principal se direciona para matérias relacionadas com a Palestina, retratando as vulnerabilidades e problemáticas do Estado, tendo em consideração a vertente ecológica e a relação entre os vários grupos e etnias. No caso do **Eromanga Natural History Museum**, é utilizado o Código de Nomenclatura Zoológica Internacional, por forma a manter e renovar as suas coleções, enquanto o **Muséum d'histoire naturelle de Marseille**

utiliza o método de substituição de objetos, sobretudo no que toca aos mais frágeis, transformando o discurso científico no próprio contexto expositivo.

No que tange à divulgação e comunicação de exposições e iniciativas, num cômputo geral, as respostas obtidas foram muito similares, sendo utilizados os mídias tradicionais (televisão, imprensa, rádio) e sociais (*facebook, instagram, etc.*), e os do próprio Museu (a *newsletter, a mailing list* e o *site*).

Quanto às dificuldades observadas na disposição das coleções, a maioria dos Museus afirmou ter tido problemas no armazenamento de espécimes (por falta de espaço) e que o controlo dos danos, causados por infestações, se torna complexo. Adicionalmente, foram apontadas dificuldades em garantir a segurança dos objetos em exposição (devido ao público principal ser constituído por crianças) e, por último, as restrições orçamentais.

No que concerne à tipologia dos visitantes, os Museus, de um modo geral, apresentam similitudes entre si, sendo esta constituída por grupos escolares, estudantes universitários, investigadores e famílias. A missão universal partilhada por estes Museus é a de incentivar o público a partir para a descoberta e para o conhecimento, despoletando a curiosidade pela cultura e beleza dos objetos.

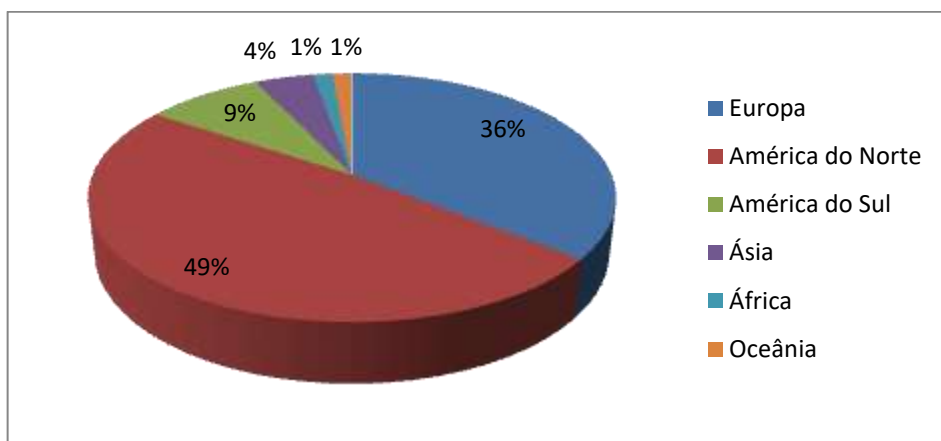
Quanto à existência de núcleo bibliográfico no Museu, os Museus em causa, por regra responderam afirmativamente a esta questão, e, com a exceção do **Eromanga Natural History Museum**, corroborando a posse de livros antigos/raros, que se encontram guardados e organizados em local próprio e apenas acessíveis através de marcação.

No que se refere à existência de diálogo entre objetos e livros inseridos num contexto expositivo, destacamos o caso do **Field Museum**, que, apesar de não exibir livros no interior das suas áreas comuns, não coloca de parte a possibilidade de que estes venham a ser reunidos numa exposição temporária, durante um espaço de tempo compreendido entre 3 a 6 meses, juntamente com outros objetos relevantes. Adicionalmente, deveremos ter em conta a situação do **Palestine Museum of Natural History**, que considera os livros como “a nossa história, presente e futuro”, julgando importante exibi-los, atendendo ao valor da natureza e ao papel do Homem, enquanto pólo dinamizador do planeta, formulando votos de que esta experiência cativa e inspire os visitantes.

Quanto à missão e papel dos objetos num contexto de exposição, num âmbito geral, os Museus consideram que os objetos devem educar, informar e despertar o

interesse do público, ao serem o retrato fiel da realidade e a interligação das gerações, lugares e culturas, enquanto suporte e apoio do discurso científico, podendo, ocasionalmente, ter como papel a sensibilização do público para uma determinada questão social, inserido num determinado contexto espaço-temporal.

O gráfico que se segue representa a distribuição geográfica, por cada um dos continentes, com coleções de História Natural, perfazendo estes um total de 70 Museus.



**Gráfico 1: Localização continental dos Museus Estrangeiros**

O mapa subsequente ilustra a repartição mundial dos diversos Museus com coleções de História Natural.



**Figura 1: Museus com coleções de História Natural no mundo**

Fonte: <https://www.google.pt/maps/@-9.1987713,76.0404437,3z?hl=pt-PT>

## 2.2 – Museus com coleções de História Natural / Etnográficas Nacionais

O universo inquirido totalizou 32 Museus, dos quais obtivemos resposta por parte de 10.

Na tabela seguinte, figuram as suas datas de criação e algumas notas complementares.

Nome do Museu	Ano formal de criação	Notas
<b>Museu Regional Carlos Machado (S. Miguel, Açores)</b>	1880	Criado em 1876, pelo Dr. Carlos Machado, passou a ser gerido, em 1890, pelo Município de Ponta Delgada.
<b>Museu Etnográfico da Madeira</b>	1996	
<b>Museu Etnográfico de Espiche (Algarve)</b>	-	Foi fundado por António José Mendes, artesão algarvio, que após a sua reforma começou a fazer pequenos bonecos de madeira, representativos de antigos costumes algarvios.
<b>Museu Etnográfico da Praia de Mira</b>	1997	Exibe mobiliário, trajes, utensílios de pesca e alfaias agrícolas, com o propósito de abordar o modo de vida e os costumes.
<b>Museu Municipal Santos Rocha (Figueira-da-Foz)</b>	1894	
<b>Museu Maynense da Academia de Ciências de Lisboa</b>	Entre 1780 e 1792	Nasceu por impulso do Gabinete de Curiosidades criado por Frei José Mayne, no Século XVIII, durante o seu cargo como Ministro-geral da Congregação da Terceira Ordem de S. Francisco.
<b>Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT, Lisboa)</b>	1883	Fruto de uma iniciativa da Comissão de Cartografia, criada em 1883. Integra, atualmente, três serviços ao dispor do público: Arquivo Histórico Ultramarino, Jardim Botânico Tropical e Centro de Documentação e Informação.
<b>Museu Nacional de Etnologia de Lisboa (MNEL)</b>	1965	
<b>Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNCUP)</b>	2015	
<b>Museu Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)</b>	1976	Fundado em Dezembro de 1974, pela Junta Distrital de Setúbal, foi inserido no quadro da democratização nacional, impulsionado pela Revolução de 25 de Abril, do mesmo ano e abriu ao público em 1976.

Tabela 3: Ano de criação dos Museus Nacionais



Nas coleções pertencentes aos Museus Nacionais em análise, classificámos as ciências representativas dos exemplares em exposição, como a Arte, a Antropologia, a Botânica, a Etnografia, a Física, entre outras, encontrando-se estes dados visíveis na tabela subsequente.

	Museu Carlos Machado	Museu Etnográfico da Madeira	Museu Etnográfico de Espiche	Museu Etnográfico da Praia de Mira	Museu Municipal Santos Rocha	Museu Maynense da ACL	IICT (Lisboa)	M.N.E. L.	MUHN CUP	MAED S
Arte	Sim	-	-	-	Sim	-	-	-	-	-
Antropologia	-	-	-	-	-	-	-	Sim	-	-
Arqueologia	-	-	-	-	Sim	-	-	Sim	-	Sim
Arquitetura	-	-	-	Sim	-	-	-	-	-	-
Botânica	Sim	-	-	-	-	-	Sim	Sim	-	-
Etnografia	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	-	Sim
Física	-	-	-	-	-	Sim	-	-	-	-
Geologia	Sim	-	-	-	-	-	-	-	-	-
História Natural	Sim	-	-	-	-	Sim	-	-	-	-
Mineralogia	Sim	-	-	-	-	Sim	-	-	-	-
Química	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Paleontologia	-	-	-	-	-	-	-	Sim	-	-
Zoologia	Sim	-	-	-	-	-	Sim	Sim	-	-

Tabela 4: Tipologia das coleções nacionais em análise

Dentro da mesma questão, averiguámos se ocorreram transformações no seio das coleções, tendo a maioria dos Museus inquiridos respondido afirmativamente, devendo-se estas a mudança de instalações, a incorporação de novos exemplares por aquisição ou doação, a requalificação de espaços, a reabilitação de coleções e redefinição de discursos museográficos, como é o caso do **MHNCUP**.

No que respeita ao critério de organização e disposição das coleções, de um modo geral, os Museus optaram pela organização por temáticas, pela rotatividade e alternância dos objetos, entre a exposição permanente e a reserva. Destacamos o caso de duas instituições, o **IICT de Lisboa**, que utilizou como principal critério a divisão de coleções por missão/país (aplicado nos casos da Guiné, de Timor, de Angola e de Moçambique) e o **MNEL** que organizou os seus objetos em Reservas Gerais (segundo os critérios da área geográfica e da proveniência), criou duas Reservas Visitáveis (a Galeria da Amazónia e a Galeria da Vida Rural, com

espaçamento entre vitrinas, por forma a permitir a circulação de visitantes), uma exposição permanente e diversas exposições temporárias.

Relativamente à manutenção e renovação das coleções, a integração de novos objetos nas coleções é feita, maioritariamente, através de doações, dada a falta de verbas para adquirir novas peças. O **MAEDS** representa um caso de certa forma raro, para a atualidade, ao continuar a efetuar aquisições, tendo em conta o valor dos objetos em causa, a possibilidade de acrescentar algo a uma determinada coleção ou mesmo a completá-la, em situações de salvaguarda de património em risco de perda (procurando afetar da forma mais correta os escassos recursos financeiros que se encontram ao seu dispor).

No que tange à divulgação e comunicação de exposições e iniciativas as respostas obtidas foram consideravelmente semelhantes, sendo estes procedimentos efetuados através dos média audiovisuais (televisão, imprensa, rádio), dos média sociais (*facebook, instagram, etc.*) e os do próprio Museu (a *newsletter, a mailing list, o site*) e dos suportes de divulgação impressos (*outdoors, flyers, cartazes, mopis, postais, catálogos, brochuras, folhas de sala e materiais de merchandising*).

Quanto às dificuldades observadas na disposição das coleções, os Museus afirmaram terem tido problemas sobretudo no seu acondicionamento e monitorização (principalmente no que diz respeito às Reservas), no armazenamento dos espécimes (devido à falta de espaço), nas lacunas existentes no mercado relativamente à aquisição de materiais idóneos para a devida conservação dos objetos, na manutenção de adequadas condições de preservação de objetos, no transporte de objetos (sobretudo dos mais frágeis) e na falta de recursos humanos e financeiros. A título de exemplo, destacamos o **IICT de Lisboa** que se depara com a problemática de tentar colocar os objetos, de uma forma visível, num contexto expositivo e, ao mesmo tempo, garantir o seu acondicionamento e proteção.

No que concerne à tipologia dos visitantes, os Museus, de um modo geral, apresentam uma considerável semelhança, sendo estes compostos por grupos escolares, estudantes universitários, investigadores, famílias (portuguesas e estrangeiras e, dentro destas, essencialmente as francesas) e público fidelizado (que não se limita a uma visita).

Em relação à existência de núcleo bibliográfico no Museu, quase todos responderam afirmativamente a esta questão (sendo a exceção o **Museu**

**Etnográfico de Espiche**), verificando-se, em determinados casos, a existência de centros de documentação (**Museu Regional Carlos Machado** e **Museu Etnográfico da Madeira**) e de bibliotecas especializadas em determinadas áreas como Arqueologia, Museologia e Arte (**Museu Municipal Santos Rocha** e **MAEDS**). Alguns Museus possuem Bibliotecas próprias que, no entanto, não incluem exemplares de Livro Antigo, como acontece com o **IICT de Lisboa** e com o **MNEL**. O **MHNCUP** tem um pequeno núcleo bibliográfico, constituído, sobretudo, ao longo do século XX e que conta com alguns exemplares reunidos no final do século XIX.

No que se refere à existência de diálogo entre objetos e livros inseridos num contexto de exposição, todos os Museus inquiridos corroboraram esta hipótese. De entre os dados obtidos destacamos alguns em especial, começando pelo **Museu Regional Carlos Machado**, que encara os objetos e os livros em exposição como meios primordiais à fruição cultural e à promoção do conhecimento. O **Museu Etnográfico da Praia de Mira** enfatiza esta situação por entender que, quando estes se encontram num contexto expositivo se verifica uma promoção da interação com o público, e da sua participação e envolvimento. Tanto o **Museu Municipal Santos Rocha**, como o **MAEDS** consideram que este diálogo é intrínseco às coleções e que existe uma relação entre objetos e livros/documentos, a partir do momento em que estes são colocados em exposição, uma vez que o principal objetivo é que estes se complementem entre si e retratem com plenitude o objetivo da referida exposição.

Quanto à missão e o papel dos objetos num contexto de exposição, os Museus, maioritariamente, consideram que os objetos devem suscitar o interesse e o divertimento do visitante, sendo os alicerces do Museu e, como tal, deverão ser valorizados ao máximo, nas suas mais diversas vertentes e através de diferentes formas de divulgação e exploração de conteúdos. Tal como considera o **MHNCUP**, é através das coleções que se torna possível implementar estratégias e instrumentos de investigação, educação e disseminação do conhecimento científico, para além da criação de sinergias com os diferentes públicos e da construção de uma cultura científica e de observação do mundo. Por último, damos o exemplo do **Museu Maynense da ACL** que considera as coleções dotadas de um conhecimento histórico ou científico materializado, sendo nesta materialização onde reside o seu valor universal, pelo que é imperativo que as condições originais destas mesmas coleções sejam preservadas ao máximo.

8 dos Museus Nacionais inquiridos, de entre um total de 32 fazem parte da Rede Portuguesa de Museus<sup>11</sup>, sendo estes: o Museu Regional Carlos Machado (Açores), o Museu das Flores (Açores), o Museu da Horta (Açores), o Museu Etnográfico da Madeira, o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Lisboa), o Museu Nacional de Etnologia (Lisboa), o Museu Municipal de Etnografia e História (Póvoa do Varzim) e o Museu de História Natural (Sintra).

Do Roteiro dos Museus e Espaços Museológicos da Região Centro<sup>12</sup> fazem parte 11 Museus: o Museu Etnográfico da Região do Vouga (Águeda), o Museu Etnográfico da Murtosa (Aveiro), o Museu Etnográfico de Válega (Aveiro), o Museu Etnográfico de Serpa (Beja), o Museu Etnográfico do Grupo Típico de Ançã (Cantanhede), o Museu Etnográfico de Castelo Branco, o Museu Etnográfico de Meda de Mouros (Coimbra), o Museu Etnográfico de Seia (Guarda), o Museu Etnográfico do Freixial (Leiria), o Museu Etnográfico da Várzea de Calde (Viseu) e o Museu Etnográfico Rio de Moinhos (Viseu).

Para os Museus Nacionais, adicionalmente, elaborámos um questionário (ver apêndice III), construímos um gráfico (ver gráfico 2) e adicionámos mapas para os museus para representar os Museus existentes nos Açores e na Madeira (ver figura 8) e fizemos o mesmo para os de Portugal Continental (ver figura 7).

Os Museus que, seguidamente, irão ser descritos, foram divididos pelos distritos de Portugal Continental e pelos dois arquipélagos atlânticos portugueses, apresentando-se com uma ordenação alfabética.

---

<sup>11</sup> A Rede Portuguesa de Museus é um sistema organizado de Museus, atualmente composta por cerca de 149 Museus, sujeitos a adesão voluntária, e que visa a descentralização, mediação, qualificação e a cooperação entre Museus. Foi criada em 2000, pelo Instituto Português de Museus, e é um instrumento essencial na execução da política museológica nacional e qualificação dos Museus Portugueses. Tem como objetivos a valorização e a qualificação da realidade museológica nacional, a descentralização de recursos, o planeamento e a racionalização dos investimentos públicos, o fomento da articulação entre Museus, a valorização formativa dos seus profissionais e assegura os procedimentos conducentes à credenciação de Museus que pretendam vir a integrar a Rede Portuguesa de Museus. Para saber mais sobre esta Rede, consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/>

<sup>12</sup> O Roteiro dos Museus e Espaços Museológicos da Região Centro foi criado tendo como base o levantamento destes espaços na Região Centro, para reorganizar e valorizar os edifícios já existentes, melhorar a organização e a exposição dos acervos, melhorar a divulgação e acolhimento ao público e promover atividades de animação comunitária. Visa, também, sensibilizar a preservação, pelas gerações vindouras, do património móvel e imóvel, nos diferentes aspetos arqueológicos, históricos, artísticos e ambientais. O Roteiro dos Museus e Espaços Museológicos da Região Centro é composto por Museus de Arte, Museus de História e Arqueologia, Museus das Ciências e de Técnica, Museus de Etnografia e Antropologia, Museus Mistos e Pluridisciplinares, Sítios Arqueológicos e Monumentos Musealizados, Museus de Ciências Naturais, História Natural e Ecomuseus, sendo nos Museus de História Natural e nos Etnográficos onde debruçaremos a nossa atenção. Para saber mais sobre esta Rede, consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://roteiromuseus.ccdrc.pt/Default.aspx?tipologia=5>

## 2.2.1 – Portugal Continental - Distritos

### a) Águeda

O **Museu Etnográfico da Região do Vouga**<sup>13</sup> foi fundado a 4 de Julho de 1977 e a sua criação esteve intimamente ligada à iniciativa popular e às suas tradições, tendo para esta sido decisiva a ação do Grupo Folclórico da mesma região. O espaço onde foi fundado reveste-se de uma especial importância histórica, atendendo a que foi edificado numa quinta de exploração agrícola inserida num domínio senhorial, que data dos finais do século XIX. Neste local, é possível observar, ao longo de 27 salas, pedaços da história deste povo e da sua região, tais como trajas, objetos agrícolas, documentação histórica, filatelia e cultura religiosa.

### b) Algarve

O **Museu Etnográfico de Espiche**<sup>14</sup> situa-se em Lagos e possui cerca de 1500 miniaturas e modelos que representam os labores tradicionais do Algarve, as suas tradições, história e cultura. Muitas das esculturas em exposição foram talhadas em madeira, de forma a representar da forma mais fiel, as jornadas de trabalho e os costumes do povo.

### c) Aveiro

O **Museu Etnográfico da Murtosa**<sup>15</sup> possui uma forte ligação à lide agrícola, simbolizada em várias coleções representativas da importância que este setor de atividade tem no concelho da Murtosa. Abarca objetos maioritariamente elaborados em madeira, mas, também, de outro tipo de materiais, como metal, cerâmica e têxtil. Além destas, possui outras duas coleções, sendo uma ligada à habitação, mobiliário, têxtil e objetos de decoração e a outra ligada à atividade marítima e às memórias de uma faina secular (tal como a apanha do moliço na Ria de Aveiro, para usar como adubo), tudo representado através de réplicas, miniaturas e peças originais.

---

<sup>13</sup> Consultar os seguintes endereços eletrónicos: <http://www.regiaodovouga.com/museu-etnografico-da-regiao-do-vouga/>; [http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu\\_ficha.aspx?idMuseu=4&tipologia=5](http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_ficha.aspx?idMuseu=4&tipologia=5)

<sup>14</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: [https://www.facebook.com/pg/museuetnograficodeespiche/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/museuetnograficodeespiche/about/?ref=page_internal)

<sup>15</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: [http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu\\_ficha.aspx?idMuseu=31&tipologia=5](http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_ficha.aspx?idMuseu=31&tipologia=5)

O **Museu Etnográfico de Válega**<sup>16</sup> foi inaugurado em 1998. A sua abertura deu-se como fruto da generosidade do povo e da iniciativa do Grupo de Folclore dessa freguesia, através da recolha de fundos. O seu acervo é constituído, na sua maior parte, por espécies etnográficas, representativas da vida doméstica, agrícola e industrial de Válega, entre finais do séc. XIX e inícios do séc. XX.

#### d) Beja

O **Museu Etnográfico de Serpa**<sup>17</sup> foi inaugurado em 1987, encontrando-se instalado no edifício do antigo Mercado Municipal, numa construção que data de finais do século XIX. Além de exposições temporárias e visitas guiadas, apresenta uma exposição permanente, designada de "Ofícios da Terra", que relembra os diversos ofícios e ocupações na produção de bens indispensáveis para a população e o saber e técnicas tradicionais locais. A coleção é composta por vários artefactos e utensílios relacionados com os ofícios de alfaiate, barbeiro, cesteiro, oleiro, sapateiro e pescador, e constitui uma importante memória da cultura e da vida histórico-laboral no concelho.

#### e) Cantanhede

O **Museu Etnográfico do Grupo Típico de Ançã**<sup>18</sup> está edificado numa casa setecentista, comprada e restaurada pelo Grupo Típico de Ançã em 1990. Nele encontram-se representados não só a casa típica de Ançã, como um acervo valiosíssimo, doado ao longo dos anos, pelos cidadãos residentes.

#### f) Castelo Branco

O **Museu Etnográfico de Castelo Branco**<sup>19</sup> trata-se de um espaço que exhibe coleções de alfaías e utensílios, que datam do período compreendido entre 1890 e

---

<sup>16</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: [http://mevalega.pt/web/http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu\\_ficha.aspx?idMuseu=40&tipologia=5](http://mevalega.pt/web/http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_ficha.aspx?idMuseu=40&tipologia=5)

<sup>17</sup> Consultar os seguintes endereços eletrónicos: <http://www.cm-serpa.pt/artigos.asp?id=1001>; <http://www.roteirodoalqueva.com/museus/museu-etnografico-de-serpa>

<sup>18</sup> Consultar os seguintes endereços eletrónicos: <http://www.cantanhedego.pt/conteudos/webapp/descobre/detalhes.aspx?id=348&title=museu-etnografico-do-grupo-tipico-de-anca&idioma=pt>;

[http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu\\_fichaGeo.aspx?idMuseu=54&tipologia=5&regiao=162](http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_fichaGeo.aspx?idMuseu=54&tipologia=5&regiao=162)

<sup>19</sup> Consultar os seguintes endereços eletrónicos: [http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu\\_ficha.aspx?idMuseu=333&tipologia=5](http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_ficha.aspx?idMuseu=333&tipologia=5)

1930, e que representa os costumes e as tradições da população da cidade e das suas vinte e cinco freguesias.

### **g) Coimbra**

Sobre o **Museu da Ciência da UC**, antigo Museu de História Natural, explicitaremos, com detalhe, no capítulo 3.



**Figura 2: Laboratório *Chimico* da UC**

O **Museu Etnográfico e Posto de Turismo**<sup>20</sup> da Praia de Mira, inaugurado a 5 de outubro de 1997, foi construído totalmente de raiz para a função que viria a desempenhar. Edificado em madeira e assente em arquitetura palafítica (estacaria), este espaço contempla desde nuances do património arquitetónico à pesca, abordando os modos de vida e as tradições da população, através de mobiliário, trajas e instrumentos utilizados na pesca e alfaias agrícolas.



**Figura 3: Museu Etnográfico e Posto de Turismo de Mira**

---

<https://beira.pt/diretorio/museu-etnografico-do-concelho-de-castelo-branco/>  
<https://www.diariodigitalcastelobranco.pt/detalhe.php?c=2&id=23420>

<sup>20</sup>Consultar o seguinte endereço eletrónico: <https://www.cm-mira.pt/node/145>

O **Museu Etnográfico de Meda de Mouros**<sup>21</sup> é composto por um acervo rico e diversificado, resultante de uma recolha feita na própria aldeia, de utensílios ligados à prática agrícola e às atividades tradicionais rudimentares, como por exemplo, o cultivo e o tratamento do linho. Além das frequentes exposições, são realizados, periodicamente, espetáculos que revivem as práticas ligadas ao antigo mundo rural.

O **Museu Municipal Santos Rocha**<sup>22</sup>, situado na Figueira da Foz, fundado em 1894, por iniciativa de António dos Santos Rocha. Esta instituição dispõe de um Centro de Documentação, que disponibiliza uma vasta coleção de obras de temática relacionada, fundamentalmente, com a História da Arte, Arqueologia e Museologia. Possui, também, um núcleo significativo de bibliografia sobre a história local e sobre a história do Museu Municipal. É, ainda, constituído por uma sala de leitura/consulta e por um espaço de Reserva. As coleções que não se encontram em exposição, como por exemplo, a das armas, de mobiliário e etnografia de África, Brasil e Oriente, podem ser visitadas na Reserva do Museu.

#### **h) Guarda**

O **Museu Etnográfico de Seia**<sup>23</sup>, localizado na Serra da Estrela, foi inaugurado a 10 de Junho de 2008 e apresenta um acervo etnográfico rico e diversificado ligado à agricultura (vinho e azeite), aos pesos e medidas e aos ofícios tradicionais (sapateiro, carpinteiro e resineiro), existindo, também, uma parte expositiva associada aos têxteis.

#### **i) Guimarães**

O **Museu Etnográfico e Arte Sacra de S. Torcato**<sup>24</sup> foi inaugurado em 1985, no edifício-sede da Irmandade de São Torcato, tendo, atualmente, em exposição uma coleção referente à construção do templo, às romarias, às profissões ligadas ao trabalho do linho e da vinha e ao culto a esta entidade religiosa.

---

<sup>21</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: [http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu\\_ficha.aspx?idMuseu=152&tipologia=5](http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_ficha.aspx?idMuseu=152&tipologia=5)

<sup>22</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://www.cm-figfoz.pt/index.php/cultura/2014-03-20-16-23-51/museus>

<sup>23</sup> Consultar os seguintes endereços eletrónicos: [http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu\\_ficha.aspx?idMuseu=213&tipologia=5](http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_ficha.aspx?idMuseu=213&tipologia=5)  
<http://seiaportugal.blogspot.pt/2009/02/museu-etnografico-de-seia-rancho.html>

<sup>24</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: <https://www.igogo.pt/museu-etnografico-e-arte-sacra-de-sao-torcato-museu-da-irmandade-de-sao-torcato/>



## j) Leiria

O **Museu Dr. Joaquim Manso**<sup>25</sup> localiza-se no Sítio e foi inaugurado ao público, em 1976, representando a identidade histórico-cultural da região da Nazaré, com a influência das atividades e lides dedicadas ao mar. As suas coleções simbolizam os testemunhos milenares e históricos da íntima relação do povo com o mar (através das embarcações e artes de pesca), do culto a Nossa Senhora da Nazaré e da história da vila com as suas profissões, festas e trajes tradicionais.

O **Museu Etnográfico do Freixial**<sup>26</sup> tem como missão relembrar a história do seu povo e transmitir os seus traços e identidade culturais pelas gerações vindouras, sendo ele próprio a reconstituição e representação de um pedaço da sua história, ao localizar-se numa habitação rural dos finais do século XIX, relembrando o mundo da agricultura e as atividades tradicionais da região nesta época. As coleções apresentadas traduzem-se num vasto acervo, recolhido pelo Rancho Folclórico do Freixial ao longo dos anos, e representam o seu povo, revivendo o seu dia-a-dia, a sobrevivência numa economia e os tempos difíceis, onde todos os ofícios eram importantes, como fontes de rendimento.

## k) Lisboa

A **Academia das Ciências de Lisboa**<sup>27</sup> foi fundada em 24 de dezembro de 1779, durante o reinado de D. Maria I, e é uma das mais antigas instituições científicas nacionais. Trata-se de uma instituição científica de utilidade pública, com personalidade jurídica e autonomia administrativa, atualmente sob a tutela do Ministério da Educação e Ciência.

O **Museu Maynense**<sup>28</sup> pertence, também, à Academia das Ciências de Lisboa e possui um valiosíssimo acervo reconhecido a nível internacional, agregando uma Pinacoteca, Estatuária, Relíquias do Convento de Jesus, Instrumentos de Física, material Etnográfico, Zoológico, Paleontológico, Mineralógico, Arqueológico e Botânico.

---

<sup>25</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://www.cm-nazare.pt/pt/museu-dr-joaquim-manso>

<sup>26</sup> Consultar os seguintes endereços eletrónicos: [http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu\\_ficha.aspx?idMuseu=99&tipologia=5](http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_ficha.aspx?idMuseu=99&tipologia=5)  
<http://www.arrabal.pt/freguesia-patrimonio/museu-etnografico-do-freixial>

<sup>27</sup> Consultar os seguintes endereços eletrónicos: <http://www.acad-ciencias.pt/academia>

<sup>28</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://www.acad-ciencias.pt/academia/museu-maynense>

O **Museu Etnográfico de Vila Franca de Xira**<sup>29</sup> é um espaço que se situa no interior da Praça de Touros Palha Blanco e que foi criado, em 1972, pela Dra. Maria Micaela Soares. Neste, deparamo-nos com pinturas, desenhos, fotografias e esculturas, que exibem a arte da tauromaquia e a pesca no Rio Tejo, e com manequins representativos das profissões tradicionais da Lezíria (pescadores, camponeses, ganadeiros) e das atividades laborais ligadas ao Tejo, entre os séc. XVIII e XIX.

O **Museu Nacional de História Natural e da Ciência**<sup>30</sup> (MUHNAC) é um organismo da Universidade de Lisboa e constitui um pólo de divulgação e transmissão de cultura, de ciência e de educação. O Museu, que deriva do Real Museu de História Natural e Jardim Tropical, criados no século XVIII, contém espaços com coleções repletas de património relevante, incluindo as seções de História e cultura material de Ciência, Zoologia, Antropologia, Mineralogia e Paleontologia, dos quais também faz parte o Jardim Tropical (monumento nacional). Poderemos, ainda, aí encontrar, o *Laboratorio Chimico* e Anfiteatro, o Observatório Astronómico e o antigo Picadeiro do Colégio dos Nobres.

A área de reserva visitável situa-se no **IICT/MUHNAC** e inclui, além de uma Xiloteca, coleções do antigo Museu Agrícola Colonial e três coleções de Etnografia (Missão Antropológica de Moçambique, Missão Antropológica e Etnológica da Guiné e Missão Antropológica de Timor).



**Figura 4: IICT/MUHNAC**

<sup>29</sup>Consultar os seguintes endereços eletrónicos: [https://www.viamichelin.pt/web/Sitio-turistico/Vila\\_Franca\\_de\\_Xira-2600-Museu\\_etnografico-a5psb8ro](https://www.viamichelin.pt/web/Sitio-turistico/Vila_Franca_de_Xira-2600-Museu_etnografico-a5psb8ro);  
<http://www.touroeouro.com/article/view/15453/palha-blanco-tera-museu-etnografico-em-2018>

<sup>30</sup>Consultar os seguintes endereços eletrónicos: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-de-ciencia-da-universidade-de-lisboa/>  
<http://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/colecao-biblioteca-historica>

A criação do **Museu Nacional de Etnologia**<sup>31</sup> em 1965 está intimamente ligada à história da Antropologia portuguesa. Este surgiu, devido à necessidade de criação de um centro cultural onde se pudessem expor, apresentar e divulgar Coleções Etnográficas representativas de todos os povos do mundo, tal como acontece com a sólida coleção etnográfica, obtida por Margot Dias e outros investigadores, sobre o povo Maconde de Moçambique, após longos anos de dedicação e investigação. Do diversificado acervo existente neste espaço, fazem parte estudos sobre arados, sistemas de atrelagem, equipamentos associados às atividades agro-marítimas, tecnologia têxtil e sobre a generalidade da alfaia agrícola. Contém, ainda, outras coleções, como, por exemplo as que retratam a Amazónia brasileira ou a Indonésia, entre meados dos anos 60 e começo dos anos 70 do século XX com a intenção de representar as várias áreas do globo e atribuir uma dimensão universalista ao Museu. O Museu promove a organização de Reservas Visitáveis, de modo a facultar o seu acesso aos investigadores e está inscrito não só na Rede Portuguesa de Museus (RPM) como, também, na lista de Museus e Monumentos da Direção Geral do Património Cultural (DGPC).



Figura 5: Museu Nacional de Etnologia

## I) Porto

O **Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto**<sup>32</sup> (MHNCUP) resultou de uma fusão do Museu de História Natural da Universidade do Porto com o Museu da Ciência da Universidade do Porto ocorrida em 2015 e alberga coleções históricas de Geologia, Paleontologia, Zoologia, Arqueologia e Etnografia, Botânica (incluindo o Herbário da Universidade do Porto) e Ciência, estando, neste

<sup>31</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-nacional-de-etnologia/>

<sup>32</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: <https://mhnc.up.pt/sobre-o-mhnc-up/>

momento, temporariamente encerrado ao público, por se encontrar a sofrer um processo de reestruturação.



Figura 6: MHNCUP

O **Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim**<sup>33</sup>, fundado em 1937, por iniciativa de António dos Santos Graça (prestigiado poveiro pertencente à classe piscatória), fazendo parte das suas coleções a documentação etnográfica e antropológica sobre a Comunidade Marítima e Freguesias Rurais do Concelho desta instituição. Atualmente, estabelece uma forte ligação com a comunidade local, realizando, frequentemente, ações de colaboração com estabelecimentos de ensino e jovens em trabalhos da Área-Escola e colaborando na identificação e restauro de peças valiosas, por forma a preservar a identidade e cultura locais.

#### **m) Santarém**

O **Museu Rural e Etnográfico de Espinheiro**<sup>34</sup> foi inaugurado em 2000 e representa um espaço de excelência, na sua localidade, ao estabelecer contacto com os trajes, objetos domésticos tradicionais e utensílios agrícolas, utilizados num passado longínquo daquela região. O seu acervo está organizado por grupos temáticos: a matança do porco; o vinho; os utensílios domésticos; a cozinha do campo; a carpintaria; a água; o fabrico de pregos; o azeite; a cerâmica; a pólvora; os cereais; os serradores; a resinagem; a lavoura; o vestuário. Os seus núcleos são uma representação fiel da vida e da história do povo e das florestas da região.

<sup>33</sup>Consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-municipal-de-etnografia-e-historia-da-povoa-de-varzim/>

<sup>34</sup>Consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://cm-alcanena.pt/index.php/en/visitar-2/oquevisitar/museus/99-arquivo/252-museuespinheiro>

## **n) Setúbal**

O **Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal**<sup>35</sup> foi inaugurado em Dezembro de 1974, pela Junta Distrital de Setúbal, aquando da Revolução de 25 de Abril, do mesmo ano, abrindo ao público em 1976. Esta instituição possui um valioso acervo que representa o povo de Setúbal e o seu património arqueológico (abarcando coleções pré-históricas, romanas e pós-romanas) e que abrange diversas e ricas Coleções Etnográficas, das quais fazem parte artefactos, que simbolizam as atividades tradicionais (pesca, salicultura, criação de gado, construção naval, fiação e tecelagem, arte popular) e o artesanato rural e urbano.

## **o) Sintra**

O **Museu de História Natural de Sintra**<sup>36</sup> foi inaugurado em 1893 e é composto por um acervo de 10.000 fósseis, uma soberba coleção de trilobites e alguns exemplares raros e muito bem conservados de dinossauros. Além destas, conta com coleções de minerais de peças ainda em rocha, e outras isoladas e lapidadas, belezas únicas da natureza que são uma atração e foco de interesse para os visitantes, tanto portugueses como estrangeiros.

## **p) Viana do Castelo**

O **Museu Etnográfico de Vilarinho das Furnas**<sup>37</sup>, inaugurado em 1989, é o testemunho vivo da vontade dos antigos habitantes da extinta aldeia comunitária de Vilarinho das Furnas e fruto do empenho do Dr. Manuel Azevedo Antunes, no que respeita ao aproveitamento da matéria-prima originária da aldeia e à recolha e salvaguarda do seu património etnográfico, preservando-o e transmitindo o seu conhecimento para as gerações vindouras.

O seu acervo é constituído por coleções representativas da vida e organização agro-silvo-pastoril locais, dos ofícios tradicionais (o sapateiro, o carpinteiro e o artesão),

---

<sup>35</sup>Consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://maeds.amrs.pt/maeds.html>

<sup>36</sup>Consultar os seguintes endereços eletrónicos: <http://www.cm-sintra.pt/museu-de-historia-natural-de-sintra>; <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-de-historia-natural-de-sintra-colecao-miguel-barbosa/>

<sup>37</sup>Consultar os seguintes endereços eletrónicos: <http://www.cm-terrasdebouro.pt/index.php/2014-09-18-15-01-10/nucleo-museologico/museu-etnografico>; <http://natural.pt/portal/pt/Infraestrutura/Item/181>

do culto religioso, das tradições do povo, da lide doméstica e da ruralidade genuína da aldeia.

#### q) Viseu

O **Museu Etnográfico da Várzea de Calde**<sup>38</sup> (Núcleo Museológico Casa de Lavoura e Oficina do Linho) foi inaugurado em 2009 e está edificado numa típica casa de lavrador, permitindo ao visitante recuperar as vivências sazonais da vida agrícola e do quotidiano e da casa de família do povo local, num tempo passado. Atualmente, exhibe vários espaços temáticos, como “Os transportes”, “O curral do porco” e “Os trabalhos e os dias”, para além de uma exposição permanente de objetos de lavoura e alfaias agrícolas e objetos ligados à cultura do linho.

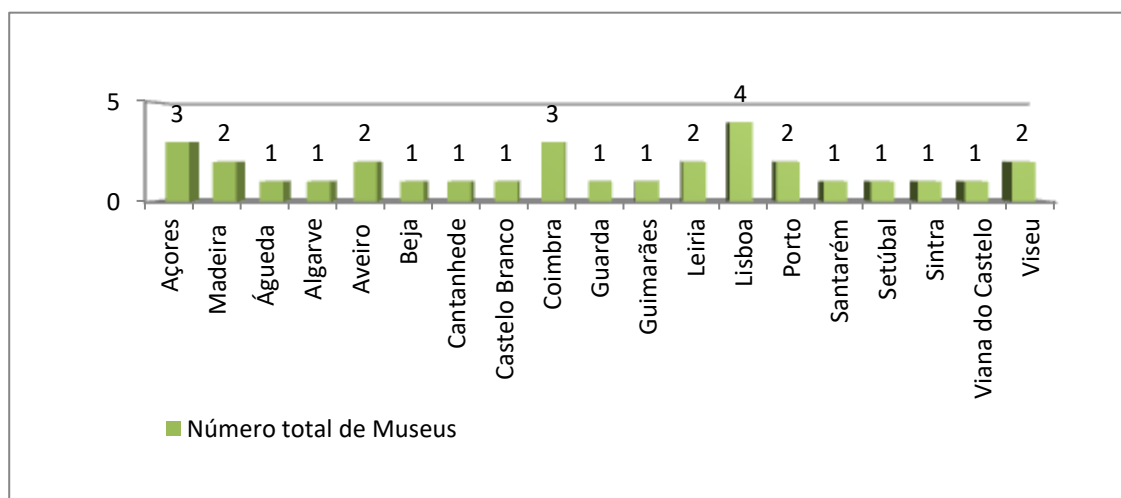
O **Museu Etnográfico de Rio de Moinhos**<sup>39</sup> é um espaço histórico-cultural edificado na antiga Cadeia de Rio de Moinhos. Sendo a localidade de Satão uma região onde se acumulou, ao longo de muitos anos, diversas peças representativas do património religioso e arqueológico e dos costumes do povo, através das atividades de Folclore, das Festas Populares, das Romarias, dos seus produtos e do Artesanato, este Museu apresenta ao público um acervo composto de coleções representativas dessas mesmas tradições e quotidiano e que podem ser observadas através dos trajes, alfaias agrícolas e objetos domésticos do mundo rural, dispostos nas suas salas.

---

<sup>38</sup> Consultar os seguintes endereços eletrónicos: <http://www.jf-calde.pt/freguesia/museu/>;  
[http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu\\_ficha.aspx?idMuseu=182&tipologia=5](http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_ficha.aspx?idMuseu=182&tipologia=5)

<sup>39</sup> Consultar os seguintes endereços eletrónicos:  
[http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu\\_ficha.aspx?idMuseu=172&tipologia=5](http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_ficha.aspx?idMuseu=172&tipologia=5)  
<http://www.cm-satao.pt/turismo/museus/museu-etnogr%C3%A1fico-de-rio-de-moinhos/>

O gráfico que se segue classifica e totaliza os Museus Nacionais com Coleções de História Natural e Etnográficas, em estudo por distritos e arquipélagos.



**Gráfico 2: Museus Nacionais com Coleções de História Natural e Etnográficas**

O mapa subsequente ilustra a localização dos Museus Nacionais com coleções de História Natural e Etnográficas.



**Figura 7: Museus com Coleções de História Natural / Etnográficas em Portugal Continental**

Fonte: [https://www.google.pt/maps/@38.4164751,-](https://www.google.pt/maps/@38.4164751,-24.7658629,5z/data=!4m3!11m2!2s1QvXT28ukGAc7ZhB-0xJsEEJ1tvk!3e3?hl=pt-PT)

[24.7658629,5z/data=!4m3!11m2!2s1QvXT28ukGAc7ZhB-0xJsEEJ1tvk!3e3?hl=pt-PT](https://www.google.pt/maps/@38.4164751,-24.7658629,5z/data=!4m3!11m2!2s1QvXT28ukGAc7ZhB-0xJsEEJ1tvk!3e3?hl=pt-PT)

## 2.2.2 – Arquipélagos atlânticos

### a) Açores

O **Museu Regional Carlos Machado**<sup>40</sup>, localizado em Ponta Delgada, foi criado em 1876, por Carlos Maria Gomes Machado (Reitor do antigo Liceu Nacional de Ponta Delgada e professor da disciplina de Introdução à História Natural), que reuniu e neste depositou as suas primeiras coleções. Neste espaço observa-se o grande interesse pelo estudo das ilhas, demonstrado pelos naturalistas da segunda metade do século XIX, através da exibição e divulgação da teoria da evolução das espécies de Darwin e das campanhas oceanográficas de membros da realeza, como do Príncipe Alberto do Mónaco e do El-Rei D. Carlos, determinantes para a fundação deste Museu de História Natural.

O **Museu das Flores**<sup>41</sup> foi inaugurado em 1977, pelo Secretário Regional de Educação e Cultura de Portugal. A sua abertura resultou da recolha de vários objetos etnográficos, iniciada por J.A. Gomes Vieira a partir do ano de 1960, estando o Museu, atualmente, sobre a Tutela da Direção Regional da Cultura dos Açores. O seu acervo é constituído por coleções essencialmente etnográficas, que vão desde os séculos XVIII a XX. Existindo neste Museu uma variada gama de alfaias agrícolas, objetos em osso e gravuras relacionadas com a terra e agricultura (pastel, cereais, leguminosas e linho são os temas predominantes). A coleção é, também, composta por utensílios de fiação e tecelagem de linho e lã.

O **Museu da Horta do Faial**<sup>42</sup> está edificado num imóvel originário do séc. XVIII, outrora residência do 1º Presidente da República Portuguesa, Dr. Manuel de Arriaga, e como tal, considerado de interesse público, tendo sido objeto de um projeto de reabilitação por iniciativa da Presidência do Governo Regional dos Açores. Das coleções existentes neste Museu enumeram-se os artefactos de cariz etnográfico ligados aos tradicionais utensílios agrícolas, ao linho e à lã e os objetos técnicos relativos ao Porto da Horta.

---

<sup>40</sup> Consultar os seguintes endereços eletrónicos: <http://museucarlosmachado.azores.gov.pt/>; <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-carlos-machado/>

<sup>41</sup> Consultar os seguintes endereços eletrónicos: <http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pggra-drcultura-mf/>; <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-das-flores/>

<sup>42</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-da-horta/>

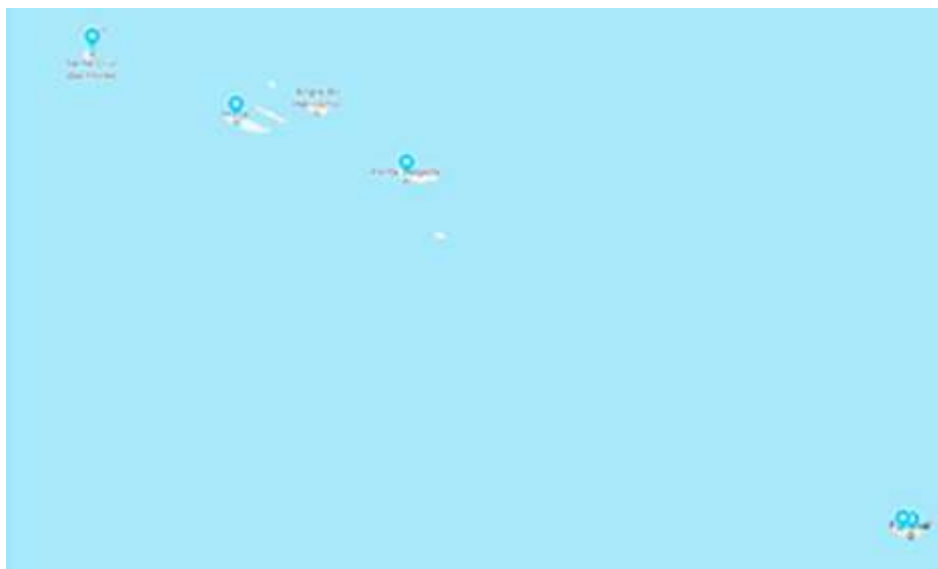


## b) Madeira

O **Museu Etnográfico da Ribeira Brava**<sup>43</sup> foi inaugurado a 15 de Junho de 1996 e ocupa dois edifícios, um edifício antigo (casa solarenga do século XVII, que, no século XIX, foi convertida em unidade industrial) e um edifício recente (construído de raiz para este fim). Alberga coleções de objetos relacionados com aspetos sociais, económicos e culturais do arquipélago da Madeira, dispostos em salas de exposição permanente e organizados por temas: atividades produtivas (pesca, cereais e vinho), transportes e comércio tradicionais (mercearia).

O **Museu de História Natural do Funchal**<sup>44</sup> foi criado em 1929 e é o mais antigo, em funcionamento, no Arquipélago. Está instalado no Palácio de São Pedro, sendo uma das mais significativas obras da arquitetura civil portuguesa, que data de meados do século XVIII. Este Museu está integrado no Departamento de Ciência da Câmara Municipal do Funchal (juntamente com a Estação de Biologia Marinha) situando-se nas proximidades do Cais do Carvão do Funchal e desenvolvendo ações de colheita de espécimes do património natural local e projetos de carácter científico, nos grupos zoológicos, botânicos e geológicos.

O mapa seguinte ilustra os Museus, com coleções de História Natural e Etnográficas, situados nos arquipélagos atlânticos portugueses.



**Figura 8: Museus com coleções de História Natural / Etnográficas nos Açores e na Madeira**

**Fonte:** <https://www.google.pt/maps/@38.4164751,-24.7658629,5z/data=!4m3!1m2!2s1QvXT28ukGAc7ZhB-0xJsEEJ1tvk!3e3?hl=pt-PT>

<sup>43</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-etnografico-da-madeira/>

<sup>44</sup> Consultar o seguinte endereço eletrónico: <http://cultura.madeiraedu.pt/museus/Museus/MuseuMunicipaldoFunchal/tabid/191/language/pt-PT/Default.aspx>



## **PARTE II – ESTUDO DE CASO: O DIÁLOGO ENTRE COLEÇÕES**



### 3 – As coleções científicas da Universidade de Coimbra

No que respeita a coleções de carácter científico, na Universidade de Coimbra, o Museu da Ciência é considerado uma das unidades de maior valor e importância, quer a nível nacional quer internacional, devido ao seu magnífico e preciosíssimo acervo museológico, composto por cerca de 650.000 objetos “distribuídos por quatro categorias principais – História Natural, Etnografia, Instrumentos Científicos e Modelos – e ainda mais de duas mil obras em papel que incluem livro antigo, cartografia, painéis pedagógicos e arquivos” (Universidade de Coimbra. Museu da Ciência, 2018).

Relativamente às coleções científicas da UC, estas:

“(…) são as mais antigas e significativas do país, tendo o seu núcleo forte tido origem na Reforma Pombalina da Universidade ocorrida no último quartel do século XVIII e que estabeleceu as bases para o ensino e investigação científica moderna em Portugal. A intervenção do Marquês de Pombal criou novas faculdades, a Faculdade de Filosofia e a de Matemática, e construiu equipamentos apropriados ao ensino das ciências utilizando os edifícios jesuítas que reconstruiu e recriou. Assim nasceu o primeiro museu universitário português, o Gabinete de História Natural, localizado no Colégio de Jesus, juntamente com o Gabinete de Física, o Teatro Anatómico e o Dispensatório Farmacêutico. Foram também criados noutros locais o Laboratório Chimico, o Observatório Astronómico e o Jardim Botânico” (Universidade de Coimbra. Museu da Ciência, 2018).

De modo a procedermos a uma análise e classificação adequadas destas coleções, é necessário considerarmos que estas pertencem ao passado, ao presente e ao futuro, e, ainda, que percorreram um caminho por diversas instalações, como o Colégio de Jesus<sup>45</sup>, o Colégio de S. Boaventura<sup>46</sup> e o Colégio de S. Bento<sup>47</sup>.

---

<sup>45</sup> “Após a Companhia de Jesus ter sido expulsa em 1759, o Colégio foi remodelado para acolher as novas Faculdades de Filosofia Natural e Matemática. Neste mesmo edifício foi instalado, em 1775, o Museu ou Gabinete de História que viria a ocupar as salas do piso superior, incluindo uma sala de aula em anfiteatro e as dedicadas aos três ramos da história natural: mineralogia, botânica e zoologia” (Gouveia, 1983: 14).

<sup>46</sup> “A transferência das coleções do Colégio de Jesus para o de S. Boaventura (Rua Larga), onde irá permanecer durante cerca de 40 anos, viria a ocorrer já nos finais da segunda década do séc. XX” (Amaral *et al.*, 2013, p.142).

<sup>47</sup> “Com a remodelação da Cidade Universitária e consequente demolição do Colégio de S. Boaventura o Museu e Laboratório Antropológico passou a ocupar, desde 1949, parte do definitivo Colégio dos Monges-Estudantes de S. Bento” (Areia *et al.*, 1991, p. 97).

Para além das categorias referidas anteriormente, assinala-se a existência de outras de igual importância e que se integram, também, nas coleções científicas<sup>48</sup> do MCUC: Antropologia, Astronomia, Botânica, Farmácia, Física, Medicina, Mineralogia e Geologia, Química e Zoologia. Estas coleções, irão ser descritas de forma muito sucinta, uma vez que o nosso estudo de caso incide na Antropologia e, mais concretamente, nas Coleções Etnográficas.

### a) Antropologia

Trata-se de um acervo, composto por Coleções Etnográficas e de osteologia humana, que conta com cerca de 4.000 objetos, sendo o seu cerne constituído por exemplares recolhidos por Alexandre Rodrigues Ferreira, ao longo da sua *Viagem Philosophica* à Amazónia, no séc. XVIII.

As Coleções Etnográficas, constituídas na sua maioria durante o séc. XIX, representam Portugal e os países de língua portuguesa, tais como o Brasil, Angola, Moçambique, S. Tomé, Guiné, Macau, Timor e Goa.

A coleção de osteologia humana contém 500 esqueletos completos e cerca de 2.000 crânios (incluindo a documentação sobre a origem e as características de cada indivíduo). Existe, também, um conjunto de modelos de frenologia.



Figura 9: Reservas Etnográficas, 1º  
piso do DCV



Figura 10: Reservas Etnográficas, 2º  
piso do DCV

### b) Astronomia

O núcleo mais antigo desta coleção está ligado à atividade científica do Observatório Astronómico, situado inicialmente (de 1799 a 1951) no Paço das Escolas e, mais tarde, em Santa Clara. Este estudo era, essencialmente, focado na Astronomia e na Matemática ao serviço da Geografia e da Navegação.

---

<sup>48</sup> Na página web da Universidade de Coimbra é possível consultar uma breve descrição destas coleções: <https://www.uc.pt/org/historia/ciencia/na/uc/Textos/museu/colecoes>

Da coleção atual constam cerca de 1.000 objetos, entre os quais se contam mais de 200 instrumentos de observação e os acessórios que lhes estão associados. Desta fazem, também, parte um núcleo de Livro Antigo e um conjunto de desenhos, mapas e cartas celestes.



**Figura 11: Instrumento de observação do Observatório Astronómico**



**Figura 12: Mapa celeste do Observatório Astronómico**



**Figura 13: Conjunto de mapas do Observatório Astronómico**

### **c) Botânica**

Consiste num conjunto de mais de 3.000 exemplares de frutos, sementes e ramos (conservados em seco ou em líquido) e uma gama de produtos vegetais (como resinas, gomas, fibras, cascas e madeiras) provenientes do Brasil e de países africanos de expressão portuguesa. Existe, igualmente, uma coleção importante de cerca de 500 modelos de flores e frutos (em cera e papier-maché) produzidos pelas mais famosas casas de modelos da Europa, em finais do séc. XIX: Auzoux, Brandel, Vasseur e Ziegler. O acervo de espécimes vegetais é complementado por um

valioso conjunto de fósseis de plantas, diversos instrumentos (como microscópios e lupas) e, ainda, uma série de artefactos produzidos com materiais orgânicos, não incluindo, no entanto, o Herbário da UC.



Figura 14: Museu Botânico do DCV



Figura 15: Museu Botânico do DCV

#### **d) Farmácia**

A Faculdade de Farmácia, cujas instalações se localizam, desde 2009, no Pólo das Ciências da Saúde (III), possui uma coleção de instrumentos científicos (fabricados, maioritariamente, no séc. XX) com origem nos laboratórios dos Departamentos de Bioquímica, Bromatologia, Farmacognosia, Farmacologia, Métodos Instrumentais de Análise, Microbiologia, Química Farmacêutica e, mormente, no Laboratório de Galénica e Tecnologia Farmacêutica. Estes perfazem cerca de 1.000 objetos, entre os quais se contam instrumentos científicos, tendo alguns destes equipamentos grandes dimensões, como acontece com as estufas, os autoclaves e as máquinas de fabrico de comprimidos.

#### **e) Física**

Inicialmente, preparada para o Colégio dos Nobres em Lisboa, esta coleção impulsionou a criação do Gabinete de Fysica Experimental, em Coimbra, em 1772. Perfazendo mais de 3.000 objetos, os quais, durante os séculos XVIII e XIX, foram utilizados como instrumentos científicos e didáticos de Física da UC (autênticas obras de arte) e cerca de 500 exemplares de Livro Antigo, este acervo é muito singular na Europa.





Figura 16: Gabinete de Física no Colégio de Jesus



Figura 17: Gabinete de Física no Colégio de Jesus

## f) Medicina

A coleção de objetos, presente na Faculdade de Medicina, é formada por mais de 5.000 exemplares e encontra-se distribuída por diversos departamentos, como os de Anatomia Geral, Anatomia Patológica, Bacteriologia, Biologia Médica, Farmacologia, Fisiologia, Higiene, Histologia, Medicina Legal, Oftalmologia e Terapêutica.

O acervo de Anatomia Patológica foi criado em 1865 e abrange mais de 1.000 espécimes de lesões em patologia humana e animal (conservados a seco e em meio líquido), 200 modelos de patologia humana (em cera e materiais diversos) e, também, equipamento pedagógico.

Para além de ser composta por espécimes anatómicos como esqueletos e modelos humanos (da autoria de artistas franceses como Auzoux, Bareta, Tramond, Vasseur), por um herbário de plantas medicinais, preparações histológicas, equipamento diversificado e instrumentos científicos (dos finais do séc. XIX e do séc. XX) e algum mobiliário histórico, trata-se de uma coleção em permanente crescimento, uma vez que, nos Hospitais da UC, continuarão a existir objetos e instrumentos que vão ficando obsoletos.



Figura 18: Espécimes anatómicos da Faculdade de Medicina da UC



Figura 19: Espécimes anatómicos da Faculdade de Medicina da UC

## g) Mineralogia e Geologia

O Museu Mineralógico e Geológico da UC, que integra a Galeria de Mineralogia do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC), foi criado por circunstância da divisão do Museu de História Natural em seções (de acordo com as grandes áreas das Ciências Naturais), no fim do séc. XIX. Estima-se que às coleções de Mineralogia, Geologia e Paleontologia pertençam mais de 20.000 exemplares, recolhidos em Portugal e em países de expressão portuguesa, e que vieram a constituir coleções, em finais do séc. XVIII.

A parte paleontológica deste acervo conta com cerca de 10.000 fósseis. O seu legado mineralógico, traduzido numa valiosa coleção de minerais portugueses e estrangeiros, é composto por 5.000 espécimes e por um conjunto de modelos cristalográficos. As amostras de rochas portuguesas e de outros países ultrapassam as 6.000 unidades.

Este património conta, igualmente, com cartografia geológica e respetivo equipamento cartográfico. Entre as cartas, com diferentes tipos e escalas de representação, destacam-se os mapas em relevo do séc. XIX e XX.



Figura 20: Corredor principal da galeria de Mineralogia do Colégio de Jesus



Figura 21: Vitrina do corredor principal da galeria de Mineralogia do Colégio de Jesus

## h) Química

Com origem nas atividades pedagógicas e de investigação, iniciadas no *Laboratorio Chimico* da UC em 1772, este acervo conta com mais de 1.000 peças (mormente do séc. XIX e XX), incluindo exemplares raros de Química do séc. XVIII. Nesta edificação, podemos deparar-nos com vestígios de antigas infraestruturas, como um antigo forno e outras divisões e materiais previamente existentes, tais

como chaminés e grelhas de ventilação. Serão, também, de mencionar os objetos antigamente pertencentes ao Laboratório, tais como uma série de fornos cerâmicos de reverbero (fabricados no próprio laboratório), assim como um conjunto de sete potes de botica em faiança (da fábrica de Domenico Vandelli, do fim do séc. XVIII), testemunhos da qualidade e relevância da atividade existente neste edifício, e, para além destes, os exemplares de mobiliário químico de bancadas, nichos de evaporação e diversas balanças, retortas, frascos e estufas.



**Figura 22: Interior do Laboratório Químico da UC**



**Figura 23: Materiais químicos do Laboratório Químico da UC**

## **i) Zoologia**

Esta coleção, sendo de todas a maior, compreende cerca de 200.000 exemplares, de diversas dimensões, que vão desde o maior espécime animal presente em museus portugueses (um esqueleto montado de uma baleia com 20 metros de comprimento) até a um singelo conjunto de insetos.

Os invertebrados representam cerca de 95% do acervo, sendo 75% do qual constituído por insetos. Aqui, podemos deparar-nos com vastas coleções exóticas de borboletas, conchas e escaravelhos.

Os vertebrados, que representam a restante parte dos itens, são constituídos por aves e peixes (conservados a seco e montados em exposição), espécimes completos de répteis e anfíbios (conservados em líquido), peles de espécimes de mamíferos e uma coleção osteológica de esqueletos montados e crânios. Entre os mamíferos, contam-se um urso e um casal de cabras do Gerês que, para além de já se encontrarem extintos em Portugal, são exemplares únicos em Museus, a nível nacional.



Figura 24: Sala de Vandelli, na galeria de História Natural do Colégio de Jesus



Figura 25: Galeria de Zoologia do Colégio de Jesus

### 3.1 – As Coleções Etnográficas do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

Relativamente ao nosso estudo de caso, as Coleções Etnográficas do MCUC, estas nem sempre se mantiveram no mesmo local, tendo passado por vários espaços, começando pela antiga Faculdade de Filosofia onde existia “o Gabinete de Física e os Museus de Mineralogia e Paleontologia, Zoologia, Botânica, Antropologia e Etnografia” (Henriques, 1911, p. 4). Esta Faculdade situava-se no Colégio de Jesus (antigo Museu de História Natural), criado pela Reforma Pombalina em 1772, tendo sido Domingos Vandelli, professor da cadeira de História Natural, o primeiro responsável pelo Museu (Areia *et al.*, 1991).



Figura 26: Museu de História Natural da Universidade de Coimbra

Fonte: *Archivo Pittoresco*, t. IX, nº 3, 1866, p. 17.

Em 1806 foi transferida para Coimbra, parte da coleção (a respeitante aos objetos etnográficos brasileiros) de Alexandre Rodrigues Ferreira, obtida durante a sua *Viagem Philosophica* à Amazónia (Amaral *et al.* 2013, Gouveia, 1985).

O Museu de História Natural começou a contar, através de Carta de Lei de 2 de julho de 1885, com as seções de Zoologia, Botânica, Mineralogia, e Antropologia, passando a ser Bernardino Machado o responsável pela seção museográfica (Henriques, 1911, Laranjeira, 1990).

Em 1890, de acordo com o testemunho do Professor Júlio Henriques, começou a ser estruturado numa parte do edifício do Museu de História Natural, o Gabinete de Antropologia (Amaral *et al.* 2013, Gouveia, 1985, Henriques, 1911, Laranjeira, 1990).

Foi realizada, em 1894, uma Exposição Insular e Colonial, com o intuito de mostrar ao público objetos provenientes de colónias e províncias ultramarinas portuguesas, que representassem a cultura destes povos, finda a qual estes foram adicionados ao acervo do Museu, contribuindo para o enriquecimento substancial das suas Coleções Etnográficas, maioritariamente as representativas dos povos de Angola e de Moçambique (Martins, 1985).

No Decreto de Lei de 28 de dezembro de 1901 (Reforma dos Estudos da UC) aparecem mencionados os estabelecimentos anexos à Faculdade de Filosofia, entre os quais constam o Museu Botânico, o Museu Geológico, o Museu Zoológico e o Museu Antropológico (Gouveia, 1985, Henriques, 1911).



**Figura 27: Fachada do Colégio de Jesus, antigo Museu de História Natural**



**Figura 28: Perspetiva de uma sala de etnografia do Colégio de Jesus**

**Fonte:** Bobone, 1899 cit. por Amaral, 2013, p. 139.



Em 1911, dá-se a transferência do Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra (MLAUC), que inclui a Biblioteca e as respetivas Reservas Etnográficas, para o Colégio de S. Boaventura, espaço em que se registou uma profunda reestruturação e remodelação da seção de Antropologia. Com o passar dos anos e o avolumar das coleções reunidas, começaram a surgir dificuldades de organização e arrumação nas três salas que continham as Coleções Etnográficas: Museu de Antropologia e Paleontologia Humana, Museu de Arqueologia e Museu de Etnografia. Em 1949, o MLAUC foi deslocado para o Colégio de S. Bento e dá-se a demolição do Colégio de S. Boaventura, acontecimentos derivados da profunda reestruturação das unidades orgânicas da Universidade de Coimbra e, também, da própria cidade (Amaral *et al.* 2013, Gouveia, 1985, Laranjeira, 1990, Martins, 1985).



**Figura 29: Fachada do Instituto de Antropologia do Colégio de S. Boaventura**

Fonte: A.A.E.C., 1984, p. 39.



**Figura 30: Vista geral da Sala de Etnografia do Colégio de S. Boaventura**

Fonte: Martins, 1985, p. 130.

A partir de 1949, o MLAUC, passa a registar uma “recolha etnográfica menos profícua, verificando-se que a incorporação de colecções é feita através de permutas, ofertas ou resultantes de missões de recolha em territórios ultramarinos” (Martins, 1985, p. 136).

Decorridos 8 anos, as Coleções Etnológicas foram depositadas na sede do Museu de Zoologia (Colégio de Jesus), devido às obras que se encontravam a ser efetuadas no Colégio de S. Bento, sendo estas coleções novamente realojadas neste edifício, em 1967 (Amaral *et al.* 2013, Gouveia, 1985, Laranjeira, 1990, Martins, 1985).

Devido ao critério e objetivo de reunir coleções numa perspetiva didática, integrando exemplares provenientes das ex-colónias portuguesas, incluindo o Brasil,

a partir de 1977, intensifica-se a atividade de aquisição de Coleções Etnológicas, com particular relevo para as de proveniência angolana. Como nos esclarece Laranjeira (1990) acerca das Coleções Etnográficas do Museu e Laboratório Antropológico “(...) Angola tem sido uma das temáticas mais privilegiadas e a mais frequentemente tratada em termos de extensão cultural por esta instituição” (p. 22). Estas coleções merecem uma especial atenção, não só pela quantidade mas pela antiguidade que lhes é inerente.

Atualmente, as Coleções Etnográficas de Angola e Moçambique estão divididas nas seguintes categorias: Acessórios pessoais; Adornos; Agricultura; Armamento; Brinquedos e jogos; Caça; Castigo e tortura; Cerâmica; Cestaria e esteiraria; Comércio e troca; Escultura; Heráldica; Instrumentos musicais; Instrumentos e utensílios, Latoaria e funilaria, Medicina e higiene, Meios de transporte; Metalurgia; Miniaturas; Mobiliário; Pastorícia; Pesca; Ritual e religião; Símbolos de poder; Tampas proverbiais de Cabinda; Têxteis e costura; Vestuário e calçado; Vidraria (Sistemas do Futuro. Base de Dados In Arte Premium, 2018)<sup>49</sup>.

A investigação que realizámos beneficiou da diversidade e relevância de um acervo de património universal presente nas Reservas Etnográficas do MCUC, maioritariamente constituído por artefactos originários das ex-colónias portuguesas, o que possibilitou um estudo avançado e detalhado de objetos de diversas tipologias e materiais de Angola e Moçambique.



**Figura 31: Fachada do DCV, antigo Colégio de S. Bento**



**Figura 32: Sala de Reservas Etnográficas do DCV**

<sup>49</sup> Para saber mais sobre a base de dados, consultar: <http://sistemasfuturo.pt/>

### **3.2 – A Coleção Bibliográfica da Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida da FCTUC**

O Colégio de S. Bento, nome inicial do edifício, agora denominado Departamento de Ciências da Vida, foi construído em 1576. A Biblioteca deste Colégio é conhecida pelo público em geral, graças ao seu catálogo, elaborado em 1834 e inserido no espaço histórico-temporal da extinção das Ordens Religiosas em Portugal. Os livros presentes no Colégio de S. Bento abarcavam obras de vários tipos e temas da sociedade, sendo, na sua maioria, voltados para as Ciências, Literatura e Humanidades (Rodrigues, 1988).

Em 21 de novembro de 1848, através de uma Portaria do Reino, o Colégio de S. Bento ficou unido à UC, passando desde então, a ser lecionados, neste estabelecimento, ensinamentos filosóficos e, mais tarde, científicos (Rodrigues, 1988).

Alguns anos depois, em 1852, foi aprovada uma Proposta de Projeto de Especialização desta Biblioteca e instituiu-se a fundação de uma Biblioteca Especial da Faculdade de Filosofia<sup>50</sup> (Carvalho cit. por Figueiras, 1985).

No ano de 1919, o Museu e Laboratório Antropológico foi destacado dos demais, passando a ocupar um espaço próprio, no já demolido Colégio de S. Boaventura, local onde se encontra, atualmente, a Faculdade de Medicina do Pólo I (Figueiras, 1985).

No decorrer do ano de 1949, o Museu e Laboratório Antropológico foi, novamente, deslocado e realojado no edifício do antigo Colégio de S. Bento. Aqui permaneceu a Biblioteca até aos dias de hoje, mesmo durante os quatro anos em que o edifício esteve sujeito a trabalhos de restauro (1960-1964), sendo que, a partir de 1965, se manteve a funcionar, ininterruptamente, neste edifício, até à atualidade (Figueiras, 1985; Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, 1984).

---

<sup>50</sup> “ (...) em Novembro de 1890 verificamos que a Biblioteca Especial da Faculdade de Filosofia, conhecida já por Biblioteca do Museu, está ligada aos Gabinetes de Zoologia, Mineralogia e Antropologia, mantendo-se ainda assim em 1901” (Figueiras, 1985, p. 62).





**Ilustração 6: Representação esquemática da evolução da nomenclatura da Biblioteca do DCV**

A Biblioteca do DCV, que é uma das diversas bibliotecas inseridas na UC, (ver apêndice XII) abrange um acervo que se localiza, não só na sala de leitura como, também, se encontra distribuído pelos depósitos de Botânica, de Zoologia, de Bioquímica e de Antropologia, sendo neste último que iremos centrar a nossa investigação.

Relativamente ao Depósito de Antropologia (ver apêndices IX e X), este compreende vários domínios temáticos (ver apêndice XI), de entre os quais se destacam as “Ciências Sociais, Antropologia Física/Biológica/Social, Arqueologia, Paleoantropologia, Sociologia, Demografia, Etnografia, Estudos Africanos e Genética” (Gomes, 2016, p. 365). As obras representativas destas diversas temáticas são constituídas por publicações periódicas, Coleções Especiais (Diamang e Marie-Louise Bastin), material não-livro e Livro Antigo.

A tabela subsequente, realizada por Gomes (2016), apresenta uma ficha técnica detalhada, sobre a Biblioteca do DCV da UC, com uma descrição e análise de elementos e dados relacionados, fornecendo informações sobre:

- endereço de página *web* institucional, enquadramento orgânico da UC, horários e identificação dos acervos/coleções nela existentes;
- serviços de informação, com identificação do seu regulamento interno, missão, atribuições/competências;
- estruturação, organização e divulgação da informação;
- breve história da Biblioteca.

Ficha de recolha de dados	
N.º	4
Data de preenchimento	04/08/2015; revisão em junho 2016
Serviço de Informação	Biblioteca
Identificação	
Nome	Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida
Enquadramento orgânico na UC	FCTUC - Departamento de Ciências da Vida (DCV)
Localização	Colégio de S. Bento, Calçada Martim de Freitas, 3000-393 Coimbra
Endereço página web	<a href="http://www.uc.pt/fctuc/dcv/servicos/bibliotecas">http://www.uc.pt/fctuc/dcv/servicos/bibliotecas</a>
Horário	Horário de funcionamento no período letivo - 2.ª a 6.ª feira: 9:00-19:30; Horário das requisições: 9:00-19:15; Horário da zona de tratamento técnico e consulta de reservados: 9:00-12:45, 14:00-17:45; Férias de Verão - 2.ª a 6.ª feira: 9:00-13:00, 14:00-17:30.
Acervo/Coleção	[Informação não disponibilizada na respetiva página web; consultou-se bibliografia e o Relatório da Biblioteca, de 2010]. Acervo constituído por bibliografia portuguesa e estrangeira nas temáticas da Antropologia, Bioquímica, Botânica e Zoologia. Coleções especiais: Manuscritos, Livro Antigo (das anteriores Bibliotecas de Antropologia, Botânica e Zoologia), Microformas, Documentos Cartográficos e Material não Livro. Principais domínios temáticos da Zoologia: Zoologia, Biologia Geral (Biologia Molecular e Celular, Bioquímica, Neurociências, Ecologia Animal e Sistemática). Principais domínios temáticos da Botânica: Citologia, Botânica, Fisiologia Vegetal, Taxonomia, Ecologia, Microscopia Eletrónica, Genética, Biologia Molecular. Principais domínios temáticos da Antropologia: Ciências Sociais, Antropologia Física/Biológica/Social, Arqueologia, Paleoantropologia, Sociologia, Demografia, Etnografia, Estudos Africanos, Genética. Dimensão: <u>Antropologia</u> : monografias (22.668 volumes, incluindo o livro antigo), publicações periódicas (26.524 volumes), 35 CDs; coleções especiais - Diamang (monografias - 2366 volumes; publicações periódicas - 1487 volumes) e Marie-Louise Bastin (monografias - 1124 títulos, publicações periódicas - 115 títulos). <u>Bioquímica</u> : 287 obras, 93 teses de doutoramento, 50 dissertações de mestrado, 35 relatórios de estágio, cerca de 40 títulos de publicações periódicas, 24 CDs). <u>Botânica</u> : cerca de 34.000 monografias (sendo 12.865 separatas), cerca de 3691 títulos de publicações periódicas, 11.149 microfichas (2856 de 52 obras, 579 de 2 publicações periódicas, 7.714 do Herbário) e Coleções especiais: Livro Antigo (cerca de 260, entre 1576-1800), Documentos cartográficos (mapas/plantas). <u>Zoologia</u> : monografias (cerca de 11.000), publicações periódicas (cerca de 1850 títulos), livro antigo (424), material não livro - 105 CD'S e DVD'S, 3 dossiers com transparências, 5 caixas de vídeo, 3 caixas de slides, 1 pasta com acetatos, 1 dossier com slides, 89 filmes (a maioria de bobines). <u>Atual biblioteca do DCV</u> (975 monografias).
Caraterização interna	
Regulamento interno	Regulamento interno inexistente. Vigora o Regulamento das Bibliotecas da UC (Empréstimo Domiciliário) – informação transmitida oralmente, pois na respetiva página web não surge qualquer referência aos Regulamentos das Bibliotecas da UC.



Cabe-nos, ainda, ressaltar que, para além dos dados presentes na tabela de Gomes (2016, pp. 365-366), relativos à estrutura orgânica interna da Biblioteca do DCV, nos quadros deste mesmo organismo, passou a constar, em 2018, uma Técnica Superior.

### **3.3 – Pontes e relações entre coleções**

#### **3.3.1 – Seleção da amostra**

Neste subcapítulo, iremos explicitar os motivos e critérios adotados na seleção dos objetos museológicos e documentais, inseridos num contexto expositivo, a realizar-se no MCUC.

Por forma a efetuar a escolha de objetos museológicos, começámos por consultar as coleções *online*, na base de dados<sup>51</sup> do MCUC, mais concretamente aquelas que contivessem objetos etnográficos relacionados com rituais, tais como: adivinhação, caça, casamento, cerimonial, comércio e culto mágico-religioso. De modo a procedermos a esta seleção, tornou-se necessário procurar, na base de dados, objetos etnográficos que incluíssem fotografias, para que esta escolha se tornasse mais eficiente. Adicionalmente, estes objetos (ver apêndice IV) foram selecionados de acordo com a sua aparência física, relacionamento comum e de acordo com o tamanho, que teria de ser adequado para a sala de exposição temporária.

Entre os 4000 objetos de Antropologia, existentes nas Coleções Etnográficas e de Osteologia Humana do MCUC, procedemos à seleção de 29 itens.

Posteriormente, deslocámo-nos às duas Reservas Etnográficas (ver figuras 9 e 10) do MCUC (1º e 2º pisos do DCV), na companhia dos respetivos números de inventário dos itens selecionados e das fotografias correspondentes, para facilitar a sua procura. Esta ação de localização dos objetos foi realizada com a colaboração da Dra. Carla Coimbra Alves, atual conservadora da Coleção de Antropologia do MCUC.

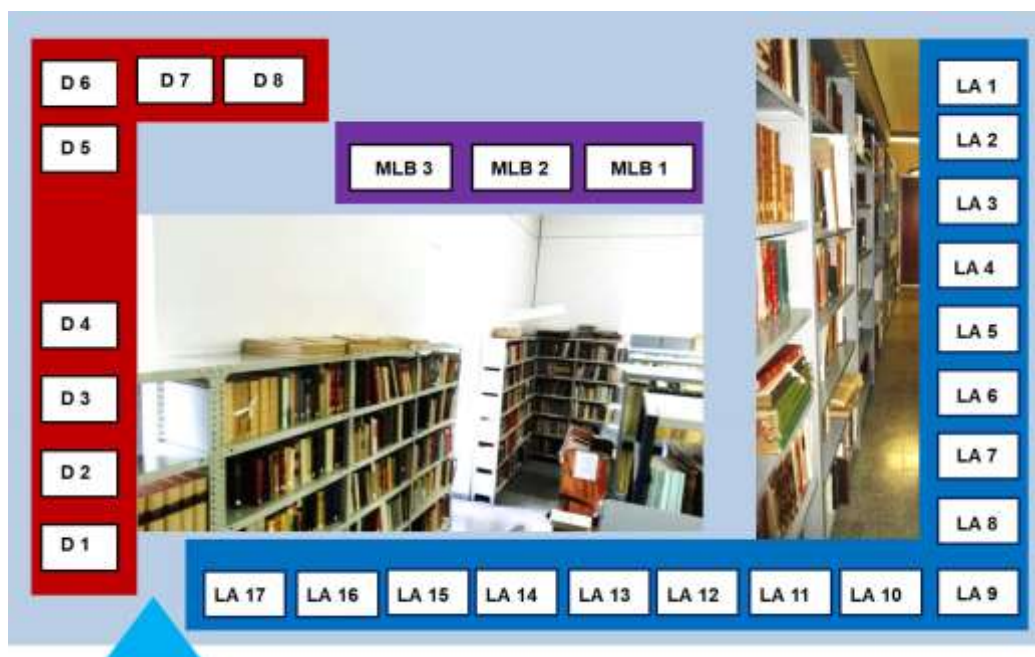
---

<sup>51</sup> Para saber mais sobre a base de dados, consultar: <http://museudaciencia.inwebonline.net/guiada.aspx>



Por forma a efetuarmos uma descrição inteligível da distribuição dos livros anteriormente citados, nas diversas estantes, apresentamos na figura abaixo, um esquema ilustrativo deste mesmo alinhamento. As colunas a vermelho (do número um ao oito) correspondem às estantes da Coleção Especial da Diamang (representada pela letra D), a coluna a roxo (do número um ao três) é respeitante às estantes da Coleção Especial de Marie-Louise Bastin (representada pela sigla MLB) e as colunas a azul (do número um ao dezassete) indicam as estantes da Coleção de Livro Antigo (representadas pela sigla LA). A fotografia da esquerda ilustra as Coleções Especiais (Diamang e Marie-Louise Bastin), a da direita a Coleção de Livro Antigo e a seta a azul assinala a entrada para o Depósito.

No apêndice X encontra-se um esquema elucidativo da estrutura geral da sala do Depósito de Antropologia.



**Ilustração 8: Representação das estantes do Depósito de Antropologia com Coleções Especiais e de Livro Antigo**

Atendendo a que o nosso estudo se fundamenta, sobretudo, numa pesquisa qualitativa, com o propósito de efetuar a seleção de uma amostra representativa, das Coleções de Livro Antigo e Especiais da Diamang e de Marie-Louise Bastin, foram por nós consideradas ilustrações, fotografias elucidativas e, ainda, textos complementares sobre: a) rituais, símbolos e costumes; b) crenças, magia e medicina; c) arte e escultura africana.

Numa primeira fase desta recolha de dados, realizada no Depósito de Antropologia, adotámos o procedimento de observação direta, com o auxílio do Livro de Registos e do Catálogo de Assuntos (ideográfico) da Diamang (no caso da Coleção de Marie-Louise Bastin, não dispusemos deste tipo de auxílio).

Na fase da seleção quantitativa, escolhemos 7 obras de Livro Antigo (num universo de 3.855 espécimes documentais, constituído por mapas, separatas, monografias, dicionários e enciclopédias), 19 monografias da Coleção da Diamang (entre as 2.366 existentes), 10 monografias da Coleção de Marie-Louise Bastin (entre as 1.124 disponíveis). Adicionalmente, foram selecionados 4 monografias da antiga Biblioteca do Instituto de Antropologia e do antigo Museu e Laboratório Antropológico, o que perfaz uma amostra de 40 livros (ver apêndice VI).



**Figura 33: Livro de Registos da Coleção de Livro Antigo do Depósito de Antropologia do DCV**



**Figura 34: Catálogo de assuntos da Coleção da Diamang**

**Fonte:** Depósito de Antropologia da Biblioteca do DCV



**Figura 35: Exemplos da amostra final representativa do estudo de caso**

**Fonte:** Depósito de Antropologia da Biblioteca do DCV

### 3.3.2 – Discussão de resultados

Ao efetuarmos um balanço final retirámos várias ilações acerca do estudo de caso realizado. Quanto aos **aspetos positivos** vamos dividi-los e agrupá-los em: fatores humanos; fatores estruturais e organizacionais (documentos, depósito, edifício e espaço envolvente); fatores técnicos e científicos; fatores climatéricos.

Entre os fatores humanos destacam-se a ajuda e cooperação obtidas por parte de algumas pessoas estritamente ligadas à realização da nossa dissertação, como foi o caso do Professor Doutor Jorge Canhoto, da Dra. Sofia Gomes (Técnica Superior da Biblioteca do DCV), dos funcionários da Biblioteca do DCV, da Dra. Carla Coimbra Alves (que nos permitiu aceder às Reservas Etnográficas do MCUC e fotografar os seus objetos) e da Dra. Ana Godinho do IICT/MUHNAC (que nos facultou fotografias e material relevante/complementar).

No que diz respeito aos fatores estruturais e organizacionais, relativamente aos documentos, evidencia-se o facto de os espécimes de Livro Antigo apresentarem a sua ordem praticamente inalterada, nas respetivas estantes, desde a sua disposição inicial. As reduzidas alterações ocorridas, verificaram-se pontualmente, no sentido de agilizar o acesso aos documentos. Quanto ao Depósito, este apresenta dimensões, consideravelmente diminutas (permitindo uma rápida deslocação entre corredores) e a entrada no interior deste tem de ser feita através de uma sala de aula (o que torna o acesso aos utilizadores restrito, permitindo que os documentos nele existentes, devido ao seu escasso manuseamento se conservem e mantenham em boas condições). Relativamente ao edifício e espaço envolvente, a sua localização é centralizada e de fácil acesso, quer a nível pedonal quer rodoviário, situando-se num sítio estratégico e relevante da cidade (em plena Alta de Coimbra), rodeado de Faculdades, Bibliotecas e Laboratórios.

No que tange aos fatores técnicos e científicos, a riqueza, diversidade e quantidade de documentos existentes no Depósito, possibilitou-nos a realização de um estudo de caso mais aprofundado, o que se pode comprovar pelo facto de o acervo selecionado ser uma amostra representativa, diversificada e ilustrativa das Coleções de Livro Antigo, da Diamang e de Marie-Louise Bastin, que se complementam por fazerem parte de um mesmo enquadramento e por partilharem assuntos comuns, o que inserido num contexto expositivo, se torna uma mais-valia.



Quanto aos **aspetos menos positivos** vamos dividi-los e agrupá-los em: fatores temporais e de índole académica; fatores técnicos; fatores tecnológicos.

A respeito dos fatores temporais e de índole académica (os quais podemos conjugar num único fator) realçamos: a dificuldade em aceder ao Depósito, num horário flexível e alargado, o que nos dificultou a análise de uma coleção tão vasta de acervo antigo e de Coleções Especiais, obrigando-nos a uma difícil gestão de tempo disponível.

Quanto aos fatores técnicos, deparámo-nos com a ausência de recursos, bem como com a inexistência de folha de inventário (para o Livro Antigo e Coleções Especiais) e com a falta de referência de dados relevantes, no Livro de Registos. Adicionalmente, constatámos que não existe nenhum Catálogo de Assuntos para a Coleção de Marie-Louise Bastin e que existe apenas um para a Coleção da Diamang, além do facto de a maioria dos livros de ambas as coleções não estarem, ainda, catalogados.

Relativamente aos fatores tecnológicos, mencionamos a escassez e desatualização de dados disponíveis na plataforma *online*, ao nível das Reservas (quer no que diz respeito à consulta de Livro Antigo quer no que o diz para a consulta das Coleções Especiais), para além do facto de muitos destes itens não se encontrarem devidamente descritos ou de o estarem de uma forma incompleta, no Catálogo Online de Acesso Público das Bibliotecas da Universidade de Coimbra<sup>53</sup> (*web opac*), o que implica a que o utilizador desconheça a sua existência. Adicionalmente, existem cotas que estão atribuídas a material não livro, devido a falhas técnicas e informáticas.

Um dos propósitos subjacentes a esta investigação foi, justamente, o de contribuir para que as lacunas e insuficiências, anteriormente mencionadas, possam ser alvo de atenção e melhoria.

---

<sup>53</sup> Para saber mais sobre o Catálogo Online de Acesso Público das Bibliotecas da Universidade de Coimbra, consultar: <http://webopac.sib.uc.pt/>



## **4 – Proposta de exposição e divulgação**

### **4.1 – Enquadramento expositivo: justificação da temática**

Nas Reservas Etnográficas do MCUC, localizadas no DCV, temos o privilégio de poder contactar com um vasto património universal, constituído, maioritariamente, por artefactos provenientes de ex-colónias portuguesas.

Foi a partir do estudo e análise destes objetos, de tipologias e materiais tão diversificados, que nos surgiu o tema de investigação, a ser apresentada num contexto expositivo da sala de exposições temporárias do MCUC, e cuja temática se intitulará: “Na presença de rituais: história, simbolismo e materialidade”.

Atendendo a que os objetos, do nosso estudo de caso, devem partilhar um fundamento comum, o ritual (que poderá ser ramificado em adivinhação, caça, casamento, cerimónia, comércio, culto e magia-religiosa), procedemos a uma escolha, tendo sido selecionados artefactos que vão desde as esculturas (de Angola e de Moçambique), à cestaria e instrumentos musicais de Angola.

Os itens escolhidos foram divididos, posteriormente, em três categorias: O meio e o Homem; Crenças, magia e medicina; Mapas. A criação dos grupos de objetos anteriores teve subjacente uma necessidade de consonância entre estes e os livros selecionados (ver apêndice VI), para que, numa ulterior exposição, venha a existir um diálogo entre eles.

Seguidamente apresentar-se-á o guião fotográfico expositivo do estudo de caso.

## 1. Rituais, símbolos e costumes



**Figura 36: Caçador de Angola**

**Fonte:** Dinis, F. (1915). *Etnografia dos povos de Angola*, p. 12.



**Figura 37: Espingarda**

**Fonte:** IICT/ MUHNAC, A-6011/063



**Figura 38: Caçador quioco**

**Fonte:** Capelo, H. (1881). *De Benguela às terras de Lácca : descrição de uma viagem na África Central e Occidental*, p. 192.



**Figura 39: Nkisi Kozo**

(amuleto de caça utilizado pelos caçadores lunda-quiocos - ANT. Ang. 1.054)



**Figura 40: Nambo ou Ngonji ya yanga para a iniciação de caçadores**

**Fonte:** Martins, J. (1993). *Crenças, adivinhação e medicina tradicionais dos Tutchokwe do nordeste de Angola*, p. 535.



**Figura 41: Colar**  
(ANT.Ang.1.185)



**Figura 42: Armas de representação e gala**

**Fonte:** Redinha, J. [s.d.]. *Álbum etnográfico*, p. 49.



**Figura 43: Machadinha (ANT.80.34.115)**  
**Punhal (ANT Moç. 746)**



**Figura 44: Colher espátula**

**Fonte:** Galhano, F. (1971). *Esculturas e objectos decorados da Guiné .Portuguesa*, p. 21.



**Figura 45: Colher espátula**

**Fonte:** IICT/ MUHNAC, G-609/031



**Figura 46: Funante dos oratórios songos de Monamquimbundo**  
**Fonte:** Redinha, J. (1973). *Sincretismos religiosos dos povos de Angola*, p.11.



**Figura 47: Escultura**  
 (amuleto para garantir o sucesso do comércio com os brancos - ANT. D. 79.5.21)



**Figura 48: Moedas de Angola**  
**Fonte:** Sousa, L. M. R. (1967). *Moedas de Angola*, p. 27.



**Figura 49: Cruzeta (ANT.81.8.1)**



**Figura 50: Nkombé**  
 (colheres moçambicanas utilizadas pelos Tonga)  
 (ANT. Moç. 212)  
**Fonte:** Junod, H. A. (1962). *The life of a South African tribe*, p. 131.



**Figura 51: Nkombé**  
 (colheres moçambicanas utilizadas pelos Tonga - ANT. Moç. 212)

## 2. Crenças, magia e medicina



**Figura 52: Feiticeiro**

**Fonte:** Garnier, C. (1951). *Le fétichisme en Afrique Noire: Togo-Cameroun*, p. 124.



**Figura 53: Farmácia de um curandeiro**

**Fonte:** Dinis, F. (1915). *Etnografia dos povos de Angola*, p. 26.



**Figura 54: Banco artístico**

**Fonte:** Redinha, J. [s.d.]. *Álbum etnográfico*, p. 55.



**Figura 55: Banco de feiticeiro**

(ANT. Ang. 909)



**Figura 56: Adivinho Tchokwe**

**Fonte:** Martins, J. (1993). *Crenças, adivinhação e medicina tradicionais dos Tutchokwe do nordeste de Angola*, p. 509.



**Figura 57: Cesto de adivinhação, Cokwe, Angola**

(ANT.D. 84.1.895)



**Figura 58: Miniatura de tambor de fenda do Congo**

**Fonte:**

<http://music.africamuseum.be/instruments/pic/congo%20drc/spleetrom5.jpg>



**Figura 59: Miniatura de tambor de fenda de adivinho**

(ANT.D.79.5.32)



**Figura 60: Kabomdo ya Nbondo**

(cesto onde se guardam os materiais de adivinhação)

**Fonte:** Martins, J. (1993). *Crenças, adivinhação e medicina tradicionais dos Tutchokwe do nordeste de Angola*, p. 521



**Figura 61: Cesto exterior com tampa**

(ANT.77.36.97)



**Figura 62: Cesto de adivinhação**

**Fonte:** Brain, R. (1980). *Art and society in Africa*, p. 213.



**Figura 63: Mikana**

(usado pelo Ngombo no cesto de adivinhação - ANT.2010.2.5)





**Figura 64: Embarcação no rio Kwanza**

**Fonte:** Marjay, F. (1961). *Angola*.



**Figura 65: Kwanza, barco**

(ANT.D.84.1.814)



**Figura 66: Dança Africana**

**Fonte:** Darbois, D. (1962). *African dance*, pp. 31-38.



**Figura 67: Enxota-moscas**

(utilizado para dançar e como protetor de malefícios - ANT. D.84.1.859)

### 3. Mapas



**Figura 68: Carta étnica de Angola**

**Fonte:** Cardoso, C. L. (1970).

*Carta étnica de Angola.*



**Figura 69: Distribuição étnica de Angola**

**Fonte:** Redinha, J. (1962). *Distribuição étnica*

*de Angola*, p. 31.



**Figura 70: Mapa de África**

**Fonte:** Allison, P. (1988). *Arts de l'Afrique Noire*, p. 6.



**Figura 71: Mapa de África**

**Fonte:** Faik, C. M. (1993). *L'homme, la nature et l'art en Afrique Noire*, pp. 176-177.



**Figura 72: Mapa de África**

**Fonte:** Elisofon. E. (1958). *The sculpture of Africa*, pp.1-2.

## 4.2 – Fundamentação e caracterização do conjunto de objetos selecionados

Quando procedemos à seleção dos objetos, tivemos presente que é impossível circunscrever toda uma multiplicidade de culturas e tradições dos povos africanos a uma sala de exposições temporárias, sobretudo no que respeita aos rituais e feitiçaria, que encontram as mais diversas e espantosas formas de retratar o contacto entre o Homem e as forças da natureza. Estas crenças e valores estão visivelmente patentes em objetos de variada<sup>54</sup> índole como as figuras que representam superstições e episódios de vida indígena (ver figura 36 e 38) e a arte de escultura africana, composta por feitiços (ver figura 52 e 53) e, representações de animais, muito ornamentadas (ver figura 39). Este tipo de artefactos contém substâncias, aplicadas à sua forma, que são consideradas poderosas e podem incluir materiais de origem animal, vegetal e mineral (Redinha, 1962, 1973).

Ao estudarmos um objeto, este deverá ser considerado enquanto parte integrante da cultura onde nasce, tornando-os numa fonte infindável de informação, símbolos culturais de uma determinada época e ilustrativos dos modos de vida das diferentes etnias (Coquery-Balandier, 2017).

A amostra selecionada, representa a cultura tradicional africana, tendo os itens que a compõem o valor de testemunhos da tradição e símbolos do poder<sup>55</sup>. Os objetos etnográficos do MCUC, que foram escolhidos para um contexto expositivo, abrangem diversos aspetos dos rituais, tal como já foi referido no subcapítulo anterior.

A título de exemplo, poderemos considerar o tambor de fenda de adivinho (ver figura 59) usado pelo *tahi* ou *kabuma* (adivinho), num ritual de adivinhação (ver figura 56 e 62), tal como acontece com o *ngombo ya tchisuka*, cesto de adivinhação que contém diversos objetos simbólicos. Como representação de um desses objetos simbólicos, elegemos uma miniatura e que se intitula de *mikana* (ver figura 63) e que significa que o consulente corre perigo onde está e deve mudar a sua residência (Martins, 1993; Tomé, 1976).

Adicionalmente, selecionámos um banco de feiticeiro (ver figura 54 e 55), utilizado pelo *nganga* (feiticeiro) possuidor de um poder mágico imenso, invisível e

---

<sup>54</sup> Coquery-Balandier, 2017.

<sup>55</sup> “O poder político na África tradicional apresenta formas muito diferentes e por vezes muito complexas conforme os diversos modos de estratificação e hierarquização, ligados a fatores como a religião, a idade, o sexo, a família, a etnia e à diferenciação de funções económicas e sociais” (Tomé, 1976, p. 43).

desconhecido (só o adivinho conhece a sua amplitude), uma vez que o seu poder é interior, secreto e superior a todas as outras pessoas.

No que toca à enxada de curandeiro, esta é usada pelo *mbuke*, um médico quioco, idolatrado e respeitado pela comunidade local, que aplica conhecimentos de medicina tradicional, através do uso de plantas medicinais ou quaisquer outros remédios (Areia, 1974; Martins, 1993). Complementarmente, destacámos chifres<sup>56</sup> que eram utilizados como recipientes para guardar remédios com poderes mágicos.

Para representar o ritual de caça, seleccionámos o reque-reque e o *nkisi kozo*<sup>57</sup>, amuleto de caça utilizado pelos caçadores lunda-quiocos, que se destinava, sob invocação dos antepassados caçadores, a transmitir ao portador, o instinto do cão, para ser guiado, com segurança, na lide de caça (ver figura 39).

Atendendo a que as crenças, a magia e a medicina são utilizadas numa determinada religião do continente africano, num meio que se considera dominado por espíritos (negativos e positivos), isto conduz a que os acontecimentos naturais, como a doença e a convalescença, sejam tratados pelos feiticeiros, curandeiros ou adivinhos, consoante as suas aptidões especiais. Estes atuam através de *wangas* (feitiços), com o auxílio dos mais variados objetos simbólicos, tal como mencionámos anteriormente (Martins, 1993).

Um ritual de outra índole, mas assaz curioso será o da utilização das *Nkombé*, colheres moçambicanas (ver figura 51) usadas quando dois membros de etnia tonga se desejavam unir, levando a que a corrente passasse por cima dos seus ombros e ambos comessem de uma mesma taça, redonda e bem decorada.

#### **4.3 – O processo expositivo: do guião à avaliação sumativa**

Os museus<sup>58</sup> são instituições não só destinadas à conservação de objetos, mas, também, ao seu estudo e apresentação em determinados contextos, adequados a temáticas consigo relacionadas (Gameiro, 2004).

---

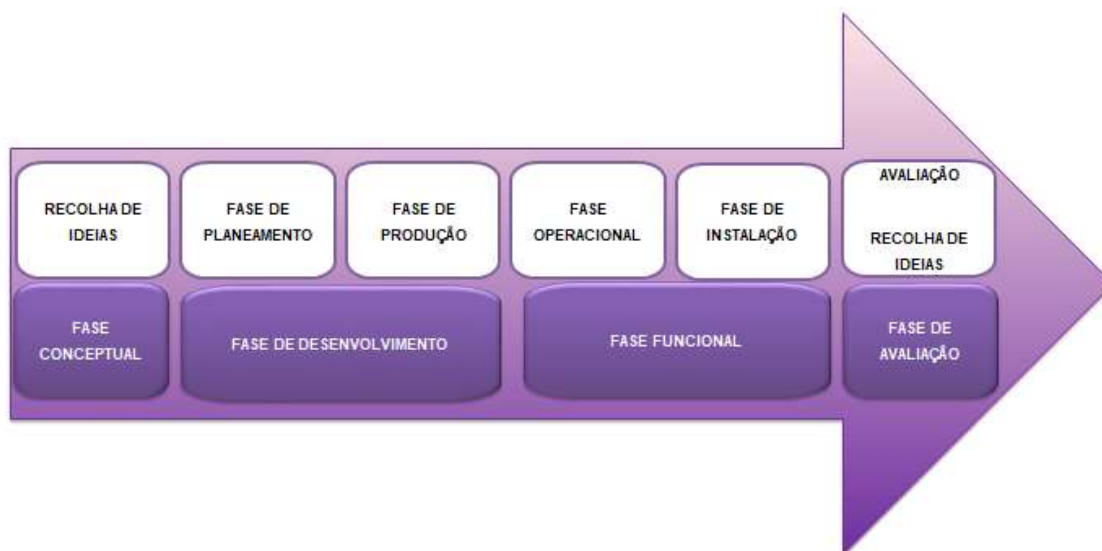
<sup>56</sup> Quase todos os chifres (*mbinga ya itumbo*) provêm de antílopes e são usados, principalmente, pelos Tutchokwe. Estes utilizam-nos para diversos fins e contra as mais variadas doenças.

<sup>57</sup> Este artefacto, que serve de amuleto de caça, está selado com um espelho, que simboliza e expressa a capacidade de se poder ver além da superfície vítrea e de se penetrar no reino dos antepassados (no mundo espiritual).

<sup>58</sup> A museologia, de acordo com Dean (1994) possui como obrigações de instrumento de comunicação de carácter interpretativo o garantir que a informação seja relevante e verdadeira (dentro dos limites correntes do conhecimento humano) e a vontade de apresentar um discurso que reconheça a inerente fiabilidade de uma ideia expressa museologicamente.

A elaboração de uma exposição, tal como afirma Nascimento & Ventura (2005, p. 447) “é a linguagem mais expressiva dos museus”, uma vez que representa, tal como salienta Dean (1994), “um grupo polivalente de elementos que, de forma completa, apresenta ao público uma coleção, ao mesmo tempo que disponibiliza um conjunto de informação, no sentido de permitir a sua aceção pelo público”. Numa perspetiva complementar, Belcher (1991) refere a existência de dois tipos de exposições: as permanentes e as temporárias.

No esquema seguinte, apresentamos um modelo de projeto de uma exposição, adaptado de Dean (1994), que mostra uma série de fases (conceptual, desenvolvimento, funcional e avaliação) a serem realizadas ao longo de uma linha de tempo.



**Ilustração 9: Modelo de projeto de uma exposição**

**Fonte:** Adaptado a partir de Dean, 1994, p. 9.

#### **4.3.1 - Proposta de exposição com descrição dos suportes expositivos**

O desenvolvimento funcional da exposição temporária proposta, implica uma organização dos objetos, segundo uma ordem cronológica, temática, tipológica e sequencial, para que estes possam ser expostos sob uma sequência lógica e específica, consoante as características de cada um.

No início da visita, será facultado um guião, com o conteúdo explicativo sobre o material em exibição, assim como a possibilidade de consultar (dispostos numa

mesa, à entrada) diversos catálogos de exposições anteriores, efetuadas no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

Para além da fundamental existência de sinalética na orientação do público, durante a visita ao circuito expositivo, propomos que esta se inicie com a visualização de um filme, sobre a cultura dos grupos étnicos de Angola<sup>59</sup> e Moçambique. Esta contextualização será complementada com a exibição dos diferentes mapas de África, anteriormente selecionados.

Às diversas fotografias e livros, que fazem parte da amostra proposta, caberá à restante parte da contextualização, tendo-se o cuidado de que estes sejam expostos em consonância com os objetos de arte escultórica africana e dos rituais mágico-religiosos, com os quais aqueles se encontrem diretamente relacionados.

Consideramos que a utilização dos diversos suportes expositivos para os objetos/documentos (vitrinas e pedestais) e do *touchscreen*, existentes no MCUC, seja a melhor opção, evitando-se, desta forma, um desaproveitamento de recursos.



Figura 73: Touchscreen do MCUC



Figura 74: Exemplo de utilização de um touchscreen com o intuito de ver um livro digitalizado

Fonte: Sé de Viseu

Sendo a iluminação um outro ponto importante, a considerar na montagem de uma exposição, ter-se-á o cuidado de que esta seja a mais adequada, consoante a orientação espacial e focal, o tipo de luz a utilizar nas vitrinas (sobre objetos e livros) e nas paredes (sobre o texto de parede, os cartazes com fotografias e os mapas) e a própria coloração escolhida para cada uma das diferentes paredes.

---

<sup>59</sup> Jingas, Bondos, Bângalas, Songos, Quiocos, Xinges, Mussocos, Hôlos, Lundas, Bapendes e Tshokwe (Mouta, 1933).

### 4.3.2 - Programa de Avaliação

A avaliação de uma determinada exposição consiste na análise dos seus pontos negativos e positivos, no verificar se os objetivos e metas iniciais foram alcançados e na elaboração de sugestões e melhorias para eventos futuros.

Esta etapa, de balanço final, contrariamente ao que se possa pensar, não é realizada, única e exclusivamente, no fim, tratando-se, pelo contrário, de um processo contínuo de planeamento e organização, que começa com a recolha de ideias, até ao encerramento da exposição.

De modo a se realizar uma correta avaliação das exposições, para além do recurso a instrumentos adequados e rigorosos, é, igualmente, necessário definir, muito especificamente, as metas a atingir, assim como os procedimentos preliminares que conduzem ao sucesso das mesmas (Belcher, 1991; Dudley, 2010).

Quando se efetua uma avaliação de uma exposição, a primeira preocupação a ter deverá ser a de estimar o impacto que esta terá no visitante e, de modo a que esta apreciação seja positiva, é necessário ter-se um conhecimento profundo dos distintos segmentos de público, que visitam o Museu (Dexter & Lord, 2001; Macdonald & Basu, 2007).

Os diversos modos de avaliação existentes exigem, por si só, um conjunto de meios (que podem ser escritos ou não) que nos permitam executar idónea e corretamente os processos avaliativos e tirar conclusões. Os métodos de avaliação da exposição temporária proposta a serem aplicados, serão o inquérito e a observação, com o intuito de compreender se a mensagem expositiva está a ser transmitida aos visitantes e que tipo de experiência lhes está a ser proporcionada.

Para concluir o programa de avaliação, será feita uma avaliação estática (sumativa) do número de visitantes da exposição, desde a sua abertura até ao seu encerramento, com distinção de género e faixa etária.

Nesta fase, não serão só avaliados os aspetos positivos, mas, também, as ilações com menor sucesso, permitindo uma recolha de ideias para a realização de futuras exposições.

De acordo, com o que foi referido anteriormente, e considerando que existem três tipos de avaliação: prévia, formativa e sumativa e a corretiva, elaborámos um esquema que descreve o processo de avaliação e desenvolvimento de exposições.

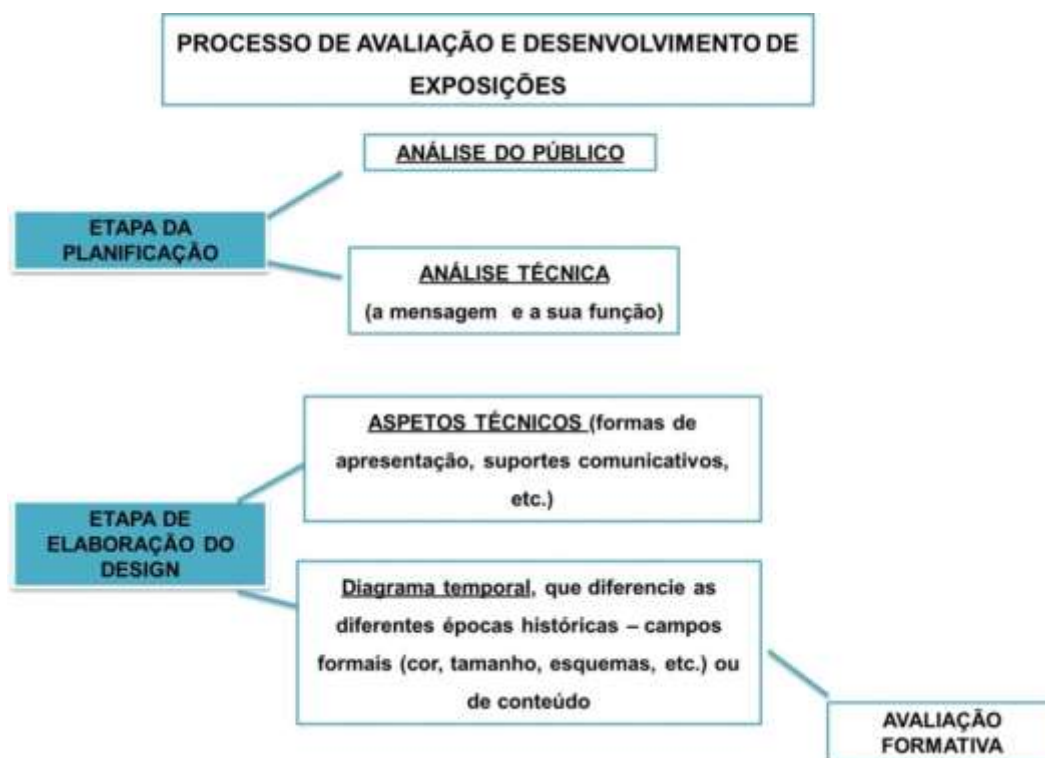


Ilustração 10: Processo de avaliação e desenvolvimento de exposições

#### 4.4 – Proposta de divulgação e comunicação da informação

O *design* de uma exposição funciona como um sistema comunicativo multidirecional, apelativo e sensorial, produto da relação entre o conceito e a sua representação. O objetivo principal é o de demonstrar, dentro de um determinado espaço, um conceito expositivo, dotado de uma forte componente estética, cultural e material, que permita ao público voltar atrás no tempo e espaço, através da experiência aqui proporcionada (Gameiro, 2004). Os objetos selecionados, num contexto de exposição, deixarão de ser itens “esquecidos” num acervo, que apenas estariam divulgados ao público através do acesso feito pela plataforma *online*.

Para além dos objetos que fazem parte do próprio acervo do MCUC (ver apêndice IV), selecionámos outros itens, igualmente, ligados a práticas associadas a crenças e costumes, que seriam cedidos, temporariamente pelo Instituto de Investigação Científica Tropical, pertencente ao Museu Nacional de História Natural e da Ciência (IICT/MUHNAC)<sup>60</sup>. No seu conjunto, procurar-se-ia que desempenhassem um papel de divulgação e transmissão de património cultural,

<sup>60</sup> Consultar apêndice V.



respeitante à trajetória de vida e de cultura, dos grupos étnicos nativos de Angola, Guiné e Moçambique. Estes objetos estão intimamente ligados a práticas associadas a crenças e costumes e, sobretudo, ao culto, pois são possuidores de forças intrínsecas e sobrenaturais, que condicionam e influenciam os comportamentos e vidas de outras pessoas.

Na montagem de uma exposição<sup>61</sup>, a maneira como os objetos, oriundos de diferentes períodos, culturas ou áreas de conhecimento, são agrupados influencia a forma de comunicação com o visitante, tal como acontece com a escolha das cores, texturas, sons e iluminação (Adcock, 2004).

De modo a que os vários formatos de comunicação<sup>62</sup>, destinados a determinada exposição, como foi anteriormente descrito, consigam cativar o público e transmitir-lhe a mensagem pretendida, cumprindo os objetivos previamente definidos, é necessário respeitar um plano, constituído por diversas etapas de procedimentos operacionais, de agrupamento e de disseminação da informação, como apresentamos na ilustração seguinte.



**Ilustração 11: Procedimentos operacionais, de agrupamento e de disseminação da informação para uma exposição**

O conteúdo e o *design* da exposição, devem ser considerados, logo a partir da primeira fase, a do planeamento (ver ilustração 9), tendo em vista o público ao qual esta é dirigida, tratando-se, no caso da nossa proposta, de visitantes cuja idade seja igual ou superior a 12 anos. Após a escolha do segmento de público, tomam-se decisões sobre o circuito e estilo expositivo, sobre o tamanho e adequação do texto,

<sup>61</sup> De acordo com Alonso Fernández cit. por Zubiaur Carreño (2004, p. 332) a exposição assume, em termos gerais, a função simbólica (unida pelo valor dos objetos, pensados para a exaltação religiosa ou política), a função comercial (relacionada com o valor do objeto como mercado), a função documental (ligada ao valor informativo ou científico dos objetos) e a função estética (unida ao valor artístico das obras).

<sup>62</sup> Eilean Hooper-Greenhill distingue dois tipos de comunicação dentro dos museus: a comunicação interpessoal e a comunicação de massas. A primeira é direta e desenvolve-se entre os técnicos do museu e os visitantes, enquanto a segunda é indireta, destinada a um grande número de pessoas e, geralmente, é desenvolvida através de exposições e publicações, que funcionam como meios de comunicação.

sobre o tipo de linguagem e quantidade de idiomas a serem utilizados e, ainda, no que diz respeito aos métodos de interpretação e distribuição do acervo no espaço físico.

As informações transmitidas na exposição devem ser precisas e, resultantes da investigação previamente feita sobre cada um dos objetos, de acordo, com o seu enquadramento temático e cultural (ver o exemplo retratado no apêndice VII e o esquema do anexo I).

É relevante, também, que sejam criadas as condições necessárias, de modo a fornecer aos visitantes uma experiência rica, a nível sensorial e intelectual, bem como que lhes seja assegurado o maior conforto possível, durante a visita à exposição.

Cada objeto terá a legenda correspondente (ver o exemplo do apêndice VIII), com a respetiva identificação (quem, o quê, onde, quando, quem o criou, quem o doou, nº de inventário, função/uso). Ao lado de cada legenda, será colocado um pequeno texto com a apresentação histórica, os diferentes tipos de materiais constituintes do objeto, assim como as suas funções (em termos de uso).

A sala terá um texto de parede, junto de cada um dos diferentes tipos de rituais (o mágico-religioso, o de adivinhação, o de caça, o de comércio e o cerimonial), no qual constará uma descrição de cada ritual em concreto, como forma de contextualização relativamente às suas origens (Angola, Guiné e Moçambique).



**Figura 75: Exemplo de exposição no MCUC com objetos e livros em diálogo**

A exposição deverá conter dois painéis introdutórios (colocados junto de cada porta do auditório do Laboratório *Chimico*, que dá acesso à sala de exposições temporárias), com informações sobre a sua temática, o modo como está organizada,

os motivos de escolha dos objetos que a compõem, qual o seu interesse cultural e o que o visitante poderá aprender no decorrer da sua visita.

Todos os textos da exposição conterão títulos principais e secundários, num vocabulário simples e acessível ao público-alvo.

Adicionalmente aos canais de comunicação já, anteriormente, referidos como formas de divulgação desta exposição temporária, serão utilizados mupis<sup>63</sup>, cartazes, folhetos, *flyers* e a plataforma *online* (*site* e *facebook*) do MCUC.

Por forma a finalizar a nossa proposta de exposição e divulgação, apresentamos, seguidamente, a figura onde consta a distribuição dos objetos selecionados, na planta da sala de exposições temporárias do MCUC e a sua identificação, consoante os diferentes rituais.

---

<sup>63</sup>“Painel urbano vertical, mais alto do que largo e menor do que um outdoor, destinado a conter mapas, informações ou publicidade” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Cons. 12 jun. de 2018. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/mupi>).

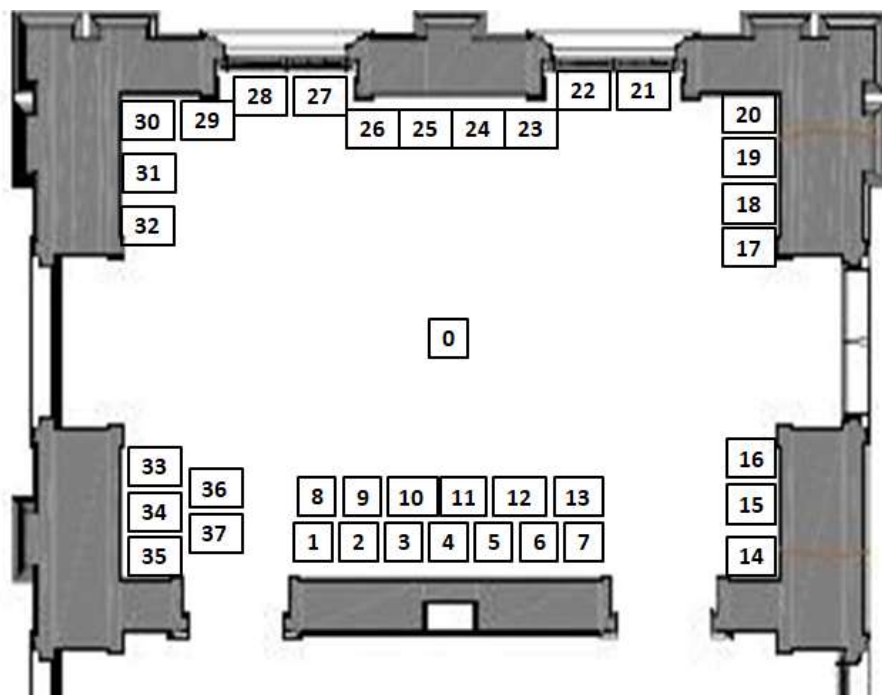


Ilustração 12: Planta da sala de exposições temporárias do MCUC, de acordo com a proposta de exposição

<p><b>RITUAL SIMBÓLICO</b></p> <p>0 - DÍSTICO DE CASAMENTO</p>	<p><b>RITUAL DE CAÇA</b></p> <p>23 - AZAGAIA 24 - ESPINGARDA 25 - MACHADO 26 - NKISI KOZO (ESCULTURA) 27 - NKISI KOZO (ESCULTURA) 28 - REQUE-REQUE</p>
<p><b>RITUAL MÁGICO-RELIGIOSO</b></p> <p>1 - ENXOTA-MOSCAS 2 - CABAÇA 3 - CAIXA 4 - OBJETO DE BENZEDURAS 5 - KWANZA (BARCO) 6 - ESCULTURA DE ANGOLA 7 - NKISI YOMBÉ 8 - NAMBO (COLAR) 9 - CHIFRES OCOS 10 - RECIPIENTE 11 - CHIFRE 12 - PALHA ENROLADA 13 - RECIPIENTE 14 - BANCO DE ALTAR 15 - BANCO DE FETICEIRO 16 - ENXADA DE CURANDEIRO</p>	<p><b>RITUAL DE COMÉRCIO</b></p> <p>29 - ESCULTURA FUNANTE 30 - CRUZETA</p>
<p><b>RITUAL DE ADIVINHAÇÃO</b></p> <p>17 - CESTO DE ADIVINHAÇÃO 18 - MIKANA (MINIATURA) 19 - TAMBOR DE FENDA 20 - ESCULTURA OVIMBUNDU 21 - CESTO EXTERIOR COM TAMPA 22 - CESTO DE ADIVINHAÇÃO</p>	<p><b>RITUAL CERIMONIAL</b></p> <p>31 - MACHADINHA 32 - PUNHAL 33 - PUNHAL 34 - FACA 35 - COLHER ESPÁTULA 36 - NKOMBÉ (COLHERES) 37 - CÁLICE</p>

Ilustração 13: Identificação dos objetos, consoante os diferentes rituais, de acordo com a proposta de exposição, na sala de exposições temporárias do MCUC

## CONCLUSÃO

Esta dissertação, que teve como objetivo a criação de um diálogo expositivo entre um acervo etnográfico e um acervo documental, permitiu-nos o privilégio de contactar com um vasto e rico património, constituído por artefactos provenientes, maioritariamente, das ex-colónias portuguesas e por livros que pertenceram ao antigo Museu de História Natural (situado no Colégio de Jesus), ao Colégio de S. Boaventura e ao Colégio de S. Bento (atual DCV), autênticos testemunhos de um passado de comunhão com culturas tão diferentes daquela em que, atualmente, vivemos e da grandiosidade cultural assumida por instituições tão preponderantes na cidade de Coimbra.

A pesquisa que esteve subjacente ao trabalho, desenvolveu-se sob uma conjugação interdisciplinar, com recurso a áreas como o Património Cultural, a Museologia e a Ciência da Informação, permitindo uma transposição da parte concetual da análise de objetos/livros para a realidade factual.

Determinados conceitos, associados à temática estudada, vieram a tornar-se fulcrais (como Coleção, Exposição e Etnografia), alguns dos quais tendo passado, adicionalmente, a ser encarados sob uma nova perspetiva (como o Livro Antigo ao tornar-se objeto de exposição ou o objeto etnográfico a assumir o papel de um documento, atendendo às informações que o seu estudo pode fornecer).

Depois de uma investigação cabal e alargada, que nos permitiu “viajar” até diversos Museus, nacionais e estrangeiros, com Coleções de História Natural e Etnográficas, à sua guarda (inspirando-nos na elegância com que o Field Museum vai temporariamente expondo os seus livros e na organização funcional e em constante alteração dos artefactos, nas galerias do Pitt Rivers Museum, focámo-nos no estudo de caso, o que nos deu a possibilidade de conhecer, através de uma análise exaustiva, as Coleções Etnográficas e Documentais do MCUC e da Biblioteca do DCV. Durante a seleção da amostra, representativa de cada uma destas coleções, a qual teve subjacente a possibilidade de criação de

pontes e inter-relações entre estas, sentimos que a elaboração de uma proposta de exposição, mais do que a fase seguinte do nosso trabalho, seria um dever a cumprir, por forma a possibilitar a divulgação destes importantes acervos, porque, tal como diz Cícero (1996) “Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la”.

Relativamente à proposta, propriamente dita, apresentámos um enquadramento temático aplicável às Coleções Etnográficas do MCUC (não nos tendo focado, especificamente, nas de Angola e de Moçambique) e criámos um guião fotográfico, a partir dos objetos e livros selecionados, para uma aplicação prática. Adicionalmente, elaborámos uma descrição dos suportes expositivos, um Programa de Avaliação e uma proposta de divulgação e comunicação da informação.

Apesar dos diversos condicionalismos enfrentados, ao longo desta dissertação (que conduziam a uma enumeração dos melhoramentos necessários), esta pesquisa apresenta, em si mesma, um caminho aberto ao desenvolvimento de novas linhas de trabalho e, por essa razão, o seu desenvolvimento continuado justifica algumas sugestões para um futuro: o estudo de outras Coleções Etnográficas do MCUC (respeitantes ao Brasil, a S. Tomé, à Guiné, a Macau, a Timor e a Goa) e de outras obras da Coleção de Livro Antigo da Biblioteca do DCV (referimo-nos não só às existentes no Depósito de Antropologia, como, também, no de Botânica, situado no 2.º piso do DCV, e no de Zoologia, localizado no Colégio de Jesus), uma vez que os seus resultados podem ser extrapolados para outros serviços de Museu e de Biblioteca.

Atendendo ao valor histórico e social dos objetos e livros estudados parece-nos, ainda, legítimo formular o voto de que algumas das ideias, aqui expostas, possam ser encaradas como úteis e venham a ser usadas para uma exposição, com o propósito, por exemplo, de assinalar os 135 anos de Antropologia em Coimbra, em 2020, dentro da temática sugerida ou de outras, dentro das quais estes se enquadrem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A.A.E.C. (1984). *A velha alta... desaparecida: álbum comemorativo das bodas de prata da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra*. Coimbra: A.A.E.C.

Adcock, E. P. (2004). *Directrizes da IFLA para a conservação e o manuseamento de documentos de biblioteca*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

AIC (2016). *Definitions of conservation terminology*. Cons. 24 out. 2017. Disponível em: <http://www.conservation-us.org/about-conservation/definitions>

Akoun, A. (Dir.) (1983). *Dicionário de antropologia: do homem primitivo às sociedades actuais*. Lisboa: Verbo.

Alberti, S. J. M. M. (2005). Objects and the Museum. *The History of Science Society*, 96, 559–571. Consult. 15 jan. 2018. Disponível em: <http://www.uio.no/studier/emner/hf/ikos/MUSKUN2000/v10/pdfversion%20av%20ALBERTIartikkelen%5B1%5D.pdf>

Amaral, A. R.; Martins, Martins, M. R. & Miranda, M. A. (2013). O contexto museológico da Antropologia na Universidade de Coimbra: uma síntese histórica (1772-1933). In C. Fiolhais, C. Simões & D. Martins (Eds.), *História da Ciência da Universidade de Coimbra, 1772-1933* (pp. 129-166). Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

*Anuario do archivo pitoresco* (1866). Lisboa: Typographia de Castro Irmão. t. IX, n.º 3.

Araújo, C. A. A. (2014). *Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível*. Brasília: Briquet de Lemos Livros; São Paulo: Associação Brasileira de Profissionais da Informação.

Areia, M. L. R. (1985). As coleções angolanas. In *Cem anos de Antropologia em Coimbra: 1885-1985* (pp. 149-194). Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico.

Areia, M. L. R. *et al.* (1991). O Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra. In: *Universidade (s), História, Memórias, Perspectivas* (pp. 87-105). Coimbra: Congresso de História da Universidade.

Arquivo Nacional (2005). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*, 51, pp.19-174. Consult. 1 out. 2017. Disponível em:

[http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion\\_Term\\_Arquiv.pdf](http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf)

Athias, R. (2010). Os Objetos, as Coleções Etnográficas e os Museus. In A. Espina *et al.* *Inovação Cultural, Patrimônio e Educação* (pp. 303-312). Consult. 15 nov. 2017. Disponível em:

[https://www.academia.edu/15861631/OS\\_OBJETOS\\_AS\\_COLE%C3%87%C3%95ES\\_ETNOGR%C3%81FICAS\\_E\\_OS\\_MUSEUS](https://www.academia.edu/15861631/OS_OBJETOS_AS_COLE%C3%87%C3%95ES_ETNOGR%C3%81FICAS_E_OS_MUSEUS)

Belcher, M. (1991). *Exhibitions in Museums*. Leicester: Leicester University Press.

Belloto, H. L. (2002). Patrimônio documental e ação educativa nos arquivos. *Ciências & Letras*, nº. 27, 1-94. Consult. 10 mai. 2017. Disponível em:

[http://www.promemoria.indaiatuba.sp.gov.br/arquivos/galerias/registro\\_1.pdf](http://www.promemoria.indaiatuba.sp.gov.br/arquivos/galerias/registro_1.pdf)

Burcaw, G. E. (1978). *Introduction to museum work*. Nashville: The American Association for State and Local History.

Candlin, F. & Guins, R. (2008). *The object reader*. London: Routledge.

Clifford, J. (1988). *The predicament of culture: twentieth-century ethnography, literature and art*. Cambridge: Harvard University Press.



Conservation OnLine (2011). *Bookbinding and the Conservation of Books: a Dictionary of Descriptive Terminology*. Consult. 19 fev. 2018. Disponível em: <http://cool.conservation-us.org/don/dt/dt0816.html>

Coquery-Balandier, C. (2017). *L'Afrique des routes: histoire de la circulation des hommes, des richesses et des idées à travers le continent africain: exposition, Paris, Musée du quai Branly, du 31 janvier au 19 novembre 2017*. Arles: Actes Sud.

Costa, C. I. D. M. (2017). *Estudo da coleção de Livro Antigo da Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida da FCTUC: proposta de conservação*. (Tese de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra.

Dean, D. (1994). *Museum Exhibition: theory and practice*. London: Routledge.

Desvallées, A. & Mairesse, F (2013). *Conceitos-chave de Museologia*. Consult. 7 fev. 2018. Disponível em: [http://icom.museum/fileadmin/user\\_upload/pdf/Key\\_Concepts\\_of\\_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia\\_pt.pdf](http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf)

Dexter, G. & Lord, B. (Eds.) (2001). *The manual of museum planning*. Lanham: AltaMira Press.

DGARQ (2011). *Orientações para a descrição arquivística*. Lisboa: DGARQ.

Dias, E. N. (2007). A interessante estrutura e organização dos livros manuscritos. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*, 10/11, 1-26. Consult. 16 dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/viewFile/32521/20556>

*Dicionário de terminologia arquivística* (1993). Lisboa: Inst. da Biblioteca Nacional e do Livro.

Dudley, S. H. (Ed.) (2010). *Museum Materialities: objects, engagements, interpretations*. Routledge: New York.

Edmondson, R. (2002). *Memória do mundo: diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental / Memory of the world*. Consult. 15 jan. 2018. Disponível em: <http://www.unesco.org/uy/ci/fileadmin/comunicacion-informacion/mdm.pdf>

Faria, M. I., & Pericão, M. da G. (2008). *Dicionário do Livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Almedina.

Ferrez, H. D. (2004). Salvaguarda museológica: principais problemas. In: *Seminários de Capacitação Museológica*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez.

Figueiras, I. (1985). Biblioteca. In *Cem anos de Antropologia em Coimbra: 1885-1985* (pp. 61-76). Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico.

Foucault, M. (1995). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Fouché, P. et al. (2002). *Dictionnaire encyclopédique du livre*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie.

Gameiro, S. (2004). *O papel do design nos processos de comunicação museológica* (Tese de Mestrado em Museologia). Consult. 7 mar. 2018. Disponível em: [http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/susana\\_gameiro\\_2.pdf](http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/susana_gameiro_2.pdf)

Gomes, S. (2012). Livro antigo: elementos para a sua descrição [material fornecido na unidade curricular História do Livro: do manuscrito ao digital].

Gomes, L. I. E. (2016). *Gestão da Informação, holística e sistémica, no campo da Ciência da Informação: estudo de aplicação para a construção do conhecimento na Universidade de Coimbra* (Tese de Doutoramento, Universidade da Coruña). Consult. 2 fev. 2018. Disponível em:

[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/43201/1/EstevesGomes\\_Lilianalsabel\\_TD\\_2016.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/43201/1/EstevesGomes_Lilianalsabel_TD_2016.pdf)

Gordon, C. & Silva, F. (2005). Objetos-vivos: a curadoria da coleção etnográfica Xikrín Kayapó no Museu de Arqueologia e Etnologia MAE/USP. *Estudos Históricos*, 36, 93-110. Consult. 17 mar. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmaesupl/article/viewFile/113493/111448>

Gouveia, H. C. (1978). *Museu e Laboratório Antropológico 1772-1978: exposição temporária*. Coimbra: MLAUC.

Gouveia, H. C. (1983). *Colecções angolanas do Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra: uma perspectiva histórica*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa.

Gouveia, H. C. (1985). Colecções africanas do Museu e laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra: Uma perspectiva histórica. *Bibliotecas, Arquivos e Museus*, 485-520.

*Grande enciclopédia portuguesa e brasileira* (1943). Lisboa: Enciclopédia. v. 10

Guillaume, M. (2003). *A política do património*. Porto: Campo das Letras.

Gurian, E. H. (2001). What is the object of this exercise: a meandering exploration of the many meanings of objects in museums. *Humanities Research*, 8 (1), 25-36. Consult. 15 jan. 2018. Disponível em: [http://press-files.anu.edu.au/downloads/press/p12541/pdf/4\\_gurian.pdf](http://press-files.anu.edu.au/downloads/press/p12541/pdf/4_gurian.pdf)

Gusmão, A. N. et al. (2000). *Regras Portuguesas de Catalogação*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

Henriques, J. (1911). Universidade de Coimbra. In *Coimbra Pittoresca* (pp. 2-5). Coimbra: Sociedade de Defesa e Propaganda.

Hernández, F. (1998). *Manual de museologia*. Madrid : Síntesis, D.L.

ICOM (2009). *Código Deontológico do ICOM para Museu*. Consult. 9 mar. 2018. Disponível em: [http://icom-portugal.org/multimedia/CodigoICOM\\_PT%202009.pdf](http://icom-portugal.org/multimedia/CodigoICOM_PT%202009.pdf)

IFLA (2005). ISBD (M): *Descrição bibliográfica internacional normalizada para as publicações monográficas* = International standard bibliographic description for monographic publications. Lisboa: JOSTIS.

Instituto Português do Património Cultural (1985). Coleções africanas do Museu e laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra. *Bibliotecas Arquivos e Museus*, 1 (1), 485-520.

Instituto de Antropologia (1985). *Cem anos de Antropologia em Coimbra: 1885-1985*. Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico. Consult. 2 mar. 2018. Disponível em: [http://webopac.sib.uc.pt/search~S48\\*por?/tCem+anos+de+antropologia/tcem+anos+de+antropologia/1%2C2%2C2%2CE/frameset&FF=tcem+anos+de+antropologia+em+coimbra+1885+1985&1%2C1%2C/indexsort=-](http://webopac.sib.uc.pt/search~S48*por?/tCem+anos+de+antropologia/tcem+anos+de+antropologia/1%2C2%2C2%2CE/frameset&FF=tcem+anos+de+antropologia+em+coimbra+1885+1985&1%2C1%2C/indexsort=-)

Jorge, A. R. (1943). *Museus de História Natural: Relatório apresentado ao I Congresso Nacional de Ciências Naturais, na sua VI Sessão Plenária, em 11 de Junho de 1941*. Lisboa: Oficinas Gráficas.

Karp, I. & Lavine, S. D. (Eds.) (1991). *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museum display*. Washington: Smithsonian Institution Press.

Kirshenblatt-Gimblett, B. (1998). *Destination Culture: Tourism, Museums, and Heritage*. Los Angeles, and London: University of California Press.

Kopytoff, I. (1986). The cultural biography of things: commoditization as process. In Appadurai, A. (ed.), *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge University Press (pp. 64-91). Consult. 4 fev. 2018. Disponível em: [http://socrates.acadiau.ca/courses/engl/rcunningham/ts2012/texts/intro/Kopytoff-Cultural\\_Biography.pdf](http://socrates.acadiau.ca/courses/engl/rcunningham/ts2012/texts/intro/Kopytoff-Cultural_Biography.pdf)

Laranjeira, M., Martins, M. R. & Miranda, M. A. (1990). Coleções Angolanas do Museu e Laboratório Antropológico de Coimbra. *Angolê: artes, letras, ideias*, 1, 20-23.

Lassiter, L. E. (2004). Collaborative Ethnography. *Anthronotes Museum of Natural History Publication for Educators*, 25(1), 1-20. Consult. 5 fev. 2018. Disponível em: [https://anthropology.si.edu/outreach/anthnote/anthronotes\\_2004spring.pdf](https://anthropology.si.edu/outreach/anthnote/anthronotes_2004spring.pdf)

Lévi-Strauss, C. (2008). História e etnologia. In B. Perrone-Moisés (trad.), *Antropologia estrutural* (pp. 13-40). Consult. 5 fev. 2018. Disponível em: <http://www.e-livros.xyz/livros-diversos/L%C9VI-STRAUSS,%20C.%20Antropologia%20Estrutural.pdf>

Lima, D. F. C. (2003). *Ciência da Informação, Museologia e fertilização interdisciplinar: informação em arte, um novo campo do saber* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro). Consult. 8 fev. 2018. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/683/1/DianaFarjallaCorreiaLima.pdf>

Lopes, J. R. (2010). Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. *Horizontes Antropológicos*, 16 (34), 377-404. Consult. 9 fev. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v16n34/16.pdf>

Macdonald, S. & Basu, P. (Eds.) (2007). *Exhibition Experiments*. Oxford: Blackwell.

Macdonald, S. (Ed.) (2015). *A companion to museum studies*. Alden, MA: Wiley-Blackwell.

Martínez, J. S. (1989). *Diccionario de bibliología y ciencias afines*. Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.

Martins, M. R. (1985). As colecções etnográficas. In *Cem anos de Antropologia em Coimbra: 1885-1985* (pp. 117-148). Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico.

McClung Fleming, E. (1974). Artifact study: a proposed model. *Winterthur Portfolio*, 9, 153-173. Consult. 4 abr. 2018. Disponível em: <http://jnsilva.ludicum.org/Marta2.pdf>

Menezes, U. T. B. (1983). A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História, Nova Série*, 115, 103-107.

Menezes, U. T. B. (1999). A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In Silva, Z. L. (Org.), *Arquivos, patrimônio e memória. Trajetórias e perspectivas* (pp. 11-30). Consult. 7 fev. 2018. Disponível em: <http://www.unesco.org.uy/ci/fileadmin/comunicacion-informacion/mdm.pdf>

Morales Miranda, J. (1998). *Guía práctica para la interpretación del patrimonio: el arte de acercar el legado natural y cultural al público visitante*. Sevilla: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura.

Nascimento, S. S. do & Ventura, P. C. S. (2005). A dimensão comunicativa de uma exposição de objetos técnicos. *Ciência & Educação*, 11 (3), 445-456. Consult. 2 abr. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n3/07.pdf>

Nathanson, David & Vogt O'Connor, Diane (1993). What makes a book rare? *Conserve O Gram*, Number 19/1, 1-3. Consult. 16 fev. 2018. Disponível em: <https://www.nps.gov/museum/publications/conservoogram/19-01.pdf>

NP 4041 (2005). *Informação e Documentação – Terminologia arquivística: conceitos básicos*. Caparica: Instituto Português da Qualidade.

Nunes, M. F. (2016). Ciência e cultura, coleções e museus: olhares sobre um «Portugal e a cultura europeia», no século XX... *Revista de História das Ideias*, 34. Consult. 5 jan. 2018. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/40204>

O Instituto (1859). *O Instituto: jornal científico e litterario*, 8, 138-141. Consult. 11 jan. 2018. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41\\_v008/globalItems.html](https://digitalis-dsp.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41_v008/globalItems.html)

O Instituto (1894). *O Instituto: jornal científico e litterario*, 41,39-42. Consult. 5 mar. 2018. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41\\_v041/globalItems.html](https://digitalis-dsp.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41_v041/globalItems.html)

Oliveira, M. A. (Dir.) (1984). *Lexicoteca: moderna enciclopédia universal*. Lisboa: Círculo de Leitores. vol. 5.

Oliveira, M. A. (Dir.) (1984). *Lexicoteca: moderna enciclopédia universal*. Lisboa: Círculo de Leitores. vol. 8.

Otlet, P. (1934). *Traité de documentation: le livre sur le livre, théorie et pratique*. Bruxelles: Mundaneum.

Panoff, M. (1973). *Dicionário de Etnologia*. Lisboa: Edições 70.

Pinheiro, L. V. R. & Benchimol, A. [s.d.]. *Objeto etnográfico como documento e informação*. Consult. 15 jan. 2017. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/71/1/ALEGRIAEncancib2009.pdf>

Pomian, K. (1984). Coleção. In *Enciclopédia Einaudi, 1º vol: Memória – História*, (pp. 51-86). Consult. 4 mar. 2018. Disponível em: <http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20%281984b%29.pdf>

Redinha, J. (1962). *Distribuição étnica de Angola: introdução, registo étnico, mapa*. Luanda: Edição do Centro de Informação e Turismo de Angola.

Redinha, J. (1973). *Sincretismos religiosos dos povos de Angola*. Luanda: Edição do CITA.

Reitz, J. M. (cop. 2002). ODLIS: Online Dictionary of Library and Information Science. Consult. 4 mar. 2017. Disponível em: <http://vlado.fmf.uni-lj.si/pub/networks/data/dic/odlis/odlis.pdf>

Ribeiro, B. G. & Velthem, L. H. (1992). Coleções etnográficas: documentos materiais para a história indígena e a etnologia. In Carneiro da Cunha, M. (Org.) *História dos índios no Brasil* (pp. 103-112). Consult. 17 mar. 2018. Disponível em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/mas/files/ribeiro\\_e\\_vanvelthem\\_colecoes\\_etnograficas.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/mas/files/ribeiro_e_vanvelthem_colecoes_etnograficas.pdf)

Rodrigues, M. A. (1988). A Biblioteca do extinto Colégio de S. Bento. In *Alta de Coimbra: história, arte e tradição* (pp. 115-122). Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro.

Rodrigues, M. C. (2006). Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. *Ciência da Informação*, Brasília, 35 (1), 115-121. Consult. 9 mar. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a12.pdf>

Rousseau, J. Y. et. al. (1998). *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Dom Quixote.

Savary, C. (1989). L'objet ethnographique: moyen de connaissance des cultures? *Bulletin Annuel du Musée d'Ethnographie de Genève*, 31-32, 65-80. Consult. 3 mar. 2018. Disponível em:



Silva, A. M. (2007). *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Afrontamento.

Thomas, N. (1991). *Entangled objects: exchange, material culture and colonialism in the Pacific*. Cambridge: Harvard University Press.

Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências e Tecnologia. (1973). *Prospecto da Faculdade de Ciências e Tecnologia: 1973-1974*. Coimbra: FCTUC.

Universidade de Coimbra. Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. *Coleção Online*. (2018). Consult. 15 mar. 2018. Disponível em: <http://museudaciencia.inwebonline.net/guiada.aspx>

Velthem, L. H. V. (Coord.) (2004). A Coleção Etnográfica do Museu Goeldi: memória e conservação. *MUSAS: Revista Brasileira de Museus e Museologia*, 1(1), 121-134.

*Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (1985). Lisboa: Editorial Verbo. v. 11.

Walne, P. (Ed.) (1988). *Dictionary of archival terminology / Dictionnaire de terminologie archivistique: english and french, with equivalents in dutch, german, italian, russian and Spanish*. Munchen [etc.]: K.G. Saur. Dicionário de termos arquivísticos, 1991.

Yin, R. K. (2014). *Case study research: design and methods*. Los Angeles: Sage Publications.

Zubiaur Carreño, F. J. (2004). *Curso de museologia*. Gijón: Trea.



## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: MUSEUS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL NO MUNDO.....	39
FIGURA 2: LABORATÓRIO <i>CHIMICO</i> DA UC.....	47
FIGURA 3: MUSEU ETNOGRÁFICO E POSTO DE TURISMO DE MIRA .....	47
FIGURA 4: IICT/MUHNAC .....	50
FIGURA 5: MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA .....	51
FIGURA 6: MHNCUP .....	52
FIGURA 7: MUSEUS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL / ETNOGRÁFICAS EM PORTUGAL CONTINENTAL.....	55
FIGURA 8: MUSEUS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL / ETNOGRÁFICAS NOS AÇORES E NA MADEIRA .....	57
FIGURA 9: RESERVAS ETNOGRÁFICAS, 1º PISO DO DCV.....	62
FIGURA 10: RESERVAS ETNOGRÁFICAS, 2º PISO DO DCV.....	62
FIGURA 11: INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO DO OBSERVATÓRIO ASTRONÓMICO .....	63
FIGURA 12: MAPA CELESTE DO OBSERVATÓRIO ASTRONÓMICO .....	63
FIGURA 13: CONJUNTO DE MAPAS DO OBSERVATÓRIO ASTRONÓMICO .....	63
FIGURA 14: MUSEU BOTÂNICO DO DCV .....	64
FIGURA 15: MUSEU BOTÂNICO DO DCV .....	64
FIGURA 16: GABINETE DE FÍSICA NO COLÉGIO DE JESUS .....	65
FIGURA 17: GABINETE DE FÍSICA NO COLÉGIO DE JESUS .....	65
FIGURA 18: ESPÉCIMES ANATÓMICOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UC .....	65
FIGURA 19: ESPÉCIMES ANATÓMICOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UC .....	65
FIGURA 20: CORREDOR PRINCIPAL DA GALERIA DE MINERALOGIA DO COLÉGIO DE JESUS	66
FIGURA 21: VITRINA DO CORREDOR PRINCIPAL DA GALERIA DE MINERALOGIA DO COLÉGIO DE JESUS .....	66
FIGURA 22: INTERIOR DO LABORATORIO CHIMICO DA UC .....	67
FIGURA 23: MATERIAIS QUÍMICOS DO LABORATORIO CHIMICO DA UC .....	67
FIGURA 24: SALA DE VANDELLI, NA GALERIA DE HISTÓRIA NATURAL DO COLÉGIO DE JESUS .....	68
FIGURA 25: GALERIA DE ZOOLOGIA DO COLÉGIO DE JESUS.....	68
FIGURA 26: MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.....	68
FIGURA 27: FACHADA DO COLÉGIO DE JESUS, ANTIGO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL.....	69
FIGURA 28: PERSPETIVA DE UMA SALA DE ETNOGRAFIA DO COLÉGIO DE JESUS.....	69
FIGURA 29: FACHADA DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DO COLÉGIO DE S. BOAVENTURA .....	70
FIGURA 30: VISTA GERAL DA SALA DE ETNOGRAFIA DO COLÉGIO DE S. BOAVENTURA.....	70
FIGURA 31: FACHADA DO DCV, ANTIGO COLÉGIO DE S. BENTO .....	71
FIGURA 32: SALA DE RESERVAS ETNOGRÁFICAS DO DCV .....	71
FIGURA 33: LIVRO DE REGISTOS DA COLEÇÃO DE LIVRO ANTIGO DO DEPÓSITO DE ANTROPOLOGIA DO DCV .....	79
FIGURA 34: CATÁLOGO DE ASSUNTOS DA COLEÇÃO DA DIAMANG .....	79
FIGURA 35: EXEMPLARES DA AMOSTRA FINAL REPRESENTATIVA DO ESTUDO DE CASO....	79
FIGURA 36: CAÇADOR DE ANGOLA.....	84
FIGURA 37: ESPINGARDA .....	84
FIGURA 38: CAÇADOR QUIOCO .....	84
FIGURA 39: NKISI KOZO .....	84
FIGURA 40: NAMBO OU NGONJI YA YANGA PARA A INICIAÇÃO DE CAÇADORES .....	85

FIGURA 41: COLAR (ANT.ANG.1.185) .....	85
FIGURA 42: ARMAS DE REPRESENTAÇÃO E GALA.....	85
FIGURA 43: MACHADINHA (ANT.80.34.115) PUNHAL (ANT MOÇ. 746) .....	85
FIGURA 44: COLHER ESPÁTULA .....	85
FIGURA 45: COLHER ESPÁTULA .....	85
FIGURA 46: FUNANTE DOS ORATÓRIOS SONGOS DE MONAMQUIMBUNDO .....	86
FIGURA 47: ESCULTURA .....	86
FIGURA 48: MOEDAS DE ANGOLA .....	86
FIGURA 49: CRUZETA (ANT.81.8.1) .....	86
FIGURA 50: NKOMBÉ.....	86
FIGURA 51: NKOMBÉ.....	86
FIGURA 52: FEITICEIRO .....	87
FIGURA 53: FARMÁCIA DE UM CURANDEIRO .....	87
FIGURA 54: BANCO ARTÍSTICO .....	87
FIGURA 55: BANCO DE FEITICEIRO .....	87
FIGURA 56: ADIVINHO TCHOKWE .....	87
FIGURA 57: CESTO DE ADIVINHAÇÃO, COKWE, ANGOLA (ANT.D. 84.1.895).....	87
FIGURA 58: MINIATURA DE TAMBOR DE FENDA DO CONGO .....	88
FIGURA 59: MINIATURA DE TAMBOR DE FENDA DE ADIVINHO (ANT.D.79.5.32) .....	88
FIGURA 60: KABOMDO YA NBOMDO.....	88
FIGURA 61: CESTO EXTERIOR COM TAMPA (ANT.77.36.97).....	88
FIGURA 62: CESTO DE ADIVINHAÇÃO .....	88
FIGURA 63: MIKANA .....	88
FIGURA 64: EMBARCAÇÃO NO RIO KWANZA .....	89
FIGURA 65: KWANZA, BARCO (ANT.D.84.1.814) .....	89
FIGURA 66: DANÇA AFRICANA .....	89
FIGURA 67: ENXOTA-MOSCAS .....	89
FIGURA 68: CARTA ÉTNICA DE ANGOLA.....	90
FIGURA 69: DISTRIBUIÇÃO ÉTNICA DE ANGOLA .....	90
FIGURA 70: MAPA DE ÁFRICA.....	90
FIGURA 71: MAPA DE ÁFRICA.....	90
FIGURA 72: MAPA DE ÁFRICA.....	90
FIGURA 73: TOUCHSCREEN DO MCUC .....	94
FIGURA 74: EXEMPLO DE UTILIZAÇÃO DE UM TOUCHSCREEN COM O INTUITO DE VER UM LIVRO DIGITALIZADO .....	94
FIGURA 75: EXEMPLO DE EXPOSIÇÃO NO MCUC COM OBJETOS E LIVROS EM DIÁLOGO .....	98
FIGURA 76: AZAGAIA.....	173
FIGURA 77: ESPINGARDA.....	174
FIGURA 78: PUNHAL.....	175
FIGURA 79: FACA.....	175
FIGURA 80: MACHADO.....	176
FIGURA 81: COLHER ESPÁTULA .....	177
FIGURA 82: CABAÇA .....	178
FIGURA 83: CAIXA .....	179
FIGURA 84: OBJETO DE BENZEDURAS .....	180

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1: TRATAMENTO E EXPOSIÇÃO DE COLEÇÕES EM MUSEUS.....	13
ILUSTRAÇÃO 2: A GESTÃO DE COLEÇÕES.....	14
ILUSTRAÇÃO 3: CICLO DE VIDA DE UM OBJETO.....	28
ILUSTRAÇÃO 4: DIAGRAMA DO CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	30
ILUSTRAÇÃO 5: CONJUNTO DE FACTOS HISTÓRICOS E AVANÇOS TEÓRICOS DA ARQUIVÍSTICA, BIBLIOTECONOMIA, MUSEOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	33
ILUSTRAÇÃO 6: REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA EVOLUÇÃO DA NOMENCLATURA DA BIBLIOTECA DO DCV.....	73
ILUSTRAÇÃO 7: CONJUNTO DOS OBJETOS ETNOGRÁFICOS DO MCUC SELECIONADOS.....	77
ILUSTRAÇÃO 8: REPRESENTAÇÃO DAS ESTANTES DO DEPÓSITO DE ANTROPOLOGIA COM COLEÇÕES ESPECIAIS E DE LIVRO ANTIGO.....	78
ILUSTRAÇÃO 9: MODELO DE PROJETO DE UMA EXPOSIÇÃO.....	93
ILUSTRAÇÃO 10: PROCESSO DE AVALIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE EXPOSIÇÕES.....	96
ILUSTRAÇÃO 11: PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS, DE AGRUPAMENTO E DE DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO PARA UMA EXPOSIÇÃO.....	97
ILUSTRAÇÃO 12: PLANTA DA SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DO MCUC, DE ACORDO COM A PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO.....	100
ILUSTRAÇÃO 13: IDENTIFICAÇÃO DOS OBJETOS, CONSOANTE OS DIFERENTES RITUAIS, DE ACORDO COM A PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO, NA SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DO MCUC.....	100
ILUSTRAÇÃO 14: BIBLIOTECAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.....	204
ILUSTRAÇÃO 15: DIAGRAMA DE UM MODELO DE ESTUDO DE ARTEFACTOS.....	208



## ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: LOCALIZAÇÃO CONTINENTAL DOS MUSEUS ESTRANGEIROS .....	39
GRÁFICO 2: MUSEUS NACIONAIS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL E ETNOGRÁFICAS .....	55





## ÍNDICE DE TABELAS


TABELA 1: DATA DE CRIAÇÃO DOS MUSEUS ESTRANGEIROS .....	36
TABELA 2: TIPOLOGIA DAS COLEÇÕES ESTRANGEIRAS EM ANÁLISE.....	37
TABELA 3: DATA DE CRIAÇÃO DOS MUSEUS NACIONAIS .....	40
TABELA 4: TIPOLOGIA DAS COLEÇÕES NACIONAIS EM ANÁLISE .....	41
TABELA 5: A BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA.....	75
TABELA 6: MUSEUS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL ESTRANGEIROS.....	157
TABELA 7: OBJETOS ETNOGRÁFICOS DE RITUAL DO MCUC, DO ESTUDO DE CASO.....	172
TABELA 8: COMPOSIÇÃO TEMÁTICA DA COLEÇÃO DE LIVRO ANTIGO, DO ESTUDO DE CASO .....	201
TABELA 9: COMPOSIÇÃO TEMÁTICA DA COLEÇÃO ESPECIAL DA DIAMANG, DO ESTUDO DE CASO .....	203



# APÊNDICES



## Apêndice I – Museus com coleções de História Natural Estrangeiros

MUSEUS COM COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL ESTRANGEIROS			
NOME DA INSTITUIÇÃO	CONTINENTE / PAÍS (CIDADE)	BREVE HISTÓRIA	FONTES
<p><b>Senckenberg Natural History Museum</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Alemanha (Frankfurt)</b></p>	<p>Criado entre 1904 e 1907, é um dos maiores Museus de História Natural da Alemanha e exibe a recente biodiversidade da vida, a evolução dos organismos e a mudança do planeta Terra ao longo de milhões de anos. É composto por um acervo das seguintes áreas: biologia, paleontologia e geologia.</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.senckenberg.de/root/index.php?page_id=5256">http://www.senckenberg.de/root/index.php?page_id=5256</a> 2) <a href="http://die-welt-baut-ih-museum.de/en/">http://die-welt-baut-ih-museum.de/en/</a> 3) <a href="https://www.facebook.com/SenckenbergWorld/">https://www.facebook.com/SenckenbergWorld/</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://cache-graphicslib.viator.com/graphicslib/page-images/360x240/46130_Frankfurt_Senckenberg%20National%20History%20Museum_d489-84.jpg">https://cache-graphicslib.viator.com/graphicslib/page-images/360x240/46130_Frankfurt_Senckenberg%20National%20History%20Museum_d489-84.jpg</a></p>

<p><b>Kiekeberg Museum</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Alemanha (Hamburgo)</b></p>	<p>Localizado numa área com mais de 40 edifícios históricos e jardins contam a cultura e o modo de vida no Winsener Marsch e no norte de Luneburg Heath. É um dos poucos Museus ao ar livre abertos durante todo o ano e tem uma área interior composta por um mundo expositivo interativo, onde se pode aprender mais sobre a produção de alimentos, o trabalho dos agricultores, a indústria alimentar moderna e o desenvolvimento da tecnologia agrícola.</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="http://kiekeberg-museum.de/pd/preise.html">http://kiekeberg-museum.de/pd/preise.html</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/kiekeberg/?ref=br_rs&amp;hc_ref=ARTO TDVq9dKGSxqNmrwYlx7c3p6dEPkiR_GaQoM15YPDWM0uCkh2ohsn5ILT2mt6dV0">https://www.facebook.com/kiekeberg/?ref=br_rs&amp;hc_ref=ARTO TDVq9dKGSxqNmrwYlx7c3p6dEPkiR_GaQoM15YPDWM0uCkh2ohsn5ILT2mt6dV0</a> 3) <a href="https://www.facebook.com/kiekeberg/?ref=br_rs&amp;hc_ref=ARTO TDVq9dKGSxqNmrwYlx7c3p6dEPkiR_GaQoM15YPDWM0uCkh2ohsn5ILT2mt6dV0">https://www.facebook.com/kiekeberg/?ref=br_rs&amp;hc_ref=ARTO TDVq9dKGSxqNmrwYlx7c3p6dEPkiR_GaQoM15YPDWM0uCkh2ohsn5ILT2mt6dV0</a></p> <p>E-mail enviado para: 1) <a href="mailto:zimmermann[at]kiekeberg-museum.de">zimmermann[at]kiekeberg-museum.de</a> 2) <a href="mailto:kleinfeld[at]kiekeberg-museum.de">kleinfeld[at]kiekeberg-museum.de</a> 3) <a href="mailto:mogilowski[at]kiekeberg-museum.de">mogilowski[at]kiekeberg-museum.de</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.hamburg.com/contentblob/6800622/9b27e2afe9c44dc9403bacf4440f7552/data/museum-fuer-voelkerkunde.jpg">http://www.hamburg.com/contentblob/6800622/9b27e2afe9c44dc9403bacf4440f7552/data/museum-fuer-voelkerkunde.jpg</a></p>
<p><b>Muséum des Sciences Naturelles</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Bélgica (Bruxelas)</b></p>	<p>Tendo como principal objetivo o de mostrar a natureza e a história da evolução, é famoso pela sua coleção de esqueletos de dinossauro, o maior da Europa e uma das mais importantes do mundo. Estes esqueletos de Iguanodon foram encontrados, em 1878, numa mina de carvão em Bernissart, a sul da Bélgica.</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="https://travel.svgic.com/pt/poi/instituto-real-belga-de-ciencias-naturais-poi:2182">https://travel.svgic.com/pt/poi/instituto-real-belga-de-ciencias-naturais-poi:2182</a> 2) <a href="https://www.bruxelas.net/instituto-real-ciencias-naturales">https://www.bruxelas.net/instituto-real-ciencias-naturales</a> 3) <a href="https://www.facebook.com/museumdino/?hc_ref=ARS-cFCcPNyIAL4AjmCR49_2zXFYNZ_RMmMG0_t7aKK1T8gV3gKO7F_vp6vz87BW_0">https://www.facebook.com/museumdino/?hc_ref=ARS-cFCcPNyIAL4AjmCR49_2zXFYNZ_RMmMG0_t7aKK1T8gV3gKO7F_vp6vz87BW_0</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:webmaster@naturalsciences.be">webmaster@naturalsciences.be</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://media-cdn.svgictraveldata.com/media/800x600/612664395a40232133447d33247d38313233343333">https://media-cdn.svgictraveldata.com/media/800x600/612664395a40232133447d33247d38313233343333</a></p>

**Royal Museum for Central Africa**



**Europa  
Bélgica (Tervuren)**

Estabelecido, em 1898, como o *Musée du Congo*, as suas coleções começaram a crescer rapidamente, à medida que o interesse da pesquisa aumentava. O *Musée du Congo Belge* foi inaugurado em 1910 e em 1960, passou a ter o seu nome atual, com a independência do Congo.

Hoje, tem, como principal missão, servir como um centro mundial de pesquisa e disseminação do conhecimento em sociedades passadas e presentes e ambientes naturais da África, em particular a África Central.

A sua pesquisa é multidisciplinar e abrange as ciências humanas e naturais. As suas principais disciplinas científicas são a Antropologia Cultural, a História, as Ciências da Terra e a Biologia. No campo da Antropologia, os seus principais domínios são a Etnografia, a Linguística e a Etnomusicologia e a Arqueologia.

No campo das Ciências da Terra, os seus domínios são a Geologia, os riscos naturais, a geodinâmica e a variabilidade ambiental.

A pesquisa de História abrange as questões coloniais e contemporâneas.

Possui, ainda, serviços de suporte científico, como uma biblioteca e 12 centros especializados de documentação e 9 laboratórios.

**Fontes Bibliográficas:**

- 1) Jorge, 1943, pp.39-57
- 2) Gryseels, G. – *Fora de consulta: The renovation of the Royal Museum for Central Africa*

**Endereços página web:**



- 1) <http://www.africamuseum.be/home>
- 2) <https://www.facebook.com/AfricaMuseumEN/>

**E-mail enviado para:**



- 1) [dir@africamuseum.be](mailto:dir@africamuseum.be)
- 2) [biblio@africamuseum.be](mailto:biblio@africamuseum.be)
- 3) [historical.archives@africamuseum.be](mailto:historical.archives@africamuseum.be)
- 4) [annick.swinnen@africamuseum.be](mailto:annick.swinnen@africamuseum.be)



**Fotografia:**


<https://ih0.redbubble.net/image.4448064.5821/flat.1000x1000.075.f.jpg>



<p><b>Muséum d'Histoire Naturelle de Bourges</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>França (Bourges)</b></p>	<p>Museu municipal que contém coleções de Zoologia, Botânica e Geologia, que se especializou no estudo e proteção de morcegos, desde o final do ano de 1980.</p> <p>A 24 de junho de 1926 foi inaugurada uma exposição, no <i>Palais Jacques Coeur</i>, incluindo animais naturalizados de Babault e pinturas etnográficas.</p> <p>Em novembro de 1929 foi inaugurada a galeria ornitológica.</p> <p>Passou por um longo período de indiferença e declínio, mas reabriu, em 1989, num novo local, mais espaçoso.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.museum-bourges.net/">http://www.museum-bourges.net/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/MuseumdHistoireNaturelledBourges/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/MuseumdHistoireNaturelledBourges/?ref=br_rs</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.museum-bourges.net/museum-infos-pratiques-5.html">http://www.museum-bourges.net/museum-infos-pratiques-5.html</a></p>
<p><b>Muséum d'Histoire Naturelle et d'Ethnographie</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>França (Colmar)</b></p>	<p>Em 1859, foi fundada a Sociedade de História Natural e Etnografia (SHNE) para promover o estudo das ciências (Vida, Terra e Ciências Humanas: Etnografia e Egíptologia) e para contribuir para o conhecimento e defesa do ambiente natural e cultural.</p> <p>Em 1860, a SHNE criou um Museu para ilustrar os seus objetivos e exibir as suas inestimáveis coleções de Zoologia, Geologia e Etnografia. Gradualmente este transformou-se num local de produção e intercâmbio científico.</p> <p>As suas coleções são compostas por fauna local e exótica (mamíferos, ornitologia, entomologia, conchas marinhas e invertebrados marinhos, herpetologia e ictiologia), geologia da região e do planeta (paleontologia, mineralogia, etnografia e egíptologia), biblioteca científica e por objetos e animais incomuns.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.museumcolmar.org/">http://www.museumcolmar.org/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/Mus%C3%A9e-dHistoire-Naturelle-et-dEthnographie-156682891108219/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/Mus%C3%A9e-dHistoire-Naturelle-et-dEthnographie-156682891108219/?ref=br_rs</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.martinique.org/node/24373/PCUMAR972V5000OO/detail/fort-de-france/musee-regional-d-histoire-et-d-ethnographie">http://www.martinique.org/node/24373/PCUMAR972V5000OO/detail/fort-de-france/musee-regional-d-histoire-et-d-ethnographie</a></p>






<p><b>Muséum d'Histoire Naturelle de Gruffy</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>França (Gruffy)</b></p>	<p>Estrutura associativa que, desde 1991, desenvolveu as suas atividades de descoberta e respeito pelo património natural regional. Nasceu sob a iniciativa do Sr. Brochetto, um caçador que adorava animais e quis compartilhar o seu conhecimento, através das suas viagens regulares para escolas para descobrir os costumes da vida selvagem naquela região. O início do trabalho do museu foi realizado e este abre ao público em 1992.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.musee-nature.com/">http://www.musee-nature.com/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/Mus%C3%A9e-dHistoire-Naturelle-de-Gruffy-391779097545108/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/Mus%C3%A9e-dHistoire-Naturelle-de-Gruffy-391779097545108/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:info@musee-nature.com">info@musee-nature.com</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.facebook.com/391779097545108/photos/a.490359127687104.1073741825.391779097545108/1069913933064951/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/391779097545108/photos/a.490359127687104.1073741825.391779097545108/1069913933064951/?type=3&amp;theater</a></p>
<p><b>Muséum d'Histoire Naturelle de La Rochelle</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>França (La Rochelle)</b></p>	<p>Instituição científica com quase dois séculos e que é, ao mesmo tempo, um lugar de conservação, apresentação e troca de conhecimento. A exposição permanente tem 2.300 m<sup>2</sup> e oferece uma fabulosa jornada do património natural e cultural, com cerca de 10.000 objetos de coleções naturalistas e etnográficas recolhidas desde o século XVIII. O Museu foi aberto após algumas modificações, em 2007, oferecendo um espaço moderno e interativo.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://museum.larochelle.fr/">https://museum.larochelle.fr/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/MuseumdHistoireNaturelledeLaRochelle/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/MuseumdHistoireNaturelledeLaRochelle/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="https://museum.larochelle.fr/contact-m.html">https://museum.larochelle.fr/contact-m.html</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://poitoucharentevasion.over-blog.com/article-18653438.html">http://poitoucharentevasion.over-blog.com/article-18653438.html</a></p>



<p><b>Muséum d'Histoire Naturelle de Lille</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>França (Lille)</b></p>	<p>Inaugurado, em 1822 na antiga Câmara Municipal, foi construído, em primeiro lugar, em torno de uma coleção zoológica e associou-se, em 1990, a um conjunto de coleções geológicas, Etnografia e História Industrial, que compõem hoje quatro grandes temas (objetos naturalistas, geológicos, etnográficos e industriais).</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://mhn.lille.fr/">http://mhn.lille.fr/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/mhnlille/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/mhnlille/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:mhnl@mairie-lille.fr">mhnl@mairie-lille.fr</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://en.wikipedia.org/wiki/Mus%C3%A9e_d%27Histoire_Naturelle_de_Lille#/media/File:Lille_Mus%C3%A9e_histoire_naturelle.jpg">https://en.wikipedia.org/wiki/Mus%C3%A9e_d%27Histoire_Naturelle_de_Lille#/media/File:Lille_Mus%C3%A9e_histoire_naturelle.jpg</a></p>
<p><b>Muséum d'Histoire Naturelle de Marseille</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>França (Marseille)</b></p>	<p>Criado em 1819, sob a liderança do Marquês de Montgrand (prefeito de Marseille) e do Conde de Villeneuve (prefeito dos Bocas do Ródano), reúne coleções de gabinetes de curiosidades do século XVIII da cidade e doações do Estado, antes de se estabelecer, em 1869, na ala direita do <i>Palais Longchamp</i>. Atualmente, inclui uma sala de Zoologia mundial, uma sala sobre a evolução e adaptação dos vivos e uma sala pré-histórica.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://culture.marseille.fr/">http://culture.marseille.fr/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/MuseumMarseille/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/MuseumMarseille/?ref=br_rs</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://en.wikipedia.org/wiki/Mus%C3%A9um_d%27histoire_naturelle_de_Marseille#/media/File:Palais_Longchamps_MHN_Marseille.JPG">https://en.wikipedia.org/wiki/Mus%C3%A9um_d%27histoire_naturelle_de_Marseille#/media/File:Palais_Longchamps_MHN_Marseille.JPG</a></p>

<p><b>Muséum d'Histoire Naturelle de Nice</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>França (Nice)</b></p>	<p>Criado em 1846, foi o primeiro Museu Municipal da cidade, devido à influência do famoso cientista, Antoine Risso. Jean-Baptiste Vérany reúne coleções que incluíram importantes séries de aves, moluscos, minerais e fósseis, principalmente da região. Paralelamente, Jean-Baptiste Barla teve, também, uma coleção privada muito original focada em peixes, plantas com flores e especialmente os cogumelos de Nice. Hoje, contém todos os tipos de coleções nos três ramos da História Natural: Zoologia, Botânica e Geologia.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.mhnnice.org/">http://www.mhnnice.org/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/mhnnice/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/mhnnice/?ref=br_rs</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.nice.fr/fr/culture/musees-et-galleries/museum-d-histoire-naturelle">https://www.nice.fr/fr/culture/musees-et-galleries/museum-d-histoire-naturelle</a></p>
<p><b>Muséum National d'Histoire Naturelle</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>França (Nîmes)</b></p>	<p>O <i>Muséum national d'histoire naturelle de Nice</i> foi criado em 1846 e foi o primeiro museu municipal da cidade, devido à influência do famoso cientista, Antoine Risso. Jean-Baptiste Vérany reúne coleções que incluíram importantes séries de aves, moluscos, minerais e fósseis principalmente da região. Paralelamente, Jean-Baptiste Barla teve, também, uma coleção privada muito original focada em peixes, plantas com flores e especialmente os cogumelos de Nice. Hoje, o museu contém todos os tipos de coleções nos três ramos da História Natural: Zoologia, Botânica e Geologia.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.nimes.fr/index.php?id=284">http://www.nimes.fr/index.php?id=284</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/MuseeDhistoireNaturelle/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/MuseeDhistoireNaturelle/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="http://www.nimes.fr/index.php?id=3111&amp;form%5Babout%5D=1238">http://www.nimes.fr/index.php?id=3111&amp;form%5Babout%5D=1238</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.nimes.fr/index.php?id=284">https://www.nimes.fr/index.php?id=284</a></p>



<p><b>Muséum National d'Histoire Naturelle</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>França (Paris)</b></p>	<p>Inaugurado em 1895, e neste centro de cultura estão dispostas coleções científicas de extrema importância, quer a nível nacional quer internacional, sendo um dos seis mais importantes em França, nesta categoria. Estando instalado em redor de um claustro e uma capela do século XVII, abrange todas as áreas das ciências naturais e das ciências humanas. É composto por duas entidades: o Museu de História Natural e o Planetário. Atualmente, apresenta três exposições: Pré-história, Etnografia (da década de 1930) e Zoologia, além de diversas exposições temporárias (apresentadas na Galeria do Museu e na sala de exposição temporária) e inúmeras oficinas científicas ao dispor do público.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.mnhn.fr/fr/visitez/billetterie">http://www.mnhn.fr/fr/visitez/billetterie</a> 2) <a href="http://www.mnhn.fr/fr/visitez/lieux/menagerie-zoo-jardin-plantés">http://www.mnhn.fr/fr/visitez/lieux/menagerie-zoo-jardin-plantés</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="http://www.mnhn.fr/fr/contactez-nous">http://www.mnhn.fr/fr/contactez-nous</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://en.parisinfo.com/paris-museum-monument/83427/Grande-Galerie-de-l-Evolution-Museum-national-d-Histoire-naturelle">https://en.parisinfo.com/paris-museum-monument/83427/Grande-Galerie-de-l-Evolution-Museum-national-d-Histoire-naturelle</a></p>
<p><b>Musée de l'Homme</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>França (Paris)</b></p>	<p>Inaugurado em 1938, herdou objetos de coleções históricas criadas no século XVI, de gabinetes de curiosidades e do Gabinete Real. Essas coleções foram enriquecidas durante o século XIX. O principal objetivo é reunir num único lugar tudo o que define a história da espécie humana, desde a sua evolução, à sua expressão cultural e social, através de um discurso do biológico ao cultural e do universal para o particular. A exposição permanente contou com mais de 15.000 artefactos, refletindo os tesouros artísticos, mas também técnicos e culturais dos cinco continentes. As coleções estão divididas em Antropologia Biológica (múmias fundições antropológicas, restos humanos modernos e restos paleoantropológicos) Antropologia Cultural (Etnobiologia e Etnologia) e Pré-história (coleções do neolítico e da idade do bronze e sedimentos quaternários).</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.museedelhomme.fr/fr/musee/histoire-musee-homme">http://www.museedelhomme.fr/fr/musee/histoire-musee-homme</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="http://www.museedelhomme.fr/fr/contactez-nous">http://www.museedelhomme.fr/fr/contactez-nous</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.museedelhomme.fr/en">http://www.museedelhomme.fr/en</a></p>

<p><b>Muséum d'Histoire Naturelle de la Réunion</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>França (Saint-Denis)</b></p>	<p>Conhecido pela sua Galeria de Evolução e pelo seu Jardim Zoológico das Plantas, é-lhe reconhecido um carácter divertido e educacional. Além das exposições permanentes de coleções, oferece um programa diversificado ao longo do ano, quer seja em exposições temporárias, quer através de atividades promovidas por ateliers, oficinas e visitas guiadas. Composto por um vasto número de profissionais (incluindo professores, pesquisadores, taxidermistas, jardineiros, veterinários e museólogos), que trabalham com o objetivo de preservar, valorizar e dar a conhecer ao público a beleza da natureza.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.cg974.fr/culture/index.php/Mus%C3%A9um/pr%C3%A9sentation-mus%C3%A9um/museum-dhistoire-naturelle.html">http://www.cg974.fr/culture/index.php/Mus%C3%A9um/pr%C3%A9sentation-mus%C3%A9um/museum-dhistoire-naturelle.html</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/Mus%C3%A9um-dHistoire-Naturelle-de-la-R%C3%A9union-1762583857293176/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/Mus%C3%A9um-dHistoire-Naturelle-de-la-R%C3%A9union-1762583857293176/?ref=br_rs</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.reunion.fr/planifier/a-voir-a-faire/sites-de-visite/museum-d-histoire-naturelle-559471">https://www.reunion.fr/planifier/a-voir-a-faire/sites-de-visite/museum-d-histoire-naturelle-559471</a></p>
<p><b>Hungarian Natural History Museum</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Hungria (Budapeste)</b></p>	<p>Criado em 1802, pelo conde Ferenc Széchenyi, desenvolve a sua atividade através da realização de exposições, conferências e publicações, dando a conhecer a diversidade da natureza, e envolvendo os membros da sociedade húngara na preservação desta, recolhendo, preservando coleções universais de ciência natural, realizando trabalhos de pesquisa e apresentando ao público os objetos e conhecimentos da Natureza. Pretende estabelecer-se como um pólo de educação e comunicação científica, um centro de competências e serviços orientado para a consciencialização, defesa e conservação da biodiversidade, quer através da sua ação, quer da atividade desenvolvida por instituições, membros desta e centros e redes nacionais dinamizadores de cultura. É um dos mais importantes institutos de pesquisa húngaros, tendo coleções ricas e diversificadas, que perfazem um total de quase 10 milhões de objetos.</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.nhmus.hu/en/english_home">http://www.nhmus.hu/en/english_home</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/Hungarian-Natural-History-Museum-327883497250414/">https://www.facebook.com/Hungarian-Natural-History-Museum-327883497250414/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:mtminfo@mtm.hu">mtminfo@mtm.hu</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/c2/Hung_Nat_Hist_Mus_oreg_Ludovika1.jpg/300px-Hung_Nat_Hist_Mus_oreg_Ludovika1.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/c2/Hung_Nat_Hist_Mus_oreg_Ludovika1.jpg/300px-Hung_Nat_Hist_Mus_oreg_Ludovika1.jpg</a></p>



<p><b>Natural History Museum</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Reino Unido (Londres)</b></p>	<p>Inaugurado em 1881, é uma instituição de pesquisa aclamada, publicando mais de 700 artigos científicos por ano), sendo composta por mais de 300 cientistas, que trabalham na área das ciências da terra e da vida, nos principais laboratórios de pesquisa, biblioteca e arquivos, contando, também, com a participação de colaboradores internacionais.</p> <p>O seu objetivo é estimular as pessoas a pensar no mundo natural (o seu passado, presente e futuro), perante o panorama de espécies e ecossistemas ameaçados a um nível vertiginoso, em que nem sequer é possível documentá-los ou entender as suas causas.</p> <p>Pretende estimular o debate sobre o futuro da humanidade e educar o público para uma melhor compreensão da ciência, concentrando-se em três temas: a Origem e evolução, a Diversidade da vida e Futuros sustentáveis.</p> <p>Do seu acervo fazem parte coleções de Paleontologia, simbolizando a cobertura geográfica, estratigráfica e histórica de sete milhões de vertebrados, invertebrados e fósseis de plantas e coleções de Zoologia, composta por cerca de 29 milhões de espécimes de animais, recolhidos, ao longo de 250 anos de todo o mundo, representado através de tipos e espécimes históricos, bem como por espécies extintas e ameaçadas de extinção.</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.nhm.ac.uk/">http://www.nhm.ac.uk/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/Natural-History-Museum-London-England-1913978622152482/">https://www.facebook.com/Natural-History-Museum-London-England-1913978622152482/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="http://www.nhm.ac.uk/about-us/contact-enquiries/forms/emailform.jsp">http://www.nhm.ac.uk/about-us/contact-enquiries/forms/emailform.jsp</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://media.timeout.com/images/100741263/630/472/image.jpg">https://media.timeout.com/images/100741263/630/472/image.jpg</a></p>
--	---	---	--


<p><b>Museo di Storia Naturale di Casalina - CAMS</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Itália (Casalina)</b></p>	<p>Inaugurado em 29 de junho de 1925, faz parte do CAMS (<i>College of Accounting and Management Sciences</i>), está alojado numa antiga fábrica de tabaco. Foi criado graças a uma contribuição comunitária, fornecida pela Região da Úmbria - Promoção e Valorização de Sistemas Naturalistas, sendo a sua construção financiada por fundos europeus. O seu acervo é constituído por uma impressionante coleção de minerais, rochas e fósseis e coleções zoológicas. Desta fazem parte coleções de invertebrados (obtidas através da contribuição e recolha feitas pelo explorador Orazio Antinori e pela Andrea Batelli).</p>	<p>Endereços página web:  1) <a href="http://www.cams.unipg.it/">http://www.cams.unipg.it/</a>  2) <a href="http://www.cams.unipg.it/musei-orti/galleria-di-storia-naturale/sede">http://www.cams.unipg.it/musei-orti/galleria-di-storia-naturale/sede</a>  3) <a href="https://www.facebook.com/museostoria.naturalecasalina/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/museostoria.naturalecasalina/?ref=br_rs</a>  4) <a href="http://turismo.comune.perugia.it/poip/gsn-galleria-di-storia-naturale">http://turismo.comune.perugia.it/poip/gsn-galleria-di-storia-naturale</a>  5) <a href="http://www.gravita-zero.org/2016/01/la-galleria-di-storia-naturale-di.html">http://www.gravita-zero.org/2016/01/la-galleria-di-storia-naturale-di.html</a></p> <p>E-mail enviado para:  1) <a href="mailto:servizi.cams@unipg.it">servizi.cams@unipg.it</a>  2) <a href="mailto:gian.grassigli@unipg.it">gian.grassigli@unipg.it</a></p> <p>Fotografia:  <a href="https://www.facebook.com/museostoria.naturalecasalina/photos/a.502477833264412.1073741830.381891808656349/740392712806255/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/museostoria.naturalecasalina/photos/a.502477833264412.1073741830.381891808656349/740392712806255/?type=3&amp;theater</a></p>
<p><b>Museo Civico di Storia Naturale di Milano</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Itália (Milão)</b></p>	<p>É o mais antigo de Milão e um dos mais importantes museus de História Natural italianos. Em 1844, abriu ao público, nas instalações do antigo Convento de Santa Maria, com o contributo de doações de coleções por parte dos naturalistas Giorgio Jan e Giuseppe de Cristoforis. As suas exposições são dedicadas às ciências da Mineralogia, Paleontologia, Zoologia e História Natural do Homem. Tem como missão ser um centro de experiências, em que o público pode conhecer mais sobre a evolução humana, reconhecer centenas de plantas e minerais e ver a reprodução de ambientes naturais (de desertos a florestas tropicais), contando com mais de cem representações, feitas com grande precisão, que recriam várias paisagens naturais, da forma mais similar possível.</p>	<p>Fontes Bibliográficas:  1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web:  1) <a href="http://www.turismo.milano.it/wps/portal/tur/pt/artecultura/musei/Civico_Museo_Storia_Naturale">http://www.turismo.milano.it/wps/portal/tur/pt/artecultura/musei/Civico_Museo_Storia_Naturale</a></p> <p>Fotografia:  <a href="http://www.assodidatticamuseale.it/ADM/Uploads/Ingresso-museo.jpg">http://www.assodidatticamuseale.it/ADM/Uploads/Ingresso-museo.jpg</a></p>






<p><b>Musée National d'Histoire Naturelle Luxembourg</b></p> 	<p><b>Europa Luxemburgo (Luxemburgo)</b></p>	<p>Inaugurado em 1854, quatro anos após a Sociedade de Ciências Naturais ter sido criada, sob o patrocínio do Príncipe Henrique da Holanda. Tem expostos objetos que interessam no que respeita o estudo da História Natural do Grão-Ducado e das ciências naturais em geral, possuindo, atualmente, 7 seções científicas (Zoologia, Botânica, Paleontologia, Geologia / Mineralogia, Ecologia, Antropologia / Biologia Humana, Geofísica / Astrofísica).</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.mnhn.lu/">https://www.mnhn.lu/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/naturmuseelux/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/naturmuseelux/?ref=br_rs</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.editus.lu/fr/musee-national-d-histoire-naturelle-luxembourg-27339">https://www.editus.lu/fr/musee-national-d-histoire-naturelle-luxembourg-27339</a></p>
<p><b>Oxford University Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>Europa Reino Unido (Oxford)</b></p>	<p>Fundado em 1860 (num puro exemplo de edificação de arquitetura neogótica), como o centro de estudos científicos da Universidade de Oxford. Possui coleções de espécimes geológicos e zoológicos da Universidade, internacionalmente relevantes, das quais se destacam os dinossauros de Oxfordshire, o Dodo e os swifts na torre. Estas são expostas alternadamente, sendo que o Museu, também, realiza periodicamente outras exposições de menor dimensão. Estas constituem a base para a realização de um amplo e exaustivo programa de pesquisa e ensino público em ambiente natural.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.oum.ox.ac.uk/">http://www.oum.ox.ac.uk/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/morethanadodo/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/morethanadodo/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: 1) <a href="mailto:info@oum.ox.ac.uk">info@oum.ox.ac.uk</a> 2) <a href="mailto:earth@oum.ox.ac.uk">earth@oum.ox.ac.uk</a> 3) <a href="mailto:life@oum.ox.ac.uk">life@oum.ox.ac.uk</a> 4) <a href="mailto:library@oum.ox.ac.uk">library@oum.ox.ac.uk</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.experienceoxfordshire.org/venue/oxford-university-museum-natural-history/">https://www.experienceoxfordshire.org/venue/oxford-university-museum-natural-history/</a></p>








<p><b>Museum of Art and Archeology, Ashmolean</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Reino Unido (Oxford)</b></p>	<p>Tendo surgido como fruto da doação da coleção do rico antiquário Elias Ashmole à Universidade, em 1682, foi inaugurado em 1683, como o primeiro museu público da Grã-Bretanha e como o primeiro museu universitário do mundo. Embora a sua coleção tenha evoluído consideravelmente, o princípio fundador permanece: a importância para a sociedade do conhecimento da humanidade, através das culturas e dos tempos.</p> <p>Elias Ashmole adquiriu a sua coleção a dois jardineiros, os Tradescants (pai e filho), que viajaram para o exterior e enviaram espécimes de plantas novas e exóticas para os jardins do Conde. No curso das suas viagens, eles adquiriram uma coleção notável de curiosidades que incluíam itens botânicos, geológicos e zoológicos, bem como objetos feitos pelo homem.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.ashmolean.org/">https://www.ashmolean.org/</a></p> <p>E-mail enviado para: 1) <a href="https://www.ashmolean.org/contact">https://www.ashmolean.org/contact</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://ashmole.com/ashmole-museum/">http://ashmole.com/ashmole-museum/</a></p>
<p><b>Pitt Rivers Museum</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Reino Unido (Oxford)</b></p>	<p>Fundado em 1884, pelo tenente-general Augustus Pitt Rivers, que doou a sua coleção à Universidade de Oxford com a condição de que nesta passasse a existir, permanentemente, um professor de Antropologia, exhibe as coleções arqueológicas e antropológicas desta Universidade.</p> <p>De uma doação original que consistiu, aproximadamente, em 22.000 itens, passou a ter, atualmente, à sua guarda cerca de 500.000 itens, muitos dos quais doados por viajantes, académicos e missionários.</p> <p>Exibe objetos arqueológicos e etnográficos de todas as partes do mundo e de todos os períodos de tempo, sendo conhecido por ter a maior coleção de artefactos arqueológicos e antropológicos no Reino Unido.</p> <p>A coleção é organizada tematicamente, de acordo com a forma como os objetos foram usados, e não de acordo com sua idade ou origem. Este esquema deve muito às teorias do próprio Pitt Rivers, que pretendia mostrar a progressão no <i>design</i> e na evolução da cultura</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.prm.ox.ac.uk/">https://www.prm.ox.ac.uk/</a></p> <p>E-mail enviado para: 1) <a href="https://www.prm.ox.ac.uk/contact-us">https://www.prm.ox.ac.uk/contact-us</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.experienceoxfordshire.org/venue/pitt-rivers-museum/">https://www.experienceoxfordshire.org/venue/pitt-rivers-museum/</a></p>



		humana, do simples ao complexo. Embora esta abordagem evolutiva da cultura matéria tenha deixado de estar na moda em Arqueologia e Antropologia, foi mantida a organização original das suas exposições.	
<p><b>National Technical Museum</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>República Checa (Praga)</b></p>	<p>Construído entre 1885 e 1891, por Josef Schulz, o arquiteto que liderou a construção da Ópera Estatal, a sua edificação possui um estilo neo-renascentista.</p> <p>Com uma amplitude de coleções muito abrangentes, dispostas num espaço extremamente ornamentado e nobre no seu interior, a experiência dos visitantes torna-se num momento único e inesquecível.</p> <p>Numa visita, podem-se admirar as coleções permanentes de pré-história da Boémia, Morávia e Eslováquia, a exposição mineralógica e litológica, a exposição de Paleontologia, Osteologia, Antropologia e Zoologia, além da disposição de condecorações e medalhas de países europeus.</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.tudosobrepraga.com/museu-nacional">https://www.tudosobrepraga.com/museu-nacional</a> 3) <a href="https://www.facebook.com/NarodniTechnickeMuzeum/?hc_ref=ARRpfCzLIDt5OrylMmcnDAzdFQcQ73qBY5WET1o0yWw2388Tx_fXsICUZeAIEtHsCyQ">https://www.facebook.com/NarodniTechnickeMuzeum/?hc_ref=ARRpfCzLIDt5OrylMmcnDAzdFQcQ73qBY5WET1o0yWw2388Tx_fXsICUZeAIEtHsCyQ</a></p> <p>E-mail enviado para : <a href="mailto:vaclav.rutar@ntm.cz">vaclav.rutar@ntm.cz</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.prague.eu/object/696/nm.jpg">https://www.prague.eu/object/696/nm.jpg</a></p>

<p><b>Muséum d'Histoire Naturelle de Fribourg</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Suíça (Fribourg)</b></p>	<p>Tendo sido inaugurado ao público em 1826, a sua criação deveu-se ao impulso dado por Charles-Aloyse, que, em 1824, doou a sua coleção de História Natural à cidade de Friburgo, para que os seus governantes criassem uma instituição pública, em benefício da educação. Da coleção faziam parte minerais, cristais, ágatas, mármore e outras pedras polidas, fósseis, conchas marinhas e animais marinhos. Conta, atualmente, com várias exposições permanentes, dentro das áreas da Mineralogia, da terra, Geologia, fauna nativa, invertebrados, vertebrados, peixes, anfíbios, répteis e pássaros.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.fr.ch/mhn/de/pub/index.cfm">http://www.fr.ch/mhn/de/pub/index.cfm</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/Mus%C3%A9e-d-histoire-naturelle-Fribourg-738660482894913/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/Mus%C3%A9e-d-histoire-naturelle-Fribourg-738660482894913/?ref=br_rs</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.museums.ch/org/de/Mus--e-d-histoire-naturelle---Naturhistorisches-Museum">https://www.museums.ch/org/de/Mus--e-d-histoire-naturelle---Naturhistorisches-Museum</a></p>
<p><b>Muséum National d'Histoire Naturelle</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Suíça (Genebra)</b></p>	<p>Sendo um dos maiores museus, a nível internacional na sua área, conta com uma riqueza e diversidade de coleções de fauna regional, de Mineralogia, de mamíferos, de pássaros, de sapos, de rãs e de insetos. Possui, também, um andar inteiramente dedicado à terra e à história da humanidade. O museu tem como missão acompanhar e desenvolver projetos científicos, novas tecnologias, questões da atualidade, através da realização de iniciativas e campanhas de sensibilização de proteção ambiental (numa grande amplitude).</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.geneve.com/pt/attractions/musee-d-histoire-naturelle/">https://www.geneve.com/pt/attractions/musee-d-histoire-naturelle/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="http://www.mnhn.fr/en/node/2180">http://www.mnhn.fr/en/node/2180</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.signegeneve.ch/wp-content/uploads/2017/01/Geneva-81692.jpg">http://www.signegeneve.ch/wp-content/uploads/2017/01/Geneva-81692.jpg</a></p>

<p><b>Muséum d'Histoire Naturelle de Neuchâtel</b></p> 	<p><b>Europa</b> <b>Suíça (Neuchâtel)</b></p>	<p>Inaugurado ao público em 1835, foi criado no <i>Latin College</i> (atual Biblioteca Pública e Universitária) sob a liderança de Louis Coulon e do estudioso Louis Agassiz. Para a sua abertura, foi crucial a oferta do núcleo inicial das coleções do Museu, feita pelo general Charles-Daniel de Meuron, em 1795, provenientes do seu Gabinete de História Natural.</p> <p>Sendo um dos mais relevantes da Suíça, com as suas coleções ricas em objetos de História Natural, efetuando a gestão do seu património natural, no qual se incluem objetos de Zoologia, Geologia, Paleontologia e artefactos de História Natural, destacando-se a sua coleção de pássaros.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.museum-neuchatel.ch/">http://www.museum-neuchatel.ch/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/MuseumNeuchatel/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/MuseumNeuchatel/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:info.museum@unine.ch">info.museum@unine.ch</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.timeout.com/switzerland/museums/museum-dhistoire-naturelle">https://www.timeout.com/switzerland/museums/museum-dhistoire-naturelle</a></p>
<p><b>Palestine Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Beltsville)</b></p>	<p>Preparou a sua abertura numa primeira reunião de voluntários a 9 de julho de 2014, tendo esta vindo a acontecer oficialmente a 12 de abril de 2017.</p> <p>Entre 1960 e 1980, a Dr.<sup>a</sup> Sana Attalla e o Dr. Mazin Qumsiyeh colecionaram e pesquisaram, principalmente, mamíferos (parte dessa coleção é, agora, o centro de educação ambiental na escola de Talitha Kumi - Beit Jalla). As coleções começaram, em 2008, a ser intensificadas, sendo compostas por uma flora e fauna (constituída por mamíferos, répteis, anfíbios, insetos) interessantes, bem como pelos fósseis que existem na Palestina. Estas incluem um pouco de informação etnobotânica e um canto infantil feito por um artista profissional.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.palestinenature.org/">https://www.palestinenature.org/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/Palestine-Museum-of-Natural-History-1454309858180882/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/Palestine-Museum-of-Natural-History-1454309858180882/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:info@palestinenature.org">info@palestinenature.org</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://thisweekinpalestine.com/wp-content/uploads/2014/09/The-Palestine-Museum-of-Natural-History.pdf">https://thisweekinpalestine.com/wp-content/uploads/2014/09/The-Palestine-Museum-of-Natural-History.pdf</a></p>
<p><b>University of California Museum of Paleontology</b></p>	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Berkeley)</b></p>	<p>Possui uma das maiores coleções paleontológicas dos Museus Universitários, a nível mundial. Essas coleções, bem organizadas e informatizadas, incluem organismos fósseis e modernos que representam procariotas para vertebrados recolhidos em todos os continentes. Para além de atender à comunidade universitária,</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.ucmp.berkeley.edu/about/history/index.php">http://www.ucmp.berkeley.edu/about/history/index.php</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/ucmuseumofpaleontology/">https://www.facebook.com/ucmuseumofpaleontology/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:ucmpwebmaster@berkeley.edu">ucmpwebmaster@berkeley.edu</a></p> <p>Fotografia:</p>

		<p>em vários projetos de pesquisa, as suas coleções são usadas por paleontólogos, biólogos e geólogos, em todo o mundo.</p>	<p><a href="https://www.glassdoor.com/Photos/University-of-California-Berkeley-Office-Photos-IMG233644.htm">https://www.glassdoor.com/Photos/University-of-California-Berkeley-Office-Photos-IMG233644.htm</a></p>
<p><b>Harvard Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Cambridge)</b></p>	<p>Foi estabelecido, em 1998 como o rosto público de três museus de pesquisa: o Museu de Zoologia Comparada, a Universidade Herbária de Harvard e o Museu Mineralógico e Geológico. Hoje, reflete tanto a história dos museus afiliados, quanto uma instituição do século XXI, que apresenta pesquisas, aborda problemas contemporâneos e oferece experiência educacional criativa, num ambiente único e íntimo.</p> <p>As suas coleções são constituídas por "África", "Artrópodes", "Ásia", "Pássaros do Mundo", "Mamíferos Cenozóicos", "América Central e do Sul", "Ciências da Terra e Planetárias", "Vida Marinha", "Vida Microbiana", entre outras.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://hmn.harvard.edu/">https://hmn.harvard.edu/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/harvardmuseumofnaturalhistory/">https://www.facebook.com/harvardmuseumofnaturalhistory/</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.promptguides.com/boston/attractions/harvard_museum_natural_history.htm">http://www.promptguides.com/boston/attractions/harvard_museum_natural_history.htm</a></p>
<p><b>The Field Museum</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Chicago)</b></p>	<p>Inaugurado em 1893, numa Exposição Columbiana Mundial, devido a uma carta enviada por S. C. Eastman, que chamou a atenção para a conveniência de que fosse criado um museu. O Sr. Ayer apresentou uma grande coleção antropológica, principalmente dedicada à etnologia do índio norte-americano, tornando-se no principal objetivo da instituição "a acumulação e divulgação do conhecimento e a preservação e exibição de objetos que ilustram arte, arqueologia, ciência e história". Entre as exposições deste Museu contam-se: "Acordando o T-Rex em 3D", "Dentro do Antigo Egito", "Planeta em Evolução", "Aventura Subterrânea", "Restaurando a Terra", "As Antigas</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.fieldmuseum.org/about">https://www.fieldmuseum.org/about</a> 2) <a href="https://www.dicasnewyork.com.br/2015/01/museu-de-historia-natural-de-chicago-field-museum.html">https://www.dicasnewyork.com.br/2015/01/museu-de-historia-natural-de-chicago-field-museum.html</a> 3) <a href="https://www.facebook.com/fieldmuseum/">https://www.facebook.com/fieldmuseum/</a></p> <p>E-mail enviado para: 1) <a href="https://www.fieldmuseum.org/about/contact">https://www.fieldmuseum.org/about/contact</a> 2) <a href="http://libguides.fieldmuseum.org/publications">http://libguides.fieldmuseum.org/publications</a> 3) <a href="https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/14209#/summary">https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/14209#/summary</a> 4) <a href="http://libguides.fieldmuseum.org/1893">http://libguides.fieldmuseum.org/1893</a></p>




		Américas", "Centro de Descoberta de ADN", "África", "Meteoritos", "Museu Vivo em 3D", entre outras.	Fotografia: <a href="https://www.google.pt/search?q=The+Field+Museum&amp;source=lnms&amp;tbn=isch&amp;sa=X&amp;ved=0ahUKEwiJ_4n506XZAhUlaxQKHxWkB1oQ_AUICigB&amp;biw=1366&amp;bih=637#imgrc=QWmHD9Gs_8TpDM:">https://www.google.pt/search?q=The+Field+Museum&amp;source=lnms&amp;tbn=isch&amp;sa=X&amp;ved=0ahUKEwiJ_4n506XZAhUlaxQKHxWkB1oQ_AUICigB&amp;biw=1366&amp;bih=637#imgrc=QWmHD9Gs_8TpDM:</a>
<p><b>Cleveland Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Cleveland)</b></p>	<p>Atendendo a que, em 1830, as primeiras coleções de história natural de Cleveland foram colocadas num pequeno prédio de madeira, as duas divisões que estavam cheias de espécimes de animais, passaram a ser conhecidas por "A Arca".</p> <p>O Museu foi fundado em 1920 e, hoje, é considerado entre as melhores instituições da sua área, na América do Norte. Entre as suas coleções contam-se: a Paleontologia Vertebrada e Invertebrada, a Mineralogia, a Antropologia Física, a Arqueologia, a Zoologia Vertebrada e Invertebrada, as Áreas Naturais, a Botânica, a Paleobotânica e Paleoecologia Saúde Humana, a Medicina Evolucionária e a Ornitologia.</p> <p>Possui, ainda, uma Biblioteca que inclui, para além das temáticas referidas anteriormente, uma coleção de Livro Raro.</p>	<p>Endereços página web:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) <a href="https://www.cmnh.org/">https://www.cmnh.org/</a></li> <li>2) <a href="https://www.facebook.com/theCMNH/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/theCMNH/?ref=br_rs</a></li> </ol> <p>Fotografia: <a href="http://www.cleveland.com/opinion/index.ssf/2012/12/breathing_around_life_into_the_cl.html">http://www.cleveland.com/opinion/index.ssf/2012/12/breathing_around_life_into_the_cl.html</a></p>
<p><b>The Museum of Natural and Cultural History</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Eugene)</b></p>	<p>Criado oficialmente entre 1935 e 36 como Museu de Antropologia e Museu de História Natural do Estado de Oregon, tem raízes no final do ano de 1800, quando Thomas Condon se juntou à Universidade de Oregon, como um dos seus primeiros três professores. Hoje, sendo o repositório primário de Oregon para coleções de propriedade pública, tornou-se no principal Museu de História Natural e Cultural desse Estado. É o lar de centenas de milhares de objetos etnográficos e arqueológicos, fósseis e espécimes biológicos de Oregon, do Noroeste do Pacífico e de todo o mundo. As suas coleções são dentro da área da Paleontologia, da Zoologia e da Antropologia.</p>	<p>Endereços página web:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) <a href="http://natural-history.uoregon.edu/">http://natural-history.uoregon.edu/</a></li> <li>2) <a href="https://www.facebook.com/oregonnaturalhistory/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/oregonnaturalhistory/?ref=br_rs</a></li> </ol> <p>E-mail enviado para:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) <a href="mailto:endzweig@uoregon.edu">endzweig@uoregon.edu</a></li> <li>2) <a href="mailto:eak@uoregon.edu">eak@uoregon.edu</a></li> <li>3) <a href="mailto:lyle@uoregon.edu">lyle@uoregon.edu</a></li> <li>4) <a href="mailto:ewhite4@uoregon.edu">ewhite4@uoregon.edu</a></li> <li>5) <a href="mailto:lmw@uoregon.edu">lmw@uoregon.edu</a></li> </ol> <p>Fotografia: <a href="https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Museum_of_Natural_and_Cultural_History_(Eugene,_Oregon).jpg">https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Museum_of_Natural_and_Cultural_History_(Eugene,_Oregon).jpg</a></p>



<p><b>Florida Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Gainesville)</b></p>	<p>Teve o seu início, em 1891, quando Frank Pickel (professor de Ciências Naturais) comprou coleções de pesquisa de minerais, fósseis e modelos de anatomia humana como auxiliares do ensino de Biologia e de Ciências Agrícolas. As coleções iniciais cresceram de forma constante com as doações de outros professores. Quando o Colégio Agrícola da Flórida foi abolido em 1905, o Museu tornou-se parte da recém-criada Universidade da Flórida e foi transferido para Gainesville, em 1906. Possui, a título de exemplo, coleções de Arqueologia e Etnografia, de Biodiversidade e de Paleontologia. Em exposição permanente encontram-se as temáticas seguintes: "Floresta de borboletas", "Exposição de borboletas no interior", "Zona da Descoberta", "Fósseis da Flórida: evolução da vida e da terra", "Noroeste da Flórida: vias navegáveis e vida selvagem", "Sul da Flórida Pessoas e Ambientes", "Explorando o nosso mundo" e "O futuro da nossa energia".</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.floridamuseum.ufl.edu/about/history/">https://www.floridamuseum.ufl.edu/about/history/</a> 2) <a href="https://www.floridamuseum.ufl.edu/collections/list/">https://www.floridamuseum.ufl.edu/collections/list/</a> 3) <a href="https://www.facebook.com/FloridaMuseum/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/FloridaMuseum/?ref=br_rs</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.visitgainesville.com/attractions/florida-museum-of-natural-history/">http://www.visitgainesville.com/attractions/florida-museum-of-natural-history/</a></p>
<p><b>Houston Museum of Natural Science</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Houston)</b></p>	<p>Fundado em 1909, teve como principal objetivo "aprimorar em indivíduos o conhecimento e o prazer nas ciências naturais e assuntos relacionados". Abriga o Planetário <i>Burke Baker</i>, o Teatro <i>Wortham GIANT Screen</i>, o <i>Cockrell Butterfly Center</i> e uma fascinante variedade de áreas de exibição permanente que examinam Astronomia, Ciência Espacial, Cultura Nativa Americana, Paleontologia, Energia, Química, Mineralogia, Conchas Marinhas e Vida Selvagem do Texas, entre outras. Além disso, apresenta, frequentemente, exposições itinerantes sobre uma grande variedade de temas. Mantém, também, duas instalações de satélites: o <i>George Observatory</i> (com um dos maiores telescópios dos E.U.A.) e o Museu de Ciências Naturais de Houston, em Sugar Land.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.hmns.org/visit/about/">http://www.hmns.org/visit/about/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/Natural.Science/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/Natural.Science/?ref=br_rs</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://tshaonline.org/handbook/online/articles/lbh02">https://tshaonline.org/handbook/online/articles/lbh02</a></p>








<p><b>KU Natural History Museum</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Kansas)</b></p>	<p>Faz parte do Instituto de Biodiversidade da Universidade do Kansas (centro de pesquisa designado pela KU como dedicado ao estudo da vida do planeta). O Instituto de Biodiversidade tem mais de 10 milhões de espécimes de plantas, animais, fósseis e artefactos arqueológicos. As suas coleções incluem as seguintes temáticas: Arqueologia, Biodiversidade, Botânica, Entomologia, Herpetologia, Ictiologia, Paleontologia Invertebrada, Zoologia invertebrada, Mamíferos, Ornitologia, Paleobotânica e Paleontologia de Vertebrados.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://biodiversity.ku.edu/">https://biodiversity.ku.edu/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/kunaturalhistory/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/kunaturalhistory/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:biodiversity@ku.edu">biodiversity@ku.edu</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www2.ljworld.com/marketplace/businesses/ku_natural_history_museum/photos/4486/">http://www2.ljworld.com/marketplace/businesses/ku_natural_history_museum/photos/4486/</a></p>
<p><b>Las Vegas Natural History Museum</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Las Vegas)</b></p>	<p>Abriu, oficialmente, em 1991, em consequência de um movimento de cidadãos, iniciado em 1989, para albergar uma coleção de objetos de vida selvagem e pré-históricos. Tem como exposições permanentes: “Tesouros do Egipto”, “Galeria da vida pré-histórica da família Engelstad”, “A múmia do Dinossauro: Investigação Científica do Cretáceo”, “Galeria da Vida Marinha”, “Galeria da Savana Africana”, “Floresta Tropical Africana”, “Galeria Internacional de Vida Selvagem”, “Galeria de Geologia” e “Galeria de Mamíferos pré-históricos”.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.lvnhm.org/">http://www.lvnhm.org/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/LasVegasNaturalHistoryMuseum/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/LasVegasNaturalHistoryMuseum/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:dino@lvnhm.org">dino@lvnhm.org</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.dicasdelasvegas.com.br/2014/02/the-las-vegas-natural-history-museum.html">https://www.dicasdelasvegas.com.br/2014/02/the-las-vegas-natural-history-museum.html</a></p>
<p><b>Natural History Museum of Los Angeles County</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Los Angeles)</b></p>	<p>Inicialmente situado numa terra, usada para feiras agrícolas, iniciou uma luta, em 1909, com o propósito de que aí fosse desenvolvido um parque com um centro cultural. Em 6 de novembro de 1913, o Parque de Exposições e o novo Museu, abriram formalmente ao público, tendo-lhe sido, mais tarde, acrescentadas outras importantes instalações culturais. Atualmente, é composto pelas seguintes coleções: Antropologia, Instituto do Dinossauro, Entomologia, Ciências Minerais, Paleontologia Vertebrada, entre outras.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://nhm.org/site/">https://nhm.org/site/</a> 2) <a href="https://collections.nhm.org/">https://collections.nhm.org/</a> 3) <a href="https://www.facebook.com/nhmla/">https://www.facebook.com/nhmla/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:info@nhm.org">info@nhm.org</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://en.wikipedia.org/wiki/Natural_History_Museum_of_Los_Angeles_County#/media/File:NaturalHistoryMuseumOfLosAngelesCounty.jpg">https://en.wikipedia.org/wiki/Natural_History_Museum_of_Los_Angeles_County#/media/File:NaturalHistoryMuseumOfLosAngelesCounty.jpg</a></p>







<p><b>Morrison Natural History Museum</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Morrison)</b></p>	<p>Abriu em 1989, tendo sido fundado para interpretar e preservar a dramática história da Terra de Morrison. O próprio edifício é uma experiência de reutilização, combinando a cabine de um fazendeiro local com novos materiais. Recentemente, recebeu uma aclamação internacional pelas suas descobertas de fósseis nos locais históricos de escavação de dinossauro.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.mnhm.org/246/Morrison-Natural-History-Museum">http://www.mnhm.org/246/Morrison-Natural-History-Museum</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/MorrisonMuseum/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/MorrisonMuseum/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:info@mnhm.org">info@mnhm.org</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.denver.org/listing/morrison-natural-history-museum/5185/">https://www.denver.org/listing/morrison-natural-history-museum/5185/</a></p>
<p><b>Yale Peabody Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (New Haven)</b></p>	<p>A primeira coleção de museus da Universidade de Yale foi iniciada no século XVIII, tendo uma variedade diversificada de "curiosidades naturais e artificiais" de todo o mundo, típica das coleções universitárias da época.</p> <p>A recolha sistemática de espécimes para o ensino e pesquisa começou em 1802 com a nomeação de Benjamin Silliman como professor de Química e História Natural, tendo as suas atividades ajudado a estabelecer Yale como um importante centro de educação científica na primeira metade do século XIX.</p> <p>Em 1876, abriu ao público o primeiro edifício deste Museu.</p> <p>As suas coleções são as seguintes: Antropologia, Botânica, Entomologia, Paleontologia Vertebrada e Invertebrada, Zoologia Vertebrada e Invertebrada, Instrumentos Históricos Científicos, Paleobotânica, Meteoritos e Mineralogia.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://peabody.yale.edu">http://peabody.yale.edu</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/YalePeabodyMuseum/?ref=br_rs/">https://www.facebook.com/YalePeabodyMuseum/?ref=br_rs/</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://vacationidea.com/attractions/yale-peabody-museum-of-natural-history.html">http://vacationidea.com/attractions/yale-peabody-museum-of-natural-history.html</a></p>
<p><b>American Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Nova Iorque)</b></p>	<p>Recolheu, desde a sua fundação em 1869, mais de 33 milhões de espécimes relacionados com o mundo natural e as culturas humanas.</p> <p>Como exposições permanentes, tem: "O Titanossauro", "Oceanos Opulentos" e "O Conservatório das Borboletas".</p> <p>As suas principais coleções são de: Antropologia, Zoologia Vertebrada e Invertebrada, Paleontologia, Ciências Físicas, Astrofísica, Ciências da Terra e Planetárias, Herpetologia, Ictiologia, Mamalogia e Ornitologia.</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.amnh.org/">https://www.amnh.org/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/naturalhistory/">https://www.facebook.com/naturalhistory/</a> 3) <a href="https://www.dicasnewyork.com.br/2014/05/museu-da-historia-natural-em-nova-york.html">https://www.dicasnewyork.com.br/2014/05/museu-da-historia-natural-em-nova-york.html</a></p> <p>E-mail enviado para: 1) <a href="mailto:libref@amnh.org">libref@amnh.org</a></p>

			<p>2) <a href="mailto:expeditions@amnh.org">expeditions@amnh.org</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://media.ruebarue.com/photos/places/4785227343855616/1-american-museum-of-natural-history-dinosaur.jpg">http://media.ruebarue.com/photos/places/4785227343855616/1-american-museum-of-natural-history-dinosaur.jpg</a></p>
<p><b>Metropolitan Museum of Art</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Nova Iorque)</b></p>	<p>Fundado em 1870, apresenta mais de 5.000 anos de arte de todo o mundo. Dividido em três edifícios, sempre aspirou ser mais do que um tesouro de objetos raros e bonitos. Todos os dias, a arte ganha vida nas galerias do Museu, que, através de suas exposições e eventos, revela novas ideias e conexões inesperadas ao longo do tempo e entre culturas.</p> <p>Nas suas coleções constam as seguintes temáticas: "Arte Oriental", "Arte Egípcia", "Escultura europeia e artes decorativas", "Arte Medieval" e "Claustros".</p> <p>Possui, ainda, 14 bibliotecas e arquivos.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.metmuseum.org/">https://www.metmuseum.org/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/metmuseum/">https://www.facebook.com/metmuseum/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:communications@metmuseum.org">communications@metmuseum.org</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.vamosparanovayork.com/wp-content/uploads/2017/01/Metropolitan.jpg">http://www.vamosparanovayork.com/wp-content/uploads/2017/01/Metropolitan.jpg</a></p>
<p><b>Carnegie Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Pittsburgh)</b></p>	<p>Trata-se de uma das grandes instituições culturais financiadas e construídas pelo filantropo Andrew Carnegie, visionando que este exibisse as maravilhas da natureza para todos, desde trabalhadores de fábricas até os membros influentes da sociedade.</p> <p>Abriu ao público em 1895, com coleções que incluíram artefactos do antigo Egito, minerais, taxidermia de vida selvagem exótica e dinossauros.</p> <p>Mantém, preserva e interpreta uma extraordinária coleção de artefactos, objetos e espécimes científicos usados para ampliar a compreensão da evolução, conservação e biodiversidade.</p> <p>Possui como seções científicas: Antropologia, Pássaros, Botânica, Herpetologia, Paleontologia Vertebrada e Invertebrada, Zoologia Invertebrada, Mamíferos, Minerais, Moluscos, Pesquisa de Reservas Naturais e Conservação.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://carnegiemnh.org/">https://carnegiemnh.org/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/carnegiemnh/?hc_ref=ARRVt46OE_XaFgK-9ezlZRJnl0kQ4rlMYwvPG2NiJSF4dcDqeAddaRQnTpxf66Zxcl5Y">https://www.facebook.com/carnegiemnh/?hc_ref=ARRVt46OE_XaFgK-9ezlZRJnl0kQ4rlMYwvPG2NiJSF4dcDqeAddaRQnTpxf66Zxcl5Y</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="https://carnegiemnh.org/contact/">https://carnegiemnh.org/contact/</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/76/Carnegie_Museum_of_Natural_History_as_seen_from_Cathedral_of_Learning.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/76/Carnegie_Museum_of_Natural_History_as_seen_from_Cathedral_of_Learning.jpg</a></p>




<p><b>Santa Barbara Museum of Natural History Sea Center</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Santa Bárbara)</b></p>	<p>Apresenta-nos salões informativos sobre a vida marinha, fósseis e nativos americanos, a natureza e as suas confluências, a História, a Ciência e as artes na Galeria de Arte Maximus. Possui, ainda, uma Biblioteca do Museu, que inclui uma excelente coleção infantil. O <i>Sea Center</i> faz parte da gestão e apresenta experiências interativas e exposições representativas da diversidade da vida oceânica na região de Santa Bárbara, e sobre a forma como esta pode ser protegida, em benefício das futuras gerações. Entre as suas coleções contam-se de: Antropologia, Zoologia Vertebrada e Zoologia Invertebrada.</p>	<p>Endereços página web:  1) <a href="http://www.sbnature.org/">http://www.sbnature.org/</a>  2) <a href="https://www.sbnature.org/about/68.html">https://www.sbnature.org/about/68.html</a>  3) <a href="https://www.facebook.com/sbmnhSeaCenter/">https://www.facebook.com/sbmnhSeaCenter/</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.santabarbaracarfree.org/wp-content/uploads/natural-history-museum-cropped.jpg">https://www.santabarbaracarfree.org/wp-content/uploads/natural-history-museum-cropped.jpg</a></p> <p>E-mail enviado para:</p> <p>1) <a href="mailto:hr@sbnature2.org">hr@sbnature2.org</a>;                      5) <a href="mailto:ts Sheridan@sbnature2.org">ts Sheridan@sbnature2.org</a>  2) <a href="mailto:hchaney@sbnature2.org">hchaney@sbnature2.org</a>;                      6) <a href="mailto:pdahl@sbnature2.org">pdahl@sbnature2.org</a>  3) <a href="mailto:jjohnson@sbnature2.org">jjohnson@sbnature2.org</a>;  4) <a href="mailto:jtimbrook@sbnature2.org">jtimbrook@sbnature2.org</a></p>
<p><b>San Diego Natural History Museum</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (São Diego)</b></p>	<p>Fundada em 1874, a Sociedade de História Natural de São Diego é a instituição científica mais antiga do sul da Califórnia. Em 1917, a Sociedade comprou um edifício onde instalou as suas coleções (resultantes de uma Exposição de Panamá) e uma biblioteca, para criar este Museu. As suas coleções são as seguintes: Pássaros, Mamíferos, Marinhos Invertebrados, Botânica, Entomologia Herpetologia, Mineralogia e Paleontologia.</p>	<p>Endereços página web:  1) <a href="http://www.sdnhm.org/">http://www.sdnhm.org/</a>  2) <a href="https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-q60750-d126987-Reviews-San_Diego_Natural_History_Museum-San_Diego_California.html">https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-q60750-d126987-Reviews-San_Diego_Natural_History_Museum-San_Diego_California.html</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="http://www.mcasd.org/about/contact">http://www.mcasd.org/about/contact</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.balboapark.org/sites/default/files/2017-01/theNAT%20Header.jpg">https://www.balboapark.org/sites/default/files/2017-01/theNAT%20Header.jpg</a></p>
<p><b>California Science Museum</b></p>	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (São Francisco)</b></p>	<p>Criada em 1853, abriu o primeiro museu oficial em 1874. Trata-se de uma instituição científica e educacional e o único lugar do mundo, que alberga concomitantemente, um aquário, um planetário e um Museu de História Natural.</p>	<p>Endereços página web:  1) <a href="https://www.calacademy.org/">https://www.calacademy.org/</a>  2) <a href="http://www.californiamuseum.org/?qclid=Cj0KCCQiAiKrUBRD6ARIsADS2OLkw3KTVA5YW0FCJcONdPezdd9GL_EQamKWruVb erga42MoXiGPQUq4aAikPEALw_wcB">http://www.californiamuseum.org/?qclid=Cj0KCCQiAiKrUBRD6ARIsADS2OLkw3KTVA5YW0FCJcONdPezdd9GL_EQamKWruVb erga42MoXiGPQUq4aAikPEALw_wcB</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:museuminfo@californiamuseum.org">museuminfo@californiamuseum.org</a></p>




			<p>Fotografia:  <a href="https://californiasciencecenter.org/sites/default/files/styles/meta/public/media/image/california-science-center-box-office.jpg?itok=tDYn6LEZ">https://californiasciencecenter.org/sites/default/files/styles/meta/public/media/image/california-science-center-box-office.jpg?itok=tDYn6LEZ</a></p>
<p><b>Sternberg Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Sternberg)</b></p>	<p>A sua história, que começou com o fascínio dos primeiros colonizadores do Kansas, pelos abundantes fósseis e pela vida selvagem da região, deu origem à combinação de dois museus universitários e de um herbário, em 1990. O seu crescimento contínuo levou a que as coleções fossem armazenadas em vários edifícios, a conservação se tornasse inadequada e o controlo ambiental fosse difícil, o que conduziu a que, em 1991, o Museu ocupasse um novo espaço. Atualmente, possui como coleções a Geologia, a Botânica, a Paleobotânica, a Paleontologia e a Zoologia.</p>	<p>Endereços página web:  1) <a href="http://sternberg.fhsu.edu/">http://sternberg.fhsu.edu/</a>  2) <a href="https://www.facebook.com/sternberg.museum/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/sternberg.museum/?ref=br_rs</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.kansastravel.org/sternbergmuseum.htm">http://www.kansastravel.org/sternbergmuseum.htm</a></p>
<p><b>Natural History Museum of Utah</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Utah)</b></p>	<p>Desde 1969, ano da sua abertura ao público, tem acolhido as coleções que foram transferidas dos departamentos universitários da Universidade, acrescidas, através de pesquisa, aquisição e contribuições, para mais de 1,6 milhão de objetos. Solidificou a sua posição como o Museu estadual de História Natural e desenvolveu fortes programas de exposições e educação. Em novembro de 2011, mudou-se para um novo edifício, o <i>Rio Tinto Center</i>, onde permanece atualmente. Das suas coleções fazem parte a Entomologia, a Melacologia, a Mineralogia, a Zoologia Vertebrada, a Paleontologia, a Antropologia e a Botânica.</p>	<p>Endereços página web:  1) <a href="https://nhmu.utah.edu/">https://nhmu.utah.edu/</a>  2) <a href="https://www.facebook.com/naturalhistorymuseumofutah/">https://www.facebook.com/naturalhistorymuseumofutah/</a></p> <p>E-mail enviado para:  <a href="mailto:info@nhmu.utah.edu">info@nhmu.utah.edu</a></p> <p>Fotografia:  <a href="https://nhmu.utah.edu/sites/all/themes/responsive/images/facebook.png">https://nhmu.utah.edu/sites/all/themes/responsive/images/facebook.png</a></p>

<p><b>Smithsonian National Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>E.U.A. (Washington D.C.)</b></p>	<p>Abriu ao público, a 17 de março de 1910, com coleções de arte, cultura, História e História Natural. As suas primeiras coleções incluíram os artefactos e espécimes da Expedição de Exploração dos Estados Unidos (de 1838 a 1842) e as coleções das grandes pesquisas do Oeste Americano, nas décadas de 1850, 1860 e 1870. O Museu tem como principais departamentos: Antropologia, Botânica, Entomologia, Zoologia Invertebrada, Ciências Minerais, Paleobiologia, Anfíbios e Répteis, Pássaros, Peixes e Mamíferos.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://naturalhistory.si.edu/onehundredyears/brief_history.htm">https://naturalhistory.si.edu/onehundredyears/brief_history.htm</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/nmnh.fanpage/">https://www.facebook.com/nmnh.fanpage/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:naturalexperience@si.edu">naturalexperience@si.edu</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://assets0.roadtrippers.com/uploads/poi_gallery_image/image/322393368/-quality_60_-interlace_Plane_-resize_1024x480_U_-gravity_center_-extent_1024x480/poi_gallery_image-image-91820fde-ce83-4f10-9055-4d64ab9d4c00.jpg">https://assets0.roadtrippers.com/uploads/poi_gallery_image/image/322393368/-quality_60_-interlace_Plane_-resize_1024x480_U_-gravity_center_-extent_1024x480/poi_gallery_image-image-91820fde-ce83-4f10-9055-4d64ab9d4c00.jpg</a></p>
<p><b>Royal Tyrrell Museum of Paleontology</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>Canadá (Drumheller)</b></p>	<p>É o único museu do Canadá dedicado, exclusivamente, à ciência da Paleontologia. Além de alojar uma das maiores exposições mundiais de dinossauros, oferece uma grande variedade de programas criativos, divertidos e educacionais que trazem o passado pré-histórico à vida. É composto por exposições como: "Motivos para a Descoberta", "Fundações", "Fósseis em foco", "Jardim Cretáceo", "Paleozóico Terrestre", "Alberta Cretáceo", "O Hall do Dinossauro", "A Idade do Gelo", entre outras. O Museu é operado pelo Governo da Alberta sob o Ministério da Cultura e Turismo.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.tyrrellmuseum.com/about_us.htm">http://www.tyrrellmuseum.com/about_us.htm</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/RoyalTyrrellMuseum/">https://www.facebook.com/RoyalTyrrellMuseum/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:Tyrrell.info@gov.ab.ca">Tyrrell.info@gov.ab.ca</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8e/Royal_Tyrrell_Museum.JPG">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8e/Royal_Tyrrell_Museum.JPG</a></p>



<p><b>Royal Alberta Museum</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>Canadá (Edmonton)</b></p>	<p>Abriu ao público, a 6 de dezembro de 1967, sob o nome original, <i>The Provincial Museum of Alberta</i>. É um dos principais museus de história humana e natural do Canadá e tem como objetivos principais recolher, preservar, pesquisar, interpretar e exibir espécimes e objetos relacionados com o património do povo da Alberta e do meio ambiente natural. Em 2005 foi renomeado como o <i>Royal Alberta Museum</i> em homenagem à rainha Elizabeth II, que visitou Alberta. O seu acervo é composto por estudos culturais como: Arqueologia, Etnologia, Comunidades Culturais, História Militar e Política e História Canadiana de Western. Relativamente às Ciências da Terra o seu acervo é composto por: Geologia, Ambientes Quaternários e Paleontologia Quaternária. Quanto às Ciências da Vida o seu acervo é composto por: Botânica, Ictiologia, Zoologia de invertebrados, Mamíferos e Ornitologia.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.royalalbertamuseum.ca/">https://www.royalalbertamuseum.ca/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/RoyalAlbertaMuseum/">https://www.facebook.com/RoyalAlbertaMuseum/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:info.ram@gov.ab.ca">info.ram@gov.ab.ca</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://royalalbertamuseum.ca/includes/images/homepage/newBuilding.jpg">https://royalalbertamuseum.ca/includes/images/homepage/newBuilding.jpg</a></p>
<p><b>Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>Canadá (Halifax)</b></p>	<p>Em 1993, <i>The Nova Scotia Museum of Science</i> sofreu uma reorganização, nascendo uma única entidade com uma rede de 27 museus, em toda a província, incluindo edifícios históricos e locais históricos, navios e Museus especializados. O <i>Museum of Natural History</i> é, atualmente, responsável pela recolha e gravação de artefactos de importância cultural para Nova Escócia, além de promover a paisagem natural O seu acervo é composto principalmente por coleções de Arqueologia, Etnologia, Mamíferos e Vida Marinha.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://naturalhistory.novascotia.ca/">https://naturalhistory.novascotia.ca/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/mnhnovascotia/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/mnhnovascotia/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:museum@novascotia.ca">museum@novascotia.ca</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://naturalhistory.novascotia.ca/visit-us">https://naturalhistory.novascotia.ca/visit-us</a></p>








<p style="text-align: center;"><b>Redpath Museum</b></p> 	<p style="text-align: center;"><b>América do Norte</b> <b>Canadá (Montreal)</b></p>	<p>Trata-se do edifício mais antigo que, no Canadá foi construído com o propósito de albergar um Museu. Concluído em 1882, originalmente, acolhia as coleções de Sir William Dawson, que pretendia que os seus conteúdos fossem, em primeiro lugar, para os professores e estudantes do Colégio e Universidade e, secundariamente, para todos os estudantes de Ciências Naturais e para o público. Em 1952, veio a tornar-se efetivamente, num Museu de História Natural para estudantes de menores faixas etárias. Atualmente, possui extensas coleções de Paleontologia, Zoologia, Mineralogia e Culturas Mundiais (Etnologia).</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.mcgill.ca/redpath/about/history/">http://www.mcgill.ca/redpath/about/history/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/Mus%C3%A9e-Redpath-Museum-308943939115940/">https://www.facebook.com/Mus%C3%A9e-Redpath-Museum-308943939115940/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:redpath.museum@mcgill.ca">redpath.museum@mcgill.ca</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/76/Redpath_Museum_2012.JPG/1200px-Redpath_Museum_2012.JPG">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/76/Redpath_Museum_2012.JPG/1200px-Redpath_Museum_2012.JPG</a></p>
<p style="text-align: center;"><b>Canadian Fossil Discovery Centre</b></p> 	<p style="text-align: center;"><b>América do Norte</b> <b>Canadá (Morden)</b></p>	<p>Inaugurado, em 1971, enquanto <i>The Morden and District Museum</i>, abriga a maior coleção de vertebrados marinhos no Canadá, o que implica, desde sempre, uma necessidade contínua de expansão e melhoria, desta grande coleção de fósseis.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://discoverfossils.com/about-us/history">http://discoverfossils.com/about-us/history</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/discoverfossils/">https://www.facebook.com/discoverfossils/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:info@discoverfossils.com">info@discoverfossils.com</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://i0.wp.com/cdn.chrisd.ca/wp-content/uploads/2014/08/cfdc.jpg?resize=250%2C236">https://i0.wp.com/cdn.chrisd.ca/wp-content/uploads/2014/08/cfdc.jpg?resize=250%2C236</a></p>
<p style="text-align: center;"><b>Canadian Museum of Nature</b></p> 	<p style="text-align: center;"><b>América do Norte</b> <b>Canadá (Ottawa)</b></p>	<p>Com o nome oficial de Victoria Memorial Museum Building trata-se de um Museu de História Natural com uma coleção que mostra todos os aspetos do cruzamento da humanidade e da natureza. As suas coleções principais, de Botânica, de Mineralogia, de Paleontologia e de Zoologia, foram iniciadas pelo Geological Survey do Canada, em 1856. Em 2010, a sua renovação está concluída e o seu edifício totalmente renovado.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://nature.ca/en/about-us/history-buildings">https://nature.ca/en/about-us/history-buildings</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/CanadianMuseumofNature/">https://www.facebook.com/CanadianMuseumofNature/</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-museu-canadense-do-edif%C3%ADcio-da-natureza-ottawa-canad%C3%A1-image28036330">https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-museu-canadense-do-edif%C3%ADcio-da-natureza-ottawa-canad%C3%A1-image28036330</a></p>




<p><b>Musée Nature Sciences Sherbrooke</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>Canadá (Sherbrooke)</b></p>	<p>Fundado em 2002, localiza-se na construção de uma antiga fábrica de meias de seda e abriga artefactos e espécimes que pertenciam ao <i>Musée du Séminaire de Sherbrooke</i>. Tem, também, uma Biblioteca da Natureza que é uma área única e inovadora onde os utilizadores têm acesso a elementos e aprendem sobre o meio ambiente.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.naturesciences.qc.ca/">http://www.naturesciences.qc.ca/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/naturesciencessherbrooke/">https://www.facebook.com/naturesciencessherbrooke/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:info@naturesciences.qc.ca">info@naturesciences.qc.ca</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.bankofcanadamuseum.ca/2015/01/adventure-exhibit-planning-vii/">https://www.bankofcanadamuseum.ca/2015/01/adventure-exhibit-planning-vii/</a></p>
<p><b>Royal Ontario Museum</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>Canadá (Toronto)</b></p>	<p>Formalmente criado em 1912, este edifício histórico abriu, originariamente, em cinco museus separados (de Arqueologia, de Paleontologia, de Mineralogia, de Zoologia e de Geologia). Em 1955, estes museus foram reorganizados como numa única corporação que, em 1968, se separou da Universidade de Toronto, tornando-se numa entidade governamental autónoma.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.rom.on.ca/en/visit-us">https://www.rom.on.ca/en/visit-us</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/royalontariomuseum/">https://www.facebook.com/royalontariomuseum/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="https://www.rom.on.ca/en/about-us/contact-us">https://www.rom.on.ca/en/about-us/contact-us</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://news.artnet.com/art-world/royal-ontario-museum-racist-exhibition-742205">https://news.artnet.com/art-world/royal-ontario-museum-racist-exhibition-742205</a></p>
<p><b>Beaty Biodiversity Museum</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>Canadá (Vancouver)</b></p>	<p>Abriu ao público em 2010, tendo as suas vastas coleções de História Natural sido colocadas em exposição ao público pela primeira vez. Inspira uma compreensão da biodiversidade, das suas origens e da importância que esta representa para os seres humanos, através da pesquisa, educação e divulgação, baseadas em coleções biológicas de invertebrados marinhos, na coleção de peixes e de fósseis, no herbário e na coleção entomológica.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://beatymuseum.ubc.ca/">http://beatymuseum.ubc.ca/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/BeatyMuseum/">https://www.facebook.com/BeatyMuseum/</a></p> <p>E-mail enviado para: 1) <a href="mailto:etaylor@zoology.ubc.ca">etaylor@zoology.ubc.ca</a> 2) <a href="mailto:yukiko.strangergaley@ubc.ca">yukiko.strangergaley@ubc.ca</a> 3) <a href="mailto:amy.gibson@ubc.ca">amy.gibson@ubc.ca</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://bkl.ca/portfolio_page/post_typeportfolio_pagep18842/">http://bkl.ca/portfolio_page/post_typeportfolio_pagep18842/</a></p>





<p><b>Museo de La Plata</b></p> 	<p><b>América do Sul</b> <b>Argentina (La Plata)</b></p>	<p>Foi criado em 1884, como o primeiro Museu da sua cidade e, atualmente, possui coleções valiosas com cerca de 3 milhões e meio de objetos. Estão organizadas e dispostas em 15 divisões, das áreas de Geologia, Biologia, Zoologia, Paleontologia, Antropologia e Arquivo Histórico.</p> <p>Faz parte da Faculdade de Ciências Naturais da Universidade Nacional de La Plata (Argentina) e está aberto ao público todo o ano, sendo considerado um circuito turístico com importância tanto a nível nacional como internacional.</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.museo.fcnym.unlp.edu.ar/">http://www.museo.fcnym.unlp.edu.ar/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/MuseoLP/">https://www.facebook.com/MuseoLP/</a></p> <p>Fotografia: 1) <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/35/Fachada_Museo_de_la_Plata.JPG/1200px-Fachada_Museo_de_la_Plata.JPG">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/35/Fachada_Museo_de_la_Plata.JPG/1200px-Fachada_Museo_de_la_Plata.JPG</a></p>
<p><b>Museo de Historia Natural</b></p> 	<p><b>América do Norte</b> <b>México (Cidade do México)</b></p>	<p>Inaugurado em 24 de outubro de 1964, a sua administração foi transferida, em junho de 1999, para o Ministério do Ambiente, devido ao seu conteúdo temático.</p> <p>Tendo as primeiras coleções naturalistas mexicanas começaram a ser criadas, em 1571, com as expedições científicas, ordenadas por Felipe II, o Museu mantém uma grande variedade de espécimes, que são agrupados em dois tipos de coleções: a coleção de exposições (taxidermias de diferentes espécies de aves e mamíferos) e a coleção de insetos.</p> <p>Todos os meses, é exposto um objeto, pertencente a uma das suas coleções, para que o visitante possa apreciá-lo melhor e obter mais informações sobre os seus aspetos biológicos, geográficos, históricos ou culturais, bem como sobre as particularidades das espécies que este representa, tornando-o, desta forma, único.</p> <p>Possui, também, uma Biblioteca com os seguintes temas: Ciências Exatas, Ciências Sociais, História, Filosofia, Literatura e principalmente Ciências Naturais. Tem, ainda, trabalhos de referência e uma seção de literatura infantil.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://data.sedema.cdmx.gob.mx/museodehistorianatural/?view=featured">http://data.sedema.cdmx.gob.mx/museodehistorianatural/?view=featured</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/museodehistoria/?f=666382806791007">https://www.facebook.com/museodehistoria/?f=666382806791007</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:comunicacion@myt.org.mx">comunicacion@myt.org.mx</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://steemit-production-imageproxy-upload.s3.amazonaws.com/DQmfAs1VHQSHHm8ZNCurzUji49inr3jjJyDqxmFEDiJEXdj">https://steemit-production-imageproxy-upload.s3.amazonaws.com/DQmfAs1VHQSHHm8ZNCurzUji49inr3jjJyDqxmFEDiJEXdj</a></p>
<p><b>Museo Municipal Argentino Urquiza</b></p>	<p><b>América do Sul</b></p>	<p>Tem um acervo composto por 440 itens catalogados, os quais pertencem, na sua maioria, a dinossauros saurópodes, titanossauros,</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://neuquentur.gob.ar/es/turismo-paleontologico/22735/museo-municipal-argentino-urquiza-rincon-">http://neuquentur.gob.ar/es/turismo-paleontologico/22735/museo-municipal-argentino-urquiza-rincon-</a></p>

	<p><b>Argentina (Neuquén)</b></p>	<p>correspondendo alguns a tartarugas e a crocodilos. Expõe objetos museológicos encontrados na sua região, juntamente com réplicas de outros. O principal exemplar que exhibe é o Titanossauro mais completo do mundo (encontrado até à data), que foi descoberto em 1996. Além deste, também, estão expostos os restos de um espécime <i>Pehuenchesuchus enderi</i>, um crocodilo com um comprimento de 2,5 metros, com uma dentadura estreita e alta.</p>	<p><a href="#">de-los-sauces/</a> 2) <a href="http://www.patagonia.com.ar/Rinc%C3%B3n+de+los+Sauces/790_Museo+Municipal+Argentino+Urquiza.html">http://www.patagonia.com.ar/Rinc%C3%B3n+de+los+Sauces/790_Museo+Municipal+Argentino+Urquiza.html</a> <a href="http://www.munirdls.gov.ar/museo-rdls.php">http://www.munirdls.gov.ar/museo-rdls.php</a>  Fotografia: <a href="http://www.patagonia.com.ar/Rinc%C3%B3n+de+los+Sauces/790_Museo+Municipal+Argentino+Urquiza.html">http://www.patagonia.com.ar/Rinc%C3%B3n+de+los+Sauces/790_Museo+Municipal+Argentino+Urquiza.html</a></p>
<p><b>Museu de História Natural da UFLA</b></p> 	<p><b>América do Sul Brasil (Lavras)</b></p>	<p>Criado em 1998, tem um acervo composto por painéis explicativos (sobre o passado e a vida no planeta), animais taxidermizados, rochas e minerais e diversos itens de Paleontologia, Biologia, Entomologia, Mineralogia e Zoologia. Promove atividades de divulgação e ensino em Ciências, através de exposições e ações de demonstração científica para o público da região de Lavras. Estas atividades abarcam diferentes campos do conhecimento, como Astronomia, Biologia, Física e Química, destacando-se "A ciência vai ao cinema" e "A magia da Física e do Universo".</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.proec.ufla.br/site/setor-de-museus/museu-de-historia-natural-mhn/">http://www.proec.ufla.br/site/setor-de-museus/museu-de-historia-natural-mhn/</a>  Fotografia: <a href="http://www.ufla.br/ascom/2013/05/13/museu-de-historia-natural-participa-da-11a-semana-de-museus-confira-programacao/">http://www.ufla.br/ascom/2013/05/13/museu-de-historia-natural-participa-da-11a-semana-de-museus-confira-programacao/</a></p>
<p><b>Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS</b></p> 	<p><b>América do Sul Brasil (Porto Alegre)</b></p>	<p>Tem como missão gerar, preservar e difundir o conhecimento através das suas exposições e coleções, contribuindo para o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura regional e nacional. Através das suas exposições, pretende despertar a curiosidade e o gosto pelas ciências, convidando o público a participar e a envolver-se em experiências lúdicas e divertidas, aprendendo a brincar. O seu acervo é composto por uma coleção de fósseis, espécimes representativos da biodiversidade e da ocupação humana da Região Sul do Brasil, itens provenientes de escavações arqueológicas de outras regiões do país e do estrangeiro e objetos de pesquisa de mestrandos e doutorandos, oriundos de todas as partes do mundo.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.pucrs.br/mct/">http://www.pucrs.br/mct/</a> 2) <a href="http://www.pucrs.br/mct/colecoes/index.php">http://www.pucrs.br/mct/colecoes/index.php</a>  E-mail enviado para: <a href="mailto:mct@pucrs.br">mct@pucrs.br</a>  Fotografia: <a href="https://www.google.pt/search?q=Museu+de+Ci%C3%A2ncias+e+Tecnologia&amp;source=Inms&amp;tbn=isch&amp;sa=X&amp;ved=0ahUKEwiUp5TV1aXZAhUFPRQKHVmNBFQQ_AUICiqB&amp;biw=1366&amp;bih=637#imgrc=ZvKv6H48Dli6rM:">https://www.google.pt/search?q=Museu+de+Ci%C3%A2ncias+e+Tecnologia&amp;source=Inms&amp;tbn=isch&amp;sa=X&amp;ved=0ahUKEwiUp5TV1aXZAhUFPRQKHVmNBFQQ_AUICiqB&amp;biw=1366&amp;bih=637#imgrc=ZvKv6H48Dli6rM:</a></p>

		<p>Todo o seu acervo científico está informatizado e a sua base de dados está disponibilizada na internet, para facilitar a pesquisa e a procura de informação.</p>	
<p><b>Museu de Zoologia da USP</b></p> 	<p><b>América do Sul</b> <b>Brasil (S. Paulo)</b></p>	<p>Tendo tido início em 1890, quando diversas coleções formaram o Museu Paulista, foi sofrendo alterações ao longo dos anos, que culminaram com a última, ocorrida em 1969, passou a fazer parte da Universidade de São Paulo.</p> <p>Atualmente, tem um dos maiores acervos zoológicos da América Latina e cumpre um papel crucial no desenvolvimento do conhecimento da biodiversidade brasileira e mundial, tendo sido a primeira instituição brasileira a ser reconhecida como fiel depositária pelo Conselho de Gestão do Patrimônio Genético. Possui coleções que perfazem 10 milhões de exemplares, devidamente preservados, guardando testemunhos únicos sobre espécies e ecossistemas, alguns, dos quais já extintos.</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.mz.usp.br/">http://www.mz.usp.br/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/pages/Museu-de-Zoologia-da-Universidade-de-S%C3%A3o-Paulo/1374798826120403?fref=mentions">https://www.facebook.com/pages/Museu-de-Zoologia-da-Universidade-de-S%C3%A3o-Paulo/1374798826120403?fref=mentions</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:mz@edu.usp.br">mz@edu.usp.br</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.imagens.usp.br/wp-content/uploads/2010/02/mz41.jpg">http://www.imagens.usp.br/wp-content/uploads/2010/02/mz41.jpg</a></p>
<p><b>Museu de Arqueologia e Etnologia da USP</b></p> 	<p><b>América do Sul</b> <b>Brasil (S. Paulo)</b></p>	<p>Foi criado em 1989, a partir da desarticulação dos setores de Arqueologia e Etnologia do Museu Paulista, os quais se fundiram com as coleções do Instituto de Pré-História da USP e as do Acervo Plínio Ayrosa.</p> <p>Possui um dos maiores acervos de artefactos arqueológicos e etnográficos do Brasil, composto por mais de 150.000 objetos, que abrange os povos e civilizações do Mediterrâneo e do Médio Oriente (sobretudo do Brasil pré-colonial) incluindo, ainda, objetos relativos às populações africanas e afro-brasileiras de todas as regiões do Brasil.</p> <p>Tem, também, uma vasta biblioteca, que inclui obras raras.</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.vmpbr.mae.usp.br/">http://www.vmpbr.mae.usp.br/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/maeusp/?fref=mentions">https://www.facebook.com/maeusp/?fref=mentions</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:mae@usp.br">mae@usp.br</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.mundoeducare.com.br/wp-content/uploads/2015/09/07-11-e1443649502199.jpg">http://www.mundoeducare.com.br/wp-content/uploads/2015/09/07-11-e1443649502199.jpg</a></p>
<p><b>Shanghai Natural History Museum</b></p>	<p><b>Ásia</b> <b>China (Shanghai)</b></p>	<p>É considerado um dos primeiros museus modernos, tendo sido inaugurado, em 1952, com o objetivo de tentar retratar a "história natural</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://greensavers.sapo.pt/china-novo-museu-de-historia-natural-e-uma-homenagem-a-sustentabilidade-com-fotos/">https://greensavers.sapo.pt/china-novo-museu-de-historia-natural-e-uma-homenagem-a-sustentabilidade-com-fotos/</a></p>

		<p>chinesa e as ideias globais de sustentabilidade de ambientes naturais". Este Museu procura, na verdade, "recriar a paisagem natural chinesa em miniatura", possuindo 11 salas de exposição e mais de 10.000 artefactos de todo o mundo.</p>	<p>2) <a href="http://ciclovivo.com.br/arg-urb/arquitetura/museu-de-historia-natural-de-xangai-e-construido-com-solucoes-sustentaveis/">http://ciclovivo.com.br/arg-urb/arquitetura/museu-de-historia-natural-de-xangai-e-construido-com-solucoes-sustentaveis/</a></p> <p>3) <a href="https://www.klm.com/destinations/br/br/article/the-shanghai-museum-five-thousand-years-of-chinese-history">https://www.klm.com/destinations/br/br/article/the-shanghai-museum-five-thousand-years-of-chinese-history</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://images.adsttc.com/media/images/5537/2524/e58e/ce9c/2900/0192/large_jpg/portada_05_Shanghai_Natural_History_Museum.jpg?1429677339">https://images.adsttc.com/media/images/5537/2524/e58e/ce9c/2900/0192/large_jpg/portada_05_Shanghai_Natural_History_Museum.jpg?1429677339</a></p>
<p><b>The Biblical Museum of Natural History</b></p> 	<p><b>Ásia</b> <b>Israel (Bete-Semes)</b></p>	<p>Fundado em 2014, consiste numa instituição que agrega, ao mesmo tempo, um zoológico, um Museu de História Natural e o Centro Educacional Torah. Neste Museu, é possível verem-se mamíferos, pássaros, répteis, anfíbios e insetos da Escritura. As espécies de maior porte são exibidas como espécimes de taxidermia, enquanto as exposições ao vivo são mantidas para espécies mais pequenas, existindo, também, uma grande quantidade de artefactos biológicos de significado religioso.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="https://www.biblicalnaturalhistory.org/">https://www.biblicalnaturalhistory.org/</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:office@biblicalnaturalhistory.org">office@biblicalnaturalhistory.org</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.biblicalnaturalhistory.org/blog/balfour-rothschild-and-the-ostrich/">https://www.biblicalnaturalhistory.org/blog/balfour-rothschild-and-the-ostrich/</a></p>
<p><b>Natural History Museum</b></p> 	<p><b>Ásia</b> <b>Nepal (Kathmandu)</b></p>	<p>Tendo sido criado em 1975, recolheu, desde essa altura, 50.000 exemplares de flora e fauna do Nepal.</p> <p>O primeiro colecionador de plantas no Nepal foi Sir Buchanan Hamilton (residente britânico na Índia), que descobriu cerca de 27 espécies, muitas delas já extintas.</p> <p>Tem como principais objetivos: recolher e preservar espécimes naturais florais, faunísticos, geológicos e outros de diferentes partes do Nepal; estudar e pesquisar ou providenciar recursos naturais e ecológicos, no meio ambiente do Nepal; consciencializar os cidadãos do Nepal para a necessidade de preservação, de conservação e do uso sustentável dos recursos naturais.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.nhmnepal.edu.np/">http://www.nhmnepal.edu.np/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/nhmnepal/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/nhmnepal/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="http://www.nhmnepal.edu.np/index.php/contact-us.html">http://www.nhmnepal.edu.np/index.php/contact-us.html</a></p> <p>Fotografia: <a href="https://www.travelblog.org/Photos/7215022">https://www.travelblog.org/Photos/7215022</a></p>

<p><b>Museu do Dundo</b></p> 	<p><b>África</b> <b>Angola (Dundo)</b></p>	<p>Foi criado em 1936, pela então dominada Companhia de Diamantes de Angola / Diamang, tratando-se de um dos maiores museus de Angola. Em 1942, adotou a designação de Museu Etnológico e congrega áreas de Etnografia, História Natural, Arqueologia e Paleontologia.</p>	<p>Fontes Bibliográficas: 1) Jorge, 1943, pp.39-57 2) Porto, Nuno, 2009</p> <p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.welcometoangola.co.ao/dundo&amp;ctd=37">http://www.welcometoangola.co.ao/dundo&amp;ctd=37</a> 2) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://cdn2.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/files/highlight/2015/7/35/0.b3d6861c-2321-4fc1-8785-bc69b7b95030.jpg">http://cdn2.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/files/highlight/2015/7/35/0.b3d6861c-2321-4fc1-8785-bc69b7b95030.jpg</a></p>
<p>Eromanga Natural History Museum</p> 	<p><b>Oceânia</b> <b>Austrália (Eromanga)</b></p>	<p>Foi criado, em 2008, com o propósito de preservar e proteger os fósseis de titanossauro, datados de 95 a 98 milhões de anos e que foram descobertos em 2004, para que estes não desapareçam e permaneçam disponíveis para futuras pesquisas, fornecendo assim uma visão fiel dos climas e ecossistemas do passado. Tem como objetivos descobrir, preservar e exibir a herança dos dinossauros, da megafauna e dos fósseis do <i>Outback Australia</i>, enquanto património cultural e história natural, no seu ambiente nativo, para a educação e deleite da comunidade.</p>	<p>Endereços página web: 1) <a href="http://www.enhm.com.au/">http://www.enhm.com.au/</a> 2) <a href="https://www.facebook.com/EromangaNaturalHistoryMuseum/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/EromangaNaturalHistoryMuseum/?ref=br_rs</a></p> <p>E-mail enviado para: <a href="mailto:info@enhm.com.au">info@enhm.com.au</a></p> <p>Fotografia: <a href="http://www.abc.net.au/news/2015-07-06/eromanga-natural-history-museum/6599160">http://www.abc.net.au/news/2015-07-06/eromanga-natural-history-museum/6599160</a></p>

**Tabela 6: Museus com coleções de História Natural Estrangeiros**



## **Apêndice II – Questionários para os Museus com coleções de História Natural e Etnográficas Estrangeiros**

Estimados Sres.

Actualmente me encuentro a realizar una disertación de maestría en Museología, “El diálogo entre las colecciones etnográficas y las documentales (Museo de la Ciencia y Biblioteca del Departamento de Ciencias de la Vida): propuesta de exposición y divulgación”, en la que abordo e incido en el estudio de varias vertientes de Museología, con destaque para una colección de objetos africanos existente en el Museo de la Ciencia de la Universidad de Coimbra.

Una vez que mi objeto de estudio es un museo de Historia Natural y Etnográfica, y para enriquecer el contenido de mi tesis, me gustaría conocer vuestra disponibilidad para responder a un conjunto de cuestiones sobre el tratamiento de las colecciones de vuestro museo, así como la forma en que se hace la divulgación de las mismas. Para el caso de vuestra respuesta ser positiva, envío un cuestionario, adjunto.

Gracias por la atención dispensada, me suscribo atentamente,  
Carolina Machado Costa

### **Cuestionario integrado en una disseración en Museología para la Facultad de Letras de la Universidad de Coimbra**

1. ¿En qué fecha se creó el Museo?
2. ¿Las colecciones existentes en el Museo han sido sometidas a cambios a lo largo del tiempo? ¿Si es así, cómo se produjeron? ¿Cuáles eran los objetos y la tipología de las colecciones existentes con ocasión de la apertura del Museo al público?

3. ¿Cuál fue el criterio elegido para la organización y disposición de las diversas colecciones presentes en el Museo y cuáles son los tipos de colecciones que actualmente contiene?
4. ¿En cuanto al mantenimiento y renovación de colecciones en el Museo, cuáles son los criterios para proceder a la adquisición de nuevos objetos?
5. ¿Cómo se hace la divulgación y la comunicación de iniciativas y exposiciones del Museo al público? ¿Hay procedimientos-regla adoptados por el Museo en la realización de exposiciones?
6. ¿Cuáles son las dificultades a que se enfrentan más a menudo, tanto en el almacenamiento de objetos, incluso en la propia Reserva, o en la disposición de las colecciones en exposiciones?
7. ¿Cuáles son los tipos de visitantes más frecuentes del Museo y las colecciones / objetos que les ocasionan despertar más interés? ¿Qué tipo de reacciones se pretende que el Museo despierte en el público?
8. ¿Existe en el Museo un Núcleo Bibliográfico? ¿Si es así, contiene este libro antiguo?
9. ¿En vuestra perspectiva, los objetos y los libros, en contexto de exposición, siempre están intencionalmente dispuestos de modo que haya un diálogo entre sí? ¿Si no siempre, en qué ocasiones?
10. ¿En su opinión, cuál es la misión y el papel que las colecciones y los objetos deben indudablemente tener en una exposición?



Dear Sirs,

At this moment, I am writing a Museology Master Thesis, "The dialogue between the ethnographic collections of the Museum of Science and those of the Library of the Department of Life Sciences: a proposal of exhibition and divulgation", in which I study and talk about the various components of Museology, with a special attention to the study of an African Art Collection. Being the studied collections a part of the Museum of Natural and Ethnographic History as Museu da Ciência, and with the aim to enrich the contents of my Master's Thesis, I will appreciate if you answer a questionnaire about the collection management in the Museum. In case your answer is positive, you can find the questionnaire in attachment.

Thank you for your attention,

Yours faithfully,

Carolina Machado Costa

**Questionnaire inserted in a Master Thesis in Museology for Faculdade de Letras in Coimbra**

1. When was the Museum created?
2. Did the current collections in the Museum suffered transformations across the time? If so, how did these transformations occur? Which objects were displayed in the day the Museum opened to the public and what was the typology of the collections?
3. Which method was chosen for the organization and displaying of the diverse collections in the Museum and what is the type of the collections that it has nowadays?

4. Considering the preservation and renovation of the Museum Collections, which are the standards that guide the new acquisition of objects for the Museum?
5. How is the divulgation and communication of initiatives and expositions made? Is there any pre-established list of rules adopted by the Museum during the displays?
6. Which difficulties do you most frequently face in the storage of the objects, including in its own Reserve, and the displaying of collections in expositions?
7. Who are the most frequent visitors of the Museum and what are the collections/objects that they reveal more interest for? What kind of reactions does the Museum want to obtain from the public?
8. Is there any Bibliographic Nucleus in the Museum? If so, does it contain any Old Book?
9. In your perspective, are the objects and the books, in a display context, always intentionally displayed in a way to build a dialogue between them? If not always, in which occasion?
10. In your opinion, what is the aim and the role that collections and objects should have, without a doubt, during a display?

Chers Messieurs,

J'annonce par la présente que je suis en train de mener une thèse de maîtrise en Muséologie, "Le dialogue entre les collections ethnographiques et les documentaires (Musée des Sciences et Bibliothèque du Département des Sciences de la Vie): proposition d'exposition et de diffusion", dans lequel j'approche et étudie les différents aspects de la muséologie, mettant en évidence une collection d'objets africains dans le Musée des Sciences de l'Université de Coimbra.

Puisque mon objet d'étude est un Musée d'Histoire Naturelle et Ethnographique et afin d'enrichir le contenu de ma thèse, j'aimerais connaître votre disponibilité pour répondre à une série de questions sur le traitement des collections de votre musée, ainsi que la façon dont la divulgation est faite. Au cas où votre réponse est positive, j'envoie un questionnaire, ci-joint.

Merci pour votre attention,

Carolina Machado Costa

### **Questionnaire intégré dans une Dissertation de Museologie pour la Faculté des Lettres de l'Université de Coimbra**

1. Quand le musée a-t-il été créé?
2. Les collections existantes du Musée ont-elles été modifiées au fil du temps? Si oui, comment cela s'est-il produit? Quels étaient les objets et la typologie des collections existantes, lorsque le musée a été ouvert au public?
3. Quel est le critère choisi pour l'organisation et la disposition des différentes collections présentes au Musée et quels types de collections il contient actuellement?

4. En ce qui concerne l'entretien et la rénovation des collections du Musée, quels sont les critères d'acquisition de nouveaux objets?

5. Comment les initiatives et les expositions du Musée sont-elles communiquées et divulguées au public? Est-ce qu'il y a des règles de procédure adoptées par le Musée pour organiser des expositions?

6. Quelles sont les difficultés auxquelles vous êtes le plus souvent confronté, que ce soit dans le stockage d'objets, y compris dans la Réserve elle-même, ou dans la disposition des collections dans les expositions?

7. Quels sont les types de visiteurs les plus fréquents au Musée et les collections / objets qui les intéressent plus? Quel genre de réactions voulez-vous que le Musée suscite dans le public?

8. Est-ce qu'il y a un noyau bibliographique dans le musée? Si oui, cela contient-il des livres anciens?

9. Dans votre perspective, dans le contexte de l'exposition, les objets et les livres sont toujours intentionnellement disposés de sorte qu'il y ait un dialogue entre eux? Si ce n'est pas toujours, à quelles occasions?

10. À votre avis, quelle est la mission et le rôle que les collections et les objets doivent incontestablement avoir dans une exposition?

**Apêndice III – Questionários para os Museus com coleções de História Natural e Etnográficas Nacionais**

Exs. Srs.

Venho, por este meio, informar que me encontro, atualmente, a realizar uma dissertação de mestrado em Museologia, "O diálogo entre as coleções etnográficas e documentais (Museu da Ciência e Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida): proposta de exposição e divulgação", na qual abordo e incido no estudo de várias vertentes de Museologia, com destaque para uma coleção de objetos africanos existente no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

Uma vez que o meu objeto de estudo é um Museu de História Natural e Etnográfico, e por forma a enriquecer o conteúdo da minha dissertação, gostaria de conhecer a vossa disponibilidade para responder a um conjunto de questões sobre o tratamento das coleções do vosso Museu, assim como a forma como é feita a divulgação das mesmas. Para o caso da vossa resposta ser positiva, envio um questionário, em anexo.

Grata pela atenção dispensada, subscrevo-me atenciosamente,  
Carolina Machado Costa

**Questionário integrado numa dissertação em Museologia para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**

1. Em que data foi criado o Museu?
2. As coleções existentes no Museu foram sujeitas a alterações ao longo do tempo? Se sim, de que modo é que estas ocorreram? Quais eram os objetos e a tipologia das coleções existentes por ocasião da abertura do Museu ao público?

3. Qual foi o critério escolhido para a organização e disposição das diversas coleções presentes no Museu e quais são os tipos de coleções que este, atualmente, contém?
4. Relativamente à manutenção e renovação de coleções no Museu, quais são os critérios para se proceder à aquisição de novos objetos?
5. Como é feita a divulgação e a comunicação de iniciativas e exposições do Museu ao público? Há procedimentos-regra adotados pelo Museu na realização de exposições?
6. Quais são as dificuldades com que se deparam mais frequentemente, quer no armazenamento de objetos, incluindo na própria Reserva, quer na disposição das coleções em exposições?
7. Qual o tipo de visitante mais frequente do Museu e quais são as coleções/objetos que costumam despertar mais interesse? Que tipo de reações se pretende que o Museu desperte no público?
8. Existe no Museu algum Núcleo Bibliográfico? Se sim, este contém algum Livro Antigo?
9. Na vossa perspetiva, os objetos e os livros, em contexto de exposição, são sempre intencionalmente dispostos de modo a que exista um diálogo entre eles? Se isto não se verifica sempre, em que ocasiões é que acontece?
10. Na vossa opinião, qual é a missão e o papel que as coleções e os objetos devem, indubitavelmente, ter numa exposição?








## Apêndice IV – Objetos Etnográficos de Ritual do MCUC, do estudo de caso






MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (OBJETOS ETNOGRÁFICOS DE RITUAL)			
NOME/ Nº DE INVENTÁRIO	FOTOGRAFIA	DESCRIÇÃO	FUNÇÃO/USO
<b>Mikana</b> (ANT.2010.2.5)		Pequena escultura em madeira, estilizada, representando três figuras em fila indiana com os braços apoiados nos ombros, sobre uma base retangular. Elemento integrante dos cestos de adivinhação Cokwe, usado pelo Ngombo e representa que o consulente corre perigo onde está e deve mudar a sua residência.	Ritual/adivinhação  Numa sessão de adivinhação, quando sai com a figura "Nfa" (ou caminho), vaticina o mal apanhado em viagem ou proveniente de coisas que se transportou. Quando sai com a figura "Upite" (riqueza), significa bom prestígio. Lembra sempre ao viajante que deve respeito aos ídolos que encontrar no seu caminho e que só se pode abordar o feiticeiro quando este estiver longe da povoação (Areia, 1985, pp.221-224).
<b>Tambor de fenda</b> (ANT.D.79.5.32)		Em madeira escura, em forma de barco, com uma fenda escavada longitudinalmente no topo superior e no inferior um rebordo ondulado. Numa das faces, está decorado com motivos geométricos incisos, com um intervalo no meio, onde se encontra um furo que dá passagem a um cordão que suspende um pequeno percutor cilíndrico de madeira.	Ritual/adivinhação  Miniatura de tambor de fenda de adivinho
<b>Kabomdo ya Nbomdo, Cesto</b> (ANT.77.36.97)		Cesto exterior em fibras vegetais, com tampa de encaixar por fora.	Ritual/adivinhação  Cesto onde se guardam os materiais de adivinhação.
<b>Cesto de adivinhação, Ngombé</b> (ANT.D.84.1.895)		Cesto tronco-cônico, tecido em fibra vegetal, em técnica de espiral cosida, decorado com um motivo floral enlaçado. Contém quarenta e cinco elementos no interior: sementes; concha; um disco em pele com três cauris cosidos; dois conjuntos de duas argolas encadeadas; chifres; ossos; um elemento esférico coberto com um tecido; uma chave; dois cordões de fibras enroladas com elementos em madeira	Ritual/adivinhação  Cesto de adivinhação





		presos; um cinto em fibras entrançadas com uma garra presa; uma miniatura de tambor de fenda; dois pequenos embrulhos (de pele de cobra e em tecido); entre outros.	
<b>Cesto de adivinhação, Ngombé (ANT. Ang. 1.187)</b>		Redondo, em forma de calote esférica abatida, com rebordo circular saliente, tecido com fibras vegetais entrelaçadas, em técnica de rolos cosidos em espiral. Contém no interior uma pele e múltiplos objetos, "tupele", em madeira e chifre.	Ritual/adivinhação Cesto de adivinhação
<b>Escultura Ovimbundu (ANT. Ang. 1.125)</b>		Travessa de cadeira em madeira representando quatro figuras humanas esculpidas em relevo, duas de cada lado, sentadas e ajoelhadas numa cena de adivinhação, uma delas segurando um cesto de adivinhação.	Ritual/adivinhação Funante dos oratórios songos de Monamquimbundu
<b>Banco (ANT. Ang. 909)</b>		Cariátide, em madeira castanha clara, avermelhada, apoiada num soco circular. O pé representa uma figura feminina com joelhos fletidos, braços espadaçados com as mãos sobre o ventre e pés exagerados virados para dentro. Face com olhos amendoados, nariz e boca esculpidos. Olhos e boca com contorno pirogravado. Orelhas salientes, com brincos tubulares em bambu. Penteado formado por dois glóbulos, preenchidos com desenhos geométricos incisos e pirogravados. Tatuagens faciais, abdominais e na região lombar, com representação do sexo. Sustenta à cabeça uma espécie de disco que serve de assento, ligeiramente côncavo. Uma tira de tecido axadrezado, dobrada, amarrada à cintura, cobre a zona púbica e, uma outra, em tecido castanho, presa no mesmo cordel de tecido às costas.	Ritual Banco de feiticeiro
<b>Banco/altar (ANT. 80.34.272)</b>		Em madeira, monobloco, com base e topo circulares, tronco cilíndrico decorado com motivos losangulares abertos. Três asas semi-lunares decoram o conjunto. No topo um prato de cerâmica branca debruado a dourado (Arabia, Suomi, Finlândia), com duas contas apipadas de quartzo vermelho, facetadas e perfuradas longitudinalmente e uma lâmina de ferro desencabada, com espigão.	Mágico-religiosa Banco para rezar aos deuses pedindo que lhes conceda força, fertilidade e riqueza. O prato branco significa "phemba", representando a ligação direta com os antepassados; as duas contas vermelhas simbolizam "mukundu", força e energia; a lâmina de



			enxada representa a agricultura relacionada com as boas colheitas. Normalmente é o sobrinho do chefe que entra em contacto com as forças da natureza.
<b>Enxada de curandeiro</b> (ANT.79.65.14)		Cabo de madeira, de secções quadrangular e cilíndrica. Num dos lados da secção quadrangular, apresenta motivos decorativos triangulares incisos, e na outra face, quatro máscaras e motivos retangulares concêntricos. No topo, estão esculpido motivos ondulados e uma figura antropomorfa. Lâmina de ferro, encabada perpendicularmente ao cabo, no cabeçote em forma cónica truncado.	Mágico-religioso  Utilizada pelo curandeiro.
<b>Enxota-moscas</b> (ANT. D.84.1.859)		Cabo em chifre, revestido com tecidos e enrolamentos de missangas coloridas, terminando num anel de conchas cauri que prende um conjunto farto de pêlos de cauda de boi.	Ritual  Amuleto preservativo de malefícios, usado, também, para dançar.
<b>Kwanza, barco</b> (ANT.D.84.1.814)		Miniatura de uma embarcação ou piroga em madeira leve, monobloco, escavada no centro, de paredes arredondadas, com as extremidades em bico. No interior contém soltos uma machadinha pequena (com lâmina metálica) e um braço.	Mágico-religiosa  Hamba que evoca os espíritos kwanza representando o "mal ou doença trazida pela piroga", ou seja, as doenças trazidas de longe e, em particular, aquelas que foram trazidas pelos europeus.
<b>Escultura de Angola</b> (ANT.Ang.1.050)		Em madeira, assente sobre uma peanha, com dois relicários circulares, um no ventre e o outro no dorso. A peanha e o relicário da frente estão partidos.	Mágico-religiosa
<b>Nambo ou Ngonji ya yanga, Colar</b> (ANT.Ang.1.185)		Colar formado por um aro de ferro, em arco, com vários objetos pendurados na metade inferior e ao centro, um relicário com espelho e uma campainha, ladeado por três pequenos saquinhos, dos quais um tem um pequeno penacho e uma campainha.	Mágico/religioso  Adorno/ enfeite utilizado para a iniciação de caçadores.

<p><b>Chifre</b> (ANT.D.84.1.853)</p>		<p>Pontiagudo e retorcido na extremidade oposta ao bico, oco, com uma tira em pele animal cosida em duas voltas.</p>	<p>Mágico/religioso</p>
<p><b>Palha enrolada</b> (ANT.D.84.1.854)</p>		<p>Enrolamento de materiais vegetais múltiplos, com o exterior composto por tiras retangulares compridas, presas por várias tiras vegetais mais finas enroladas à volta. Topos enresinados. Pode conter medicamentos mágicos.</p>	<p>Mágico-religiosa Descrito como " Palha enrolada com medicamentos mágicos".</p>
<p><b>Recipiente</b> (ANT.D.84.1.862)</p>		<p>Ponta de chifre retorcido, escuro, com elementos não identificados no interior. Pode conter medicamentos mágicos.</p>	<p>Mágico-religiosa Recipiente para conter remédios mágicos.</p>
<p><b>Recipiente</b> (ANT.D.84.1.864)</p>		<p>Ponta de chifre escuro, retorcido.</p>	<p>Mágico-religioso</p>
<p><b>Chifres ocos</b> (ANT.77.36.103)</p>		<p>Dois pequenos chifres ocos, afiados numa das pontas, provavelmente para conter remédios. O conjunto está unido por um cordão de algodão enrolado em várias voltas em torno dos corpos. Nos topos dos chifres estão inseridas penas castanhas e pretas.</p>	<p>Mágico-religioso</p>
<p><b>Escultura/funante</b> (ANT. D.79.5.21)</p>		<p>Figura em madeira castanha avermelhada, representando um comerciante montado num boi-cavalo sobre um soco, com casaca e pernas desproporcionadas. O soco está ornado na parte anterior com uma pequena máscara "Cihongo" em alto-relevo. Na parte lateral direita, uma figura feminina; na parte oposta, uma ave; na parte de trás, a reprodução de dois tambores direitos. A parte inferior apresenta desenhos geométricos incisos. Pátina de uso.</p>	<p>Amuleto Usado para garantir o sucesso do comércio com os brancos.</p>
<p><b>Cruzeta</b> (ANT.81.8.1)</p>		<p>Em cobre (muambo), também designada por "aspa de cobre, cruz de Sto André, cruz do Katanga, cruzeta da Lunda ou cruz grega", com quatro braços espatulados em forma de X, os verticais mais alongados, com os ângulos dos vértices ligeiramente arredondados.</p>	<p>Comércio Utilizada em África como dinheiro para trocas comerciais.</p>

<p><b>Nkisi Yombé</b> (ANT.Ang.1.048)</p>		<p>Figura masculina em madeira, disposta de pé, com relicários na cabeça e no tronco. Olhos com incrustações de espelhos. Diversas cargas mágicas no pescoço e nas costas, designadas por "bilongo", para ativarem funções terapêuticas e os efeitos do ritual, afugentando os maus espíritos. Mãos apoiadas sobre o ventre, em forma cônica truncada.</p>	<p>Mágico-religioso</p>
<p><b>Reque-reque</b> (ANT.80.34.115)</p>		<p>De seção retangular, fendida longitudinalmente, em palmeira ráfia, escavada no interior, com múltiplas ranhuras entalhadas em dois espaços desiguais. É tangido por fricção de uma vareta de madeira, com uma unha ou um pequeno chifre de antílope, produzindo um som rascante.</p>	<p>Ritual</p> <p>Utilizado no contexto de várias formações instrumentais ou em rituais de caça.</p>
<p><b>Nkisi Kozo</b> (ANT. Ang. 1.056)</p>		<p>Madeira, representando um cão "Kozo", de pé, com um relicário de espelho escavado no dorso, cauda enrolada, orelhas arrebitadas, boca aberta, língua descaída e dentes afiados esculpidos em V, com os beiços muito abertos. Olhar fixo com incrustações de espelho.</p>	<p>Mágico-religioso</p> <p>Ritual</p>
<p><b>Nkisi Kozo</b> (ANT. Ang. 1.054)</p>		<p>Em madeira, representando um cão "Kozo ou kosso", de pé, com um relicário de espelho escavado no dorso, três lâminas cravadas junto ao pescoço, cauda enrolada, orelhas arrebitadas, boca aberta. Olhar fixo com incrustações de espelho. De um colar ao pescoço preso por uma corda de fibras vegetais estão suspensos um relicário ao centro, um pequeno saco de tecido coberto de vermelho e um tubo de bambu. Preso à cauda e ao dorso um rolo de tecido em fibras vegetais com "bilongo".</p>	<p>Mágico-religioso</p> <p>Ritual</p>
<p><b>Dístico de casamento</b> (ANT. D. 84.1.433)</p>		<p>Em madeira, retangular, com cinco molduras de diferentes dimensões esculpidas em alto-relevo, divididas por barras verticais, pintadas com caulino branco. Da esquerda para a direita representam: dois frisos duplos em cruz interpretando as famílias dos noivos; a mãe do noivo, noivo com a cabeça virada para trás e braço esquerdo estendido, tio materno com chapéu e, uma pequena caixa "Bingu", feitiço protetor da família; dois</p>	<p>Simbólica</p> <p>Dístico de casamento concretizado. História gravada em alto-relevo, "São os filhos que casam e não os pais" (descrição detalhada de Vaz, J. M., 1970, vol. 1).</p>

		semicírculos diametralmente opostos aludindo aos cercados de cada família; mãe da noiva com braço direito estendido e noiva com as mãos à cabeça; uma barra dupla em diagonal em representação da família do noivo e noivo e família da noiva com a respetiva noiva.	
<b>Nkombé</b> (ANT. Moç. 212)		Duas colheres de madeira, ligadas por uma cadeia, também de madeira, tudo feito de uma só peça. A concha das colheres tem a forma elíptica, funda e levemente curva, com os bordos enegrecidos pelo fogo. O cabo, roliço, termina numa argola também enegrecida pelo fogo. A cadeia é formada por quatro anéis retangulares pirogravados.	Alimentar; Culinária; Casamento.
<b>Machadinha</b> (ANT.80.34.115)		Cabo de madeira cilíndrico revestido de fio de latão. Lâmina de ferro semi-lunar com espigão de forma retangular.	Venda ou oferta aos europeus.
<b>Punhal</b> (ANT. Moç. 746)		Cabo de madeira clara, com lâmina de ferro lanceolada. Bainha feita de duas peças de madeira escura, com uma saliência perfurada horizontalmente, coberta por um pedaço de couro.	Guerra
<b>Cálice</b> (ANT. Moç. 294)		Em madeira, monobloco. Base ovalóide, de perímetro irregular, contornado por um friso de motivos lineares entrecruzados. A haste é composta por uma placa trapezoidal, alta e estreita, entre paralelepípedos e um elemento tronco-cónico. O elemento central, vazado, é contornado lateralmente por friso de aspás. A copa, bojuda e de remate em estrangulamento, está decorada com cinco motivos retangulares, a claro, sob um friso idêntico ao da base.	Culto

**Tabela 7: Objetos Etnográficos de Ritual do MCUC, do estudo de caso**

Fonte: <http://museudaciencia.inwebonline.net/guiada.aspx>

## Apêndice V – Objetos Etnográficos do IICT/MUHNAC, do estudo de caso

IICT / MUHNAC	
Nº de inventário	A-6011/066
Data	Século XX
Origem	Angola
Título/denominação	Azagaia
Descrição	Azagaia ou lança de Cuanhamas composta por cabo e ponta com elementos em ferro e pêlo. O cabo é em ferro, comprido e fino e encontra-se revestido com pêlo, exceto na extremidade distal. A ponta é foliforme e encaixa no cabo.
Categorias	Etnologia/ Armas
Funções/usos	Arma, possivelmente, usada em contexto de caça.
Incorporações	Adquirido pelo IICT em 1978, a um colecionador privado.
Materiais	Ferro e pêlo
Medidas	98 cm (comprimento); 270 g (peso)



**Figura 76: Azagaia**

**Fonte: IICT/MUHNAC A-6011/066**

IICT/ MUHNAC	
Nº de inventário	A-6011/063
Data	Século XX
Origem	Angola
Título/denominação	Espingarda
Descrição	Espingarda em madeira, dita "Lazarina", de seção retangular, constituída por três elementos talhados na mesma peça, coronha, cano e gatilho. A coronha é de formato semi-elipsoidal e encontra-se revestida por tiras de pêlo. O cano, de formato cilíndrico é simples, mais estreito na extremidade distal e, também, possui zonas revestidas com pêlo (troféu de caça). No início do cano, encontra-se o gatilho, em metal, em forma de arco. A alça é em pele.

Categorias	Etnologia/ Armas
Funções/usos	Arma, possivelmente, usada em contexto de caça.
Incorporações	Adquirido pelo IICT em 1978, a um colecionador privado.
Materiais	Madeira, pêlo e metal
Medidas	138 cm (comprimento); 3250 g (peso)



**Figura 77: Espingarda**  
**Fonte: IICT/MUHNAC A-6011/063**

IICT / MUHNAC	
Nº de inventário	A-6012/224
Data	Século XX
Origem	Angola
Título/denominação	Punhal
Descrição	Punhal com lâmina em ferro e punho e bainha em madeira. A lâmina apresenta perfil em "V", possui uma nervura central em ambas as faces e é aguçada na ponta. O punho, de seção sub-retangular apresenta, na face superior, uma forma antropomórfica e decoração geométrica. A face inferior exhibe, também, decoração geométrica. A bainha do punhal continua a figura do punho e termina numa zona triangular. Ambas as faces possuem decoração geométrica. A face inferior apresenta, na extremidade distal, uma argola metálica que se encontra encaixada num ressalto de madeira do próprio objeto. A seção é sub-retangular.
Categorias	Etnologia/ Armas
Funções/usos	Arma
Incorporações	Adquirido pelo IICT em 1978, a um colecionador privado.
Materiais	Madeira e ferro
Medidas	32,5 cm (comprimento); 110 g (peso)



**Figura 78: Punhal**

**Fonte: ICT/MUHNAC A-6012/224**

ICT / MUHNAC	
Nº de inventário	A-6012/223
Data	Século XX
Origem	Angola
Título/denominação	Faca
Descrição	Faca com lâmina em ferro, punho em madeira e bainha em couro. A lâmina é lisa, foliforme e é aguçada na ponta. O punho, de seção circular, encontra-se decorado com linhas verticais. É seguido por uma linha circular e, na zona junto à lâmina encontra-se revestido por uma banda de couro. O topo exibe um orifício de onde sai um elemento metálico. A face superior da bainha da faca, de formato em "V", encontra-se decorada com motivos geométricos. A face inferior apresenta vestígios da união da tira de couro e possui, na extremidade distal uma presilha para suspensão.
Categorias	Etnologia/ Armas
Funções/usos	Arma
Incorporações	Adquirido pelo ICT em 1978, a um colecionador privado.
Materiais	Madeira, ferro e couro
Medidas	32 cm (comprimento); 150 g (peso)



**Figura 79: Faca**

**Fonte: ICT/MUHNAC A-6012/223**

---

**IICT / MUHNAC**

---

Nº de inventário	A-620-222
Data	Século XX
Origem	Angola
Título/denominação	Machado
Descrição	Machado Quioco constituído por lâmina de ferro, de forma sub-triangular e cabo em madeira, cilíndrico. A lâmina apresenta decoração geométrica. O cabo possui quatro orifícios na extremidade proximal. A extremidade distal está decorada com círculos, apresenta tachas de ferro, fio de cobre enrolado e pêlo e um orifício de corte retangular, no qual se encontra introduzida a lâmina.
Categorias	Etnologia/ Caça
Funções/usos	Caça
Incorporações	Adquirido pelo IICT em 1978, a um colecionador privado
Materiais	Madeira, pele, pêlo e ferro
Medidas	33,4 cm (comprimento); 250 g (peso)

---



**Figura 80: Machado**  
**Fonte: IICT/MUHNAC A-620-222**

---

**IICT / MUHNAC**

---

Nº de inventário	G-609/031
Data	Século XX, 1946
Origem	Guiné, Arquipélago dos Bijagós, Ilha de Bubaque
Título/denominação	Colher espátula
Descrição	

---



	Colher-espátula em madeira, com figura feminina esculpida no cabo. A representação feminina apresenta saia curta de fibra vegetal, seios descobertos e incisões geométricas na zona da barriga. As mãos posicionam-se ao centro a segurar uma travessa.
Categorias	Etnologia/ Objetos de Uso Ritual
Funções/usos	Uso ritual, sendo este tipo de colheres utilizado pelas mulheres na preparação de comidas cerimoniais e em rituais religiosos, nomeadamente no ritual de iniciação designado por <i>Fanado</i> (Galhano, 1971). A peça tem a seguinte indicação: "Espátula dos indígenas Bijagós para misturar óleo de palma com o arroz depois de preparado (só cozido com água e sal). A parte côva é para provar".
Incorporações	
Materiais	Madeira
Medidas	70 cm (comprimento); 180 g (peso)
Recolha etnográfica	Peça recolhida no âmbito da 1.ª campanha da Missão Antropológica e Etnológica da Guiné, dirigida por Amílcar de Magalhães Mateus.



**Figura 81: Colher espátula**  
**Fonte: ICT/MUHNAC G-609/031**

ICT / MUHNAC	
Nº de inventário	MAM-607/005
Data	Século XX, 1936
Origem	Moçambique, Província da Zambézia
Título/denominação	Cabaça

Descrição	Cabaça troncocónica com 7 pulseiras enfiadas no colo. Uma das pulseiras é de marfim, uma de cobre, uma de latão, três de arame liso e uma de arame torcido.
Categorias	Etnologia/ Objetos de Uso Ritual
Funções/usos	Uso ritual: acessórios e correlacionados
Incorporações	Material que terá sido recolhido/adquirido (?) durante as campanhas da Missão Antropológica de Moçambique (1936-1956), na Província da Zambézia.
Materiais	Cabaça, pele, madeira, marfim, cobre, latão e arame
Medidas	16,5 cm (altura); 270 g (peso)
Recolha etnográfica	No âmbito das recolhas etnográficas da Missão Antropológica de Moçambique.



**Figura 82: Cabaça**  
**Fonte: IICT/MUHNAC MAM-607/005**

IICT / MUHNAC	
Nº de inventário	MAM-607/126
Data	Século XX, 1946
Origem	Moçambique, Mueda
Título/denominação	Caixa
Descrição	Caixa de madeira constituída por corpo e tampa, de contorno circular. Apresenta decoração constituída por linhas incisadas. A tampa possui pega.
Categorias	Etnologia/ Objetos de Uso Ritual
Funções/usos	Uso ritual, segundo informação oral do Prof. Santos Júnior (diretor da Missão), este material possivelmente faria parte de um conjunto referente a um Curandeiro de Mueda. Eventualmente terá sido recolhido (adquirido?) em Mueda, distrito pertencente à atual província de Cabo Delgado (antiga região do Planalto de Mueda, na

	provincia de Niassa), em 1946, durante a 4ª campanha da MAM.
Incorporações	Material que terá sido recolhido (adquirido?) durante as campanhas da Missão Antropológica de Moçambique (1936-1956),
Materiais	Madeira (pau preto)
Medidas	5,3 cm (altura); 75 g (peso)
Recolha etnográfica	No âmbito das recolhas etnográficas da Missão Antropológica de Moçambique.



**Figura 83: Caixa**

**Fonte: ICT/MUHNAC MAM-607/126**

#### IICT / MUHNAC

Nº de inventário	MAM-607/004
Data	Século XX, 1946
Origem	Moçambique, Beira
Título/denominação	Objeto de benzeduras; <i>Mutchina</i> (designação local)
Descrição	Instrumento constituído por um cabo cilíndrico coberto por uma faixa de tecido enrolado, ao qual se encontra agregado pêlo comprido de animal. O cabo possui, em seu torno, um papel enrolado e preso por cordel, que contém a seguinte informação manuscrita "mutchina".
Categorias	Etnologia/Objetos de Uso Ritual
Funções/usos	Uso ritual, encontrando-se este material referenciado como pertencente ao <i>Nanga</i> Camba da Gorongoza. Terá sido recolhido/adquirido (?) na Beira (antiga provincia de Manica e Sofala) a 8 de Julho de 1946 (4ª campanha da MAM). Segundo Ana C. Roque, <i>Nanga</i> é a designação atual, corrente, no Sul de Moçambique para Médico Tradicional. Instrumento utilizado pelos curandeiros para benzeduras ou, muito simplesmente para afastar as moscas e mosquitos.

Incorporações	Material que terá sido recolhido/adquirido (?) durante as campanhas da Missão Antropológica de Moçambique (1936-1956).
Materiais	Pêlo de animal (rabo), tecido e madeira
Medidas	38,5cm (comprimento); 90g (peso)
Recolha etnográfica	No âmbito das recolhas etnográficas da Missão Antropológica de Moçambique.



**Figura 84: Objeto de benzeduras**  
**Fonte: IICT/MUHNAC MAM-607/004**

## Apêndice VI – Coleções selecionadas para o estudo de caso

LIVRO ANTIGO DE ANTROPOLOGIA		
COTA	AUTOR /DATA/TÍTULO	ASSUNTO
N-67	Costa, G. (1899). <i>Gaza: 1897-1898</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Casamento</li> <li>• Comércio</li> <li>• Fauna</li> <li>• Flora</li> <li>• Usos e costumes</li> </ul>
N-74	Lemaire, C.H. [s.d.]. <i>Voyage au Congo</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cerimónias</li> <li>• Religião</li> <li>• Ritual</li> </ul>
N-79	Bastos, A. (1911). <i>Traços geraes sobre a ethnographia do Districto de Benguella</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cerimónias</li> <li>• Crenças</li> <li>• Superstições</li> </ul>
N-92	Hobley, C. W. (1910). <i>Ethnology of a-kamba and other east african tribes</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cerimónias</li> <li>• Crenças</li> <li>• Danças</li> <li>• Magia</li> <li>• Religião</li> <li>• Ritual</li> </ul>
N-101	Hartmann, R. (1884). <i>Les peuples de l'Afrique</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comércio</li> <li>• Costumes</li> <li>• Religião</li> </ul>
N-130	Hovelacque, A. (1889). <i>Les nègres de l'Afrique Sus-Équatoriale</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dança</li> <li>• Etnografia</li> <li>• Música</li> <li>• Religião</li> </ul>
N-1459	Capello, H. (1881). <i>De Benguella ás terras de Iácca: descripção de uma viagem na Africa Central e Occidental</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caça</li> <li>• Expedição Botânica em África</li> <li>• Século XIX</li> <li>• Viagens de exploração a África</li> </ul>

COLEÇÃO DA DIAMANG		
COTA	AUTOR /DATA/TÍTULO	ASSUNTO
D-191	Garnier, C. (1951). <i>Le fétichisme en Afrique Noire : Togo-Cameroun</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crenças</li> <li>• Cultos</li> <li>• Fetichismo</li> <li>• Totetismo</li> </ul>
D-202	Santos, E. (1969). <i>Elementos de etnologia africana</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultura</li> <li>• Etnias</li> <li>• Família</li> <li>• Origem do Homem</li> <li>• Religião</li> </ul>
D-354	Wing, J. (1959). <i>Études Bakongo: sociologie, religion et magie</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Etnografia</li> <li>• Magia</li> <li>• Religião</li> <li>• Sociedades tradicionais</li> </ul>
D-378	Galhano, F. (1971). <i>Esculturas e objectos decorados da Guiné portuguesa no Museu de Etnologia do Ultramar</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bijagós</li> <li>• Escultura</li> <li>• Etnografia</li> </ul>
D-381	Mota, A. T. (1947). <i>Inquérito etnográfico</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Etnografia</li> </ul>
D-389	Schapera, I. (1940). <i>Married life in an african tribe</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Casamento</li> <li>• Família</li> <li>• Sociedades tradicionais</li> </ul>
D-428	[s.a.] (1929). <i>A colónia portuguesa de Moçambique</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• História de Moçambique</li> <li>• Geografia</li> </ul>
D-637 e D-638	Galvão, H. (1944). <i>Outras terras: outras gentes: viagens em África</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Etnografia</li> <li>• Geografia</li> </ul>
D-670	Cardoso, C. L. (1970). <i>Carta étnica de Angola: esboço</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Grupo étnico de Angola</li> <li>• Mapas</li> </ul>
D-717	Mouta, F. (1934). <i>Etnografia angolana: subsídios: África Ocidental portuguesa</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Etnografia</li> <li>• Mapas</li> </ul>

<b>D-723</b>	Lima, M. (1971). <i>Fonctions sociologiques des figurines de culte hamba dans la société et dans la culture Tshokwé (Angola)</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adivinhação</li> <li>• Arte</li> <li>• Quiocos</li> <li>• Magia</li> <li>• Organização social</li> <li>• Poder</li> <li>• Religião</li> </ul>
<b>D-730</b>	Redinha, J. (1962). <i>Distribuição étnica de Angola: introdução, registo étnico, mapa</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Etnologia</li> <li>• Linguística</li> <li>• Mapas</li> </ul>
<b>D-743</b>	Dinis, F. (1915). <i>Etnografia dos povos de Angola</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adivinhação</li> <li>• Caça</li> </ul>
<b>D-762</b>	Tomé, C. A. (1976). <i>Angola: culturas tradicionais [catálogo]</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adivinhação</li> <li>• Caça</li> <li>• Cestaria</li> <li>• Instrumentos musicais</li> <li>• Metalurgia</li> <li>• Símbolos do poder</li> <li>• Vestuário e adornos</li> </ul>
<b>D-791</b>	Milheiros, M. (1951). <i>Etnografia angolana: esboço para um estudo etnográfico das tribos de Angola</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adivinhação</li> <li>• Cerimónias</li> <li>• Mapas</li> <li>• Meios de existência</li> <li>• Religião</li> </ul>
<b>D-857</b>	Redinha, J. [s.d.]. <i>Álbum etnográfico</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arte</li> <li>• Objetos</li> <li>• Simbolismo</li> </ul>
<b>D-889</b>	Marjay, F. P. (1961). <i>Angola</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fotografias</li> </ul>
<b>D-967</b>	Sousa, L. R. (1967). <i>Moedas de Angola</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• História da moeda de Angola</li> </ul>
<b>D-1592</b>	Elisofon, E. (1958). <i>The sculpture of Africa</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escultura</li> <li>• Mapas</li> </ul>

COLEÇÃO DA MARIE-LOUISE BASTIN		
COTA	AUTOR /DATA/TÍTULO	ASSUNTO
MLB 32	Martins, J. V. (1993). <i>Crenças adivinhação e medicina tradicionais dos Tutchokwe do nordeste de Angola</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adivinhação</li> <li>• Costumes</li> <li>• Crenças</li> <li>• Magia</li> <li>• Medicina tradicional</li> <li>• Quiocos</li> <li>• Tchokwe</li> </ul>
MLB 37	Instituto de Antropologia (1983). <i>Angola: os símbolos do poder na sociedade tradicional</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Etnologia</li> <li>• Símbolos de poder</li> </ul>
MLB 72	Darbois, D. (1962). <i>African dance</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dança</li> </ul>
MLB 94	Brain, R. (1980). <i>Art and society in Africa</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arte</li> <li>• Escultura</li> <li>• Sociedade</li> </ul>
MLB 623	Bastin, M. L. (1984). <i>Introduction aux arts d'Afrique noire</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arte</li> <li>• Tshokwe</li> </ul>
MLB 632	Allison, P. (1988). <i>Arts de l'Afrique noire</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mapas</li> </ul>
MLB 716	Segy, L. (1969). <i>African sculpture speaks</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arte</li> <li>• Escultura</li> <li>• Fetichismo</li> <li>• Magia</li> <li>• Religião</li> <li>• Ritual</li> </ul>
MLB 844	Faik, C. M. (1993). <i>L'homme, la nature et l'art en Afrique Noire</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arte</li> <li>• Mapas</li> </ul>
MLB 1076	Harris, M. D. (1993). <i>Astonishment &amp; power</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cerimónias</li> <li>• Rituais</li> </ul>
MLB 1100	Parrinder, G. (1967). <i>African mythology</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adivinhação</li> <li>• Espiritismo</li> <li>• Mitologia</li> <li>• Sociedades secretas e ancestrais</li> </ul>



**BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E DO  
MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO**

<b>COTA</b>	<b>AUTOR /DATA/TÍTULO</b>	<b>ASSUNTO</b>
<b>29//9752 - A</b>	Redinha, J. (1973). <i>Sincretismos religiosos dos povos de Angola</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Religião</li> </ul>
<b>398//15382 - A</b>	Areia, M. L. R. (1974). <i>Estrutura magico-religiosa de uma trilogia tradicional nas populações de Angola</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adivinhação</li> <li>• Fetichismo</li> <li>• Magia</li> <li>• Religião</li> </ul>
<b>397 JUN 1962</b>	Junod, Henri A. (1962). <i>The life of a South African tribe.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Casamento</li> <li>• Etnografia</li> <li>• Indústria</li> <li>• Religião</li> <li>• Tonga</li> </ul>
<b>398 ARE 1974</b>	Areia, M. L. R. (1974). <i>L'Angola traditionnel: une introduction aux problèmes magico-religieux.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adivinhação</li> <li>• Fetichismo</li> <li>• Magia</li> <li>• Religião</li> </ul>



## Apêndice VII - Aplicação do modelo do McClung Fleming ao objeto *Nkisi Kozo*

### O artefacto

#### História

- O objeto foi doado ao MCUC, em 1896, por Alberto Saraiva da Costa;
- O *nkisi* provém do séc. XVII, tendo deixado de ser produzido no primeiro quartel do séc. XX. Milhares destes objetos foram recolhidos ao longo da costa africana e entraram na Europa, fundando novas coleções etnográficas;
- O *nkisi* é classificado como um objeto que operava em dois domínios cosmológicos, o abaixo e o acima;
- O homem do Nordeste praticava o exercício da caça, que constituía, no seu mundo ideológico a mais nobre das profissões. Por extensão deste prestígio, os cães de caça que se notabilizassem recebiam sepultura assinalada, equiparadamente aos seus donos e companheiros;
- A caça era praticada durante todo o ano, usando-se para esse fim, métodos diferentes e apropriados à época e às espécies;
- À medida que as reservas faunianas foram diminuindo e procurando refúgio em lugares menos acessíveis, o indígena do Nordeste foi-se adaptando à vida agrícola;
- O cão do mato, mais precisamente, no caso de Angola, o *lycaon pictus pictus*, acompanhava o caçador na lide da caça. Vivia em grandes manadas e perseguia o animal escolhido como presa;
- Os caçadores lunda-quiocos usavam um amuleto canídeo, que se destinava, sob invocação dos antepassados caçadores, a transmitir ao portador, o instinto do cão, para ser guiado, com segurança, na lide da caça.

## **Material**

- ✓ Madeira;
- ✓ Relicário de espelho escavado no dorso;
- ✓ Lâminas cravadas junto ao pescoço;
- ✓ Espelho nos olhos;
- ✓ Corda de fibras vegetais;
- ✓ Tecido coberto de vermelho;
- ✓ Tubo de bambu;
- ✓ Tecido em fibras vegetais;
- ✓ Argila vermelha.

## **Construção**

- O escultor criava o *nkisi* num pedaço de madeira, que era esculpida utilizando um pequeno machado arqueado com uma lâmina em ângulo e com a pega;
- Os acabamentos eram esculpidos com uma faca;
- Para proteger a escultura, o artista podia polir o *nkisi* com uma mistura de fuligem e graxa ou colocá-lo num banho de lama durante alguns dias. Seguia-se um tratamento com a seiva das raízes e folhas ou com pó *camwoo* e finalizava-se enegrecendo-o com poeira e fumaça de um fogo ritual;
- As figuras de madeira contêm poderosas substâncias aplicadas à sua forma, que podem incluir materiais derivados de origem animal, vegetal e mineral;

## **Design**

- Arte pitoresca, bizarra e selvagem, que reside na superioridade estética e original da visão individual de cada artista ou mesmo da concepção coletiva da tribo, que a distingue das outras já conhecidas. Os fatores da escultura angolar são paradoxais de inspiração e amiúde, bons obreiros técnicos, manufacturando os seus feitiços com

amor e cuidada fantasia de forma decorativa e minuciosa, anedótica e exagerada de intenção, simbólica, feroz e até por vezes, heráldica.

### **Função**

- A escultura tanto pode ter uma interpretação positiva como negativa;
- Os caçadores lunda-quiocos usavam um amuleto canídeo, que se destinava, sob invocação dos antepassados caçadores, a transmitir ao seu portador o instinto do cão de caça, para o guiar, com segurança;
- O objeto era usado como amuleto, a tiracolo, nas práticas de caça.

### **Identificação (descrição factual)**

- O *Nkisi Kozo* é a representação em madeira, de um cão, de pé, com um relicário de espelho escavado no dorso, três lâminas cravadas junto ao pescoço, cauda enrolada, orelhas arrebitadas e boca aberta. Tem um olhar fixo com incrustações de espelho. À volta do pescoço, tem um colar preso por uma corda de fibras vegetais. Tem um relicário ao centro, um pequeno saco de tecido coberto de vermelho e um tubo de bambu. Preso à cauda e ao dorso, tem um rolo de tecido em fibras vegetais com "bilongo". O rosto do *nkisi* é escuro e foi utilizada argila para pintar algumas partes da escultura;
- Tem 39 cm de comprimento e 19 cm de altura.

### **Avaliação (juízos; comparação com outros objetos)**

- O objeto é único, na sua forma, estilo, ornamentos, tamanho e custo;
- As figuras de madeira contêm substâncias (que eram consideradas poderosas) aplicadas à sua forma, que podem incluir materiais derivados de origem animal, vegetal e mineral;

- Trata-se de uma estatuária do género antropomorfa ou zoomorfa mas cravejada de pregos ou lâminas metálicas e outros objetos de carácter simbólico;
- A este objeto foram acrescentados aditivos pessoais, pedaços de vestuário e outras relíquias e foi selado com um espelho, simbólico da mística visão;
- Este tipo de escultura só era considerada poderosa se lhe fossem armazenados medicamentos numa bolsa, num vaso, numa jarra de uma estátua ou numa cavidade;
- A textura da sua superfície é pintada com um design vermelho ou branco;
- O *Nkisi Kozo* tem a forma de um cão, que pode ter uma única cabeça ou cabeça de casal.

### **Análise cultural (relação entre o artefacto e a sua cultura)**

- A comunidade onde este objeto foi produzido era constituída por um grupo simples, em que a maioria dos seus membros adultos participava nas decisões do dia-a-dia. Estas sociedades eram caracterizadas por um consenso, assegurado por valores cooperativos, e por não possuir instituições separadas. Nelas verificava-se um domínio do todo social sobre os seus membros e por um poder difuso, com pouca ou nenhuma estratificação;
- As suas normas, valores e significados estavam diretamente relacionados com as suas atividades: a apanha de frutos e raízes, a caça e a pesca;
- Quando era feita uma cerimónia com animais, o *Nganga* (adivinho), organizava devidamente uma série de ingredientes e movia-os dentro de um recipiente;
- O *nkisi* era classificado como aquele que operava em dois domínios cosmológicos, o abaixo e o acima. Podia estar também associado ao *Nkondi* (caçador), derivado da palavra *konda* (caçar sozinho e à noite). Este objeto

expressava a capacidade de poder ver além da superfície vítrea e penetrar no reino dos antepassados, ou seja, no mundo espiritual.

### **Interpretação (significado e valores das culturas presentes)**

- O objeto, ao ser entendido, na comunidade onde era utilizado, como um mediador entre os vivos e os mortos, tem subjacente as ideologias e crenças desta mesma comunidade num mundo espiritual e na existência de vida para além da morte;
- Este objeto, na sua decoração, tem representadas diversas superstições, demonstrando a importância atribuída aos feitiços, por parte da cultura africana;
- O artefacto, ao ser um amuleto que se destina a transmitir, ao portador, o instinto do cão de caça, expressa o estilo de vida da cultura que o originou, uma vez que esta se tratava de uma economia de subsistência que vivia da apanha de frutos e raízes, da caça e da pesca;
- O *nkisi* é, também, um veículo de comunicação uma vez que nele foram usados vários signos e símbolos que expressam diversos valores e sentimentos de quem o produziu. Por exemplo, o facto de estar selado com um espelho simboliza a existência de uma crença na possibilidade de se penetrar no reino dos antepassados (no mundo espiritual).





## Apêndice VIII – Contexto de exposição do objeto Nkisi Kozo

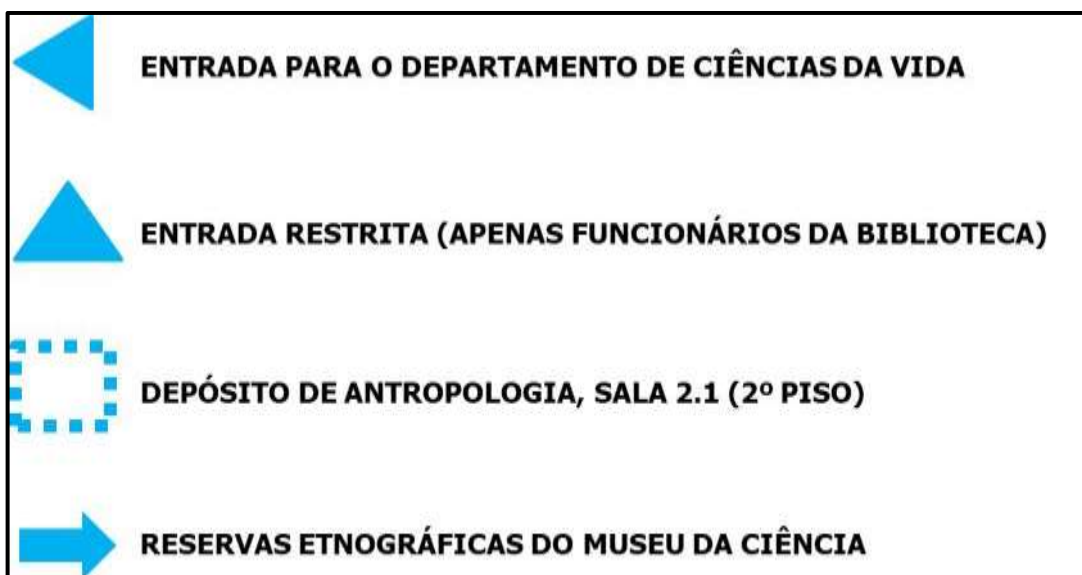
O *nkisi* provém do séc. XVII, tendo deixado de ser produzido no primeiro quartel do séc. XX. Milhares destes objetos foram recolhidos, ao longo da costa africana, e entraram na Europa, fundando novas coleções etnográficas.

Este objeto era classificado como aquele que operava em dois domínios cosmológicos, o abaixo e o acima. Podia estar também associado ao *Nkondi* (caçador), derivado da palavra *konda* (caçar sozinho e à noite). Expressava a capacidade de poder ver além da superfície vítrea e penetrar no reino dos antepassados (mundo espiritual). É uma representação de um amuleto canídeo, usado a tiracolo pelos caçadores, cuja função principal era a de transmitir ao portador, o instinto do cão, que o guie, com segurança, na lide da caça.

O escultor cria o *nkisi* num pedaço de madeira, que é esculpida utilizando um pequeno machado arqueado com uma lâmina em ângulo reto e uma pega. São também aplicados a este objeto lâminas, espelhos, fibras vegetais, tecido e argila vermelha. Para proteger esta escultura, o artista pode polir o *nkisi* com uma mistura de fuligem e graxa ou colocá-lo num banho de lama durante alguns dias. Por fim, é enegrecido com poeira e fumaça de um fogo ritual.



**Apêndice IX – Esquemas representativos de acesso ao Depósito de Antropologia (Livro Antigo e Coleções Especiais)**





**ENTRADA PARA A BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS DA VIDA**



**ENTRADA PARA O DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA**



**ENTRADA DO DEPÓSITO DE ANTROPOLOGIA**



**ENTRADA PARA O DEPÓSITO DE ANTROPOLOGIA, APÓS PASSAGEM PELA SALA 2.1**

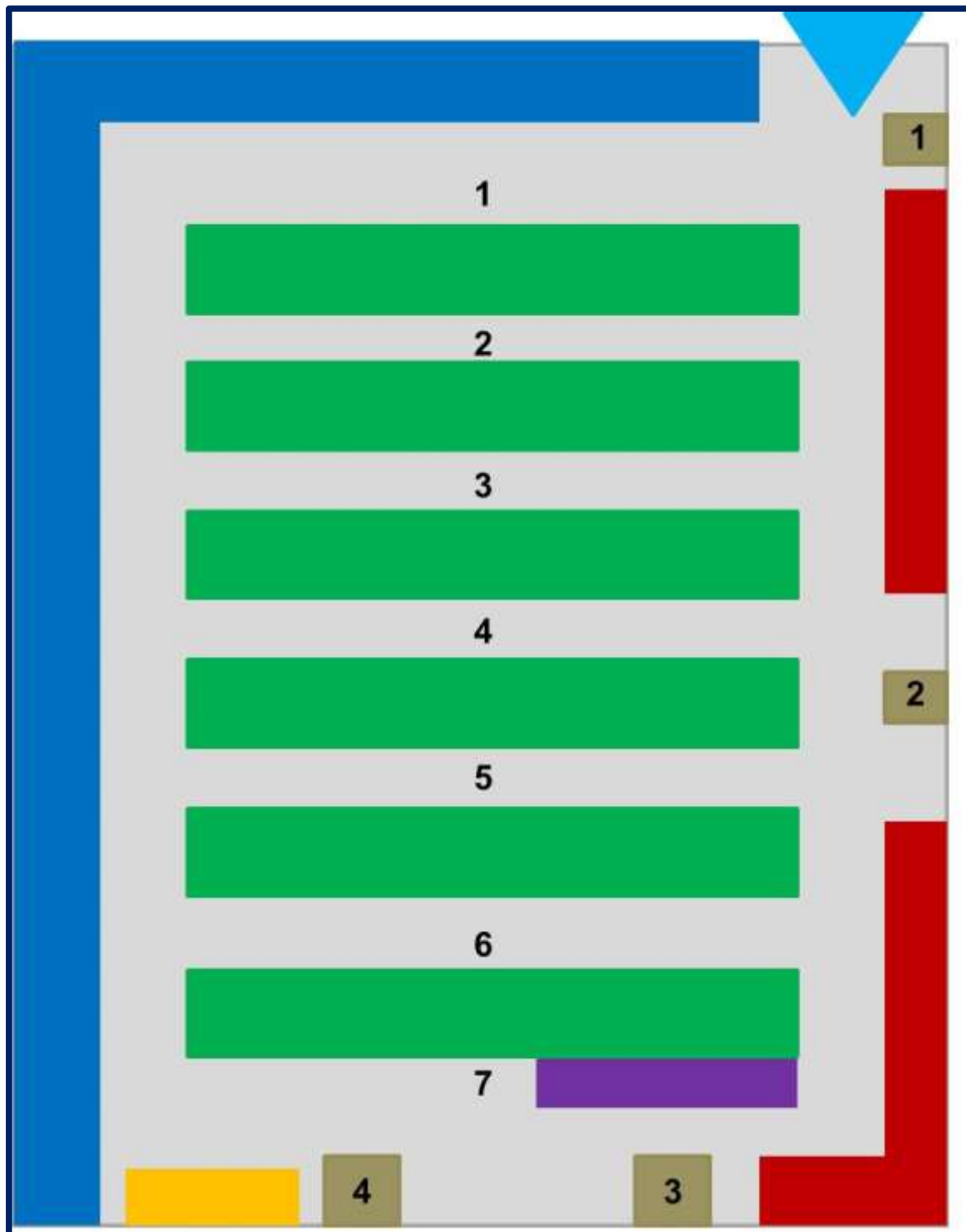










**ENTRADA DO DEPÓSITO DE ANTROPOLOGIA, CORRESPONDENTE À 1ª SALA DO DEPÓSITO DE ANTROPOLOGIA (LIVROS ARRUMADOS DE ACORDO COM A CDU E REVISTAS POSTERIORES A 1990)**

**ENTRADA PARA 2ª SALA DO DEPÓSITO DE ANTROPOLOGIA (LIVRO ANTIGO, COLEÇÕES ESPECIAIS E PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS ANTERIORES A 1990)**



**Apêndice X – Esquema ilustrativo da estrutura da sala do Depósito de Antropologia, onde se encontra a Coleção de Livro Antigo**



	<b>SEGUNDA SALA DO DEPÓSITO DE ANTROPOLOGIA</b>
	<b>ENTRADA PARA A SEGUNDA SALA DO DEPÓSITO DE ANTROPOLOGIA</b>
	<b>JANELAS</b>
	<b>COLEÇÃO ESPECIAL DIAMANG (ARRUMADA POR ORDEM NUMÉRICA)</b>
	<b>COLEÇÃO ESPECIAL MARIE-LOUISE BASTIN (ARRUMADA POR ORDEM NUMÉRICA)</b>
	<b>MATERIAL NÃO LIVRO</b>
	<b>LIVRO ANTIGO (ARRUMADOS POR ORDEM NUMÉRICA)</b>
	<b>PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS ANTERIORES A 1990 (ARRUMADAS ALFABETICAMENTE)</b>



## **Apêndice XI – Composição temática da Coleção de Livro Antigo e Coleção Especial da Diamang**

---

<b>1. Raças Humanas</b>
<b>2. Racismo</b>
<b>3. Semitismo</b>
<b>4. Craniologia</b>
<b>5. Antropologia biológica</b>
<b>6. Evolução biológica</b>
<b>7. História Antiga</b>
<b>8. Religião</b>
<b>9. Direito</b>
<b>10. Política</b>
<b>11. Gastronomia</b>
<b>12. Linguagem</b>
<b>13. Linguística</b>
<b>14. Etnopsicologia</b>
<b>15. Comportamento Social</b>
<b>16. História de Portugal</b>
<b>17. Relações diplomáticas – Portugal – História</b>
<b>18. Pré-história</b>
<b>19. Sociedades tradicionais</b>
<b>20. História das civilizações</b>
<b>21. Viagens</b>
<b>22. Evolução Humana</b>
<b>23. Etnografia</b>
<b>24. Culto dos mortos</b>
<b>25. Fósseis</b>
<b>26. Seleção natural</b>
<b>27. Grupos sanguíneos</b>
<b>28. História das ideias</b>
<b>29. Anatomia</b>
<b>30. Sistema nervoso</b>
<b>31. Malformações do músculo esqueléticas</b>
<b>32. Malformações congénitas</b>
<b>33. Literatura Popular</b>
<b>34. Superstições</b>
<b>35. Geologia</b>
<b>36. Ciência</b>
<b>37. Filosofia da natureza</b>

---

---

<b>38.</b>	<b>Expedições científicas</b>
<b>39.</b>	<b>Astronomia</b>
<b>40.</b>	<b>Saúde Pública</b>
<b>41.</b>	<b>Língua latina – Dicionários</b>
<b>42.</b>	<b>Bibliografia Portuguesa – até ao séc. XVIII</b>

---

**Tabela 8: Composição temática da Coleção de Livro Antigo, do estudo de caso**

---

**1. Administração Ultramarina**

**2. África**

**3. África ao Sul do Sahara**

**4. Álbum fotográfico**

**5. Angola**

**6. Angola e Brasil**

**7. Antologias**

**8. Antropologia Física**

**9. Antropometria**

**10. Antroponímia**

**11. Anuários**

**12. Armada**

**13. Arqueologia**

**14. Arquitetura Angolana**

**15. Arte**

**16. Arte Africana**

**17. Arte Angolana**

**18. Arte Negra**

**19. Atlas**

**20. Biafra**

**21. Bibliografia**

**22. Biblioteconomia**

**23. Biografias**

**24. Biologia**

**25. Botânica**

**26. Brasil**

**27. Cabo Verde**

**28. Campanha do Sul de Angola**

**29. Cartografia**

**30. Caractereologia**

**31. Cartoteca**

**32. Cassanje**

**33. Catálogos**

**34. Catanga**

**35. CCTA**

**36. Centro de Estudos de Etnologia do Ultramar**

**37. Cerâmica**

**38. Cestaria Africana**

**39. Ciências Humanas**

**40. Ciências Sociais**

---

---

<b>41. Cinema</b>
<b>42. Congo ex-belga</b>
<b>43. Congressos</b>
<b>44. Contos Africanos</b>
<b>45. Contos Populares</b>
<b>46. Crioulo</b>
<b>47. Danças Africanas</b>
<b>48. Demografia</b>
<b>49. Diamantes</b>
<b>50. Diamang</b>
<b>51. Dicionários</b>
<b>52. Direito</b>
<b>53. Costumeiro</b>
<b>54. Economia</b>

---

**Tabela 9: Composição temática da Coleção Especial da Diamang, do estudo de caso**

Apêndice XII – Esquema ilustrativo das Bibliotecas da Universidade de Coimbra

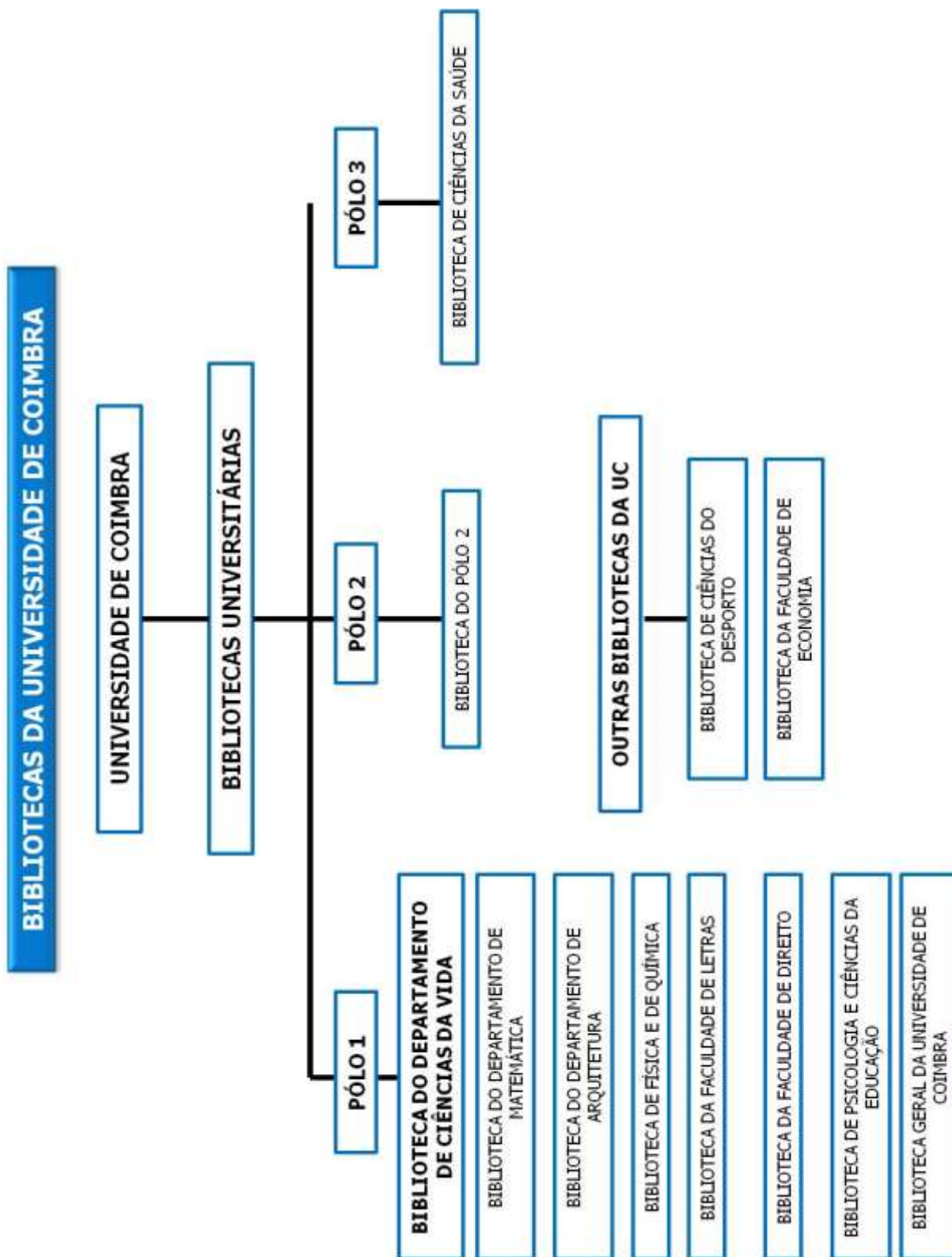


Ilustração 14: Bibliotecas da Universidade de Coimbra



# **ANEXOS**





## Anexo I – Esquema do Modelo McClung Fleming

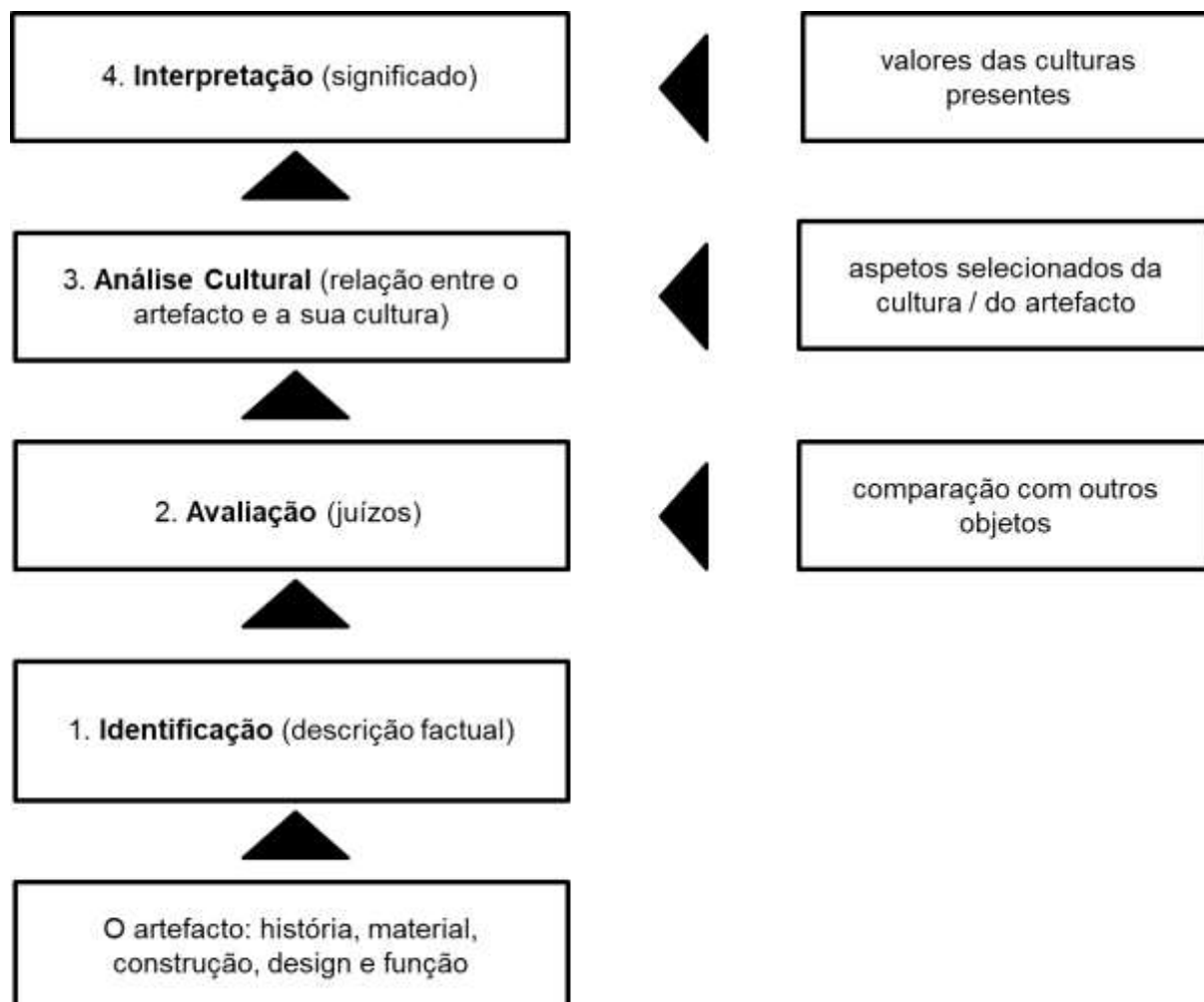


Ilustração 15: Diagrama de um modelo de estudo de artefactos

Fonte: adaptado de McClung Fleming, E., 1974, p. 154.